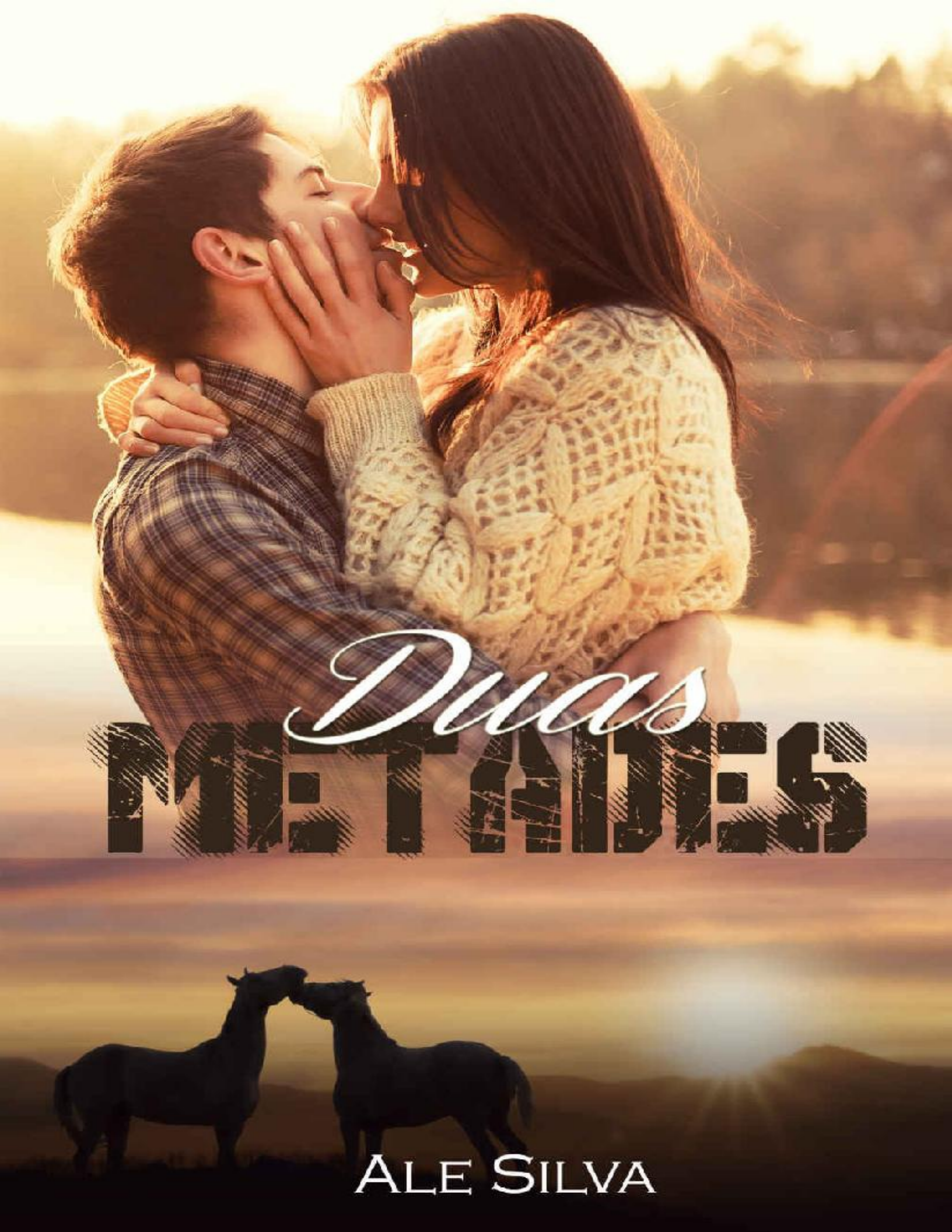
Duas
METADES
Ale Silva

Encontre mais livros como este no e-Livros

e-Livros.xyz

e-Livros.site

e-Livros.website

DUAS METADES

ALE SILVA

1° EDIÇÃO

2017

REVISÃO: JULIANA POLICARPO / CRISTIANE LANA

CAPA: ALIANE GRACIOTTE

DIAGRAMAÇÃO: ALEXANDRA SILVA

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. QUALQUER SEMELHANÇA COM FATOS, NOMES E ACONTECIMENTOS REAIS É MERA COINCIDÊNCIA.

DUAS METADES − 2017 −ALEXANDRA SILVA

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

SÃO PROÍBIDOS O ARMAZENAMENTO E/OU A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA OBRA SEM O CONSENTIMENTO DA AUTORA.

A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS AUTORAIS É CRIME ESTABELECIDO NA LEI Nº. 9.610/98 E PUNIDO PELO ARTIGO 184 DO CÓDIGO PENAL

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, por ter me permitido escrever este livro. Aos meus filhos, que mesmo sem ter certeza do que eu estava fazendo, me apoiaram. Vocês são meu mundo. A Aliane Graciotte e Juliana Policarpo, por insistirem e acreditarem em mim, quando nem eu mesmo o fazia. Vocês duas não têm noção de como o apoio e a amizade de vocês são importantes para mim. Sem vocês, eu não teria nem começado. A Cristiane Lana, por estar sempre ali, me apoiando, me dando dicas, por revisar com tanto carinho, por ser você. A Cris Fermino e Eliz Pinheiro, por estarem sempre comigo. A Carol Teles e Roberta Tamazia por todas as dicas que vocês me deram sobre um assunto tão delicado, eu não teria conseguido falar sobre ele se não fossem vocês. A Família AMBM, Lorene Fonseca e Renata Ziello, por comprarem a minha loucura e ainda me incentivarem. Amo todos vocês.

Índice

Sinopse

Prólogo

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo quatorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Epílogo

Bônus um

Bônus dois

Playlist

Siga Ale Silva nas redes sociais

Sinopse

Ana Luíza tem sua vida transformada na noite de sua formatura, graças a um motorista embriagado. Agora ela se dedica a cuidar de sua mãe, não tendo mais uma vida social. Até que surge uma nova oportunidade de emprego em suas mãos.

Na noite em que sai com sua amiga para comemorar a nova fase, conhece Edu em um bar.

Por mais que tente, não consegue tira-lo da cabeça, mesmo sabendo que as chances de se reencontrarem são quase nulas, já que ele não era de sua cidade.

Carlos Eduardo perdeu sua família quando tinha dezoito anos, vítimas de um assalto em sua residência. Depois de oito anos ele ainda não conseguiu voltar a ser a pessoa alegre que fora um dia.

Não consegue se envolver com mais ninguém, depois que sua ex-namorada tentou armar contra ele, de olho em sua herança.

Teve casos de uma noite, mas nenhuma mulher conseguiu quebrar as barreiras que ele criou em volta de seu coração. Até conhecer Ana.

Prólogo

Elizângela

Oito anos atrás.

O Júlio estaciona o carro próximo ao restaurante e seguimos juntos. Sempre almoçamos aqui, mas hoje está mais cheio do que de costume. Assim que nos vê, o maître se aproxima.

— Senhores, boa tarde! Desculpe-me pelo incômodo, mas houve um erro. Algum funcionário reservou a mesma mesa para duas pessoas. Peço que aguardem um momento e já iremos resolver. — Acenamos a cabeça em acordo.

Outro casal se aproxima e ele fala a mesma coisa. Viro-me para o Júlio que logo entende o que eu estou pensando.

— Nós poderíamos sentar juntos. Vocês se importariam? — Pergunta ao outro casal.

— Claro que não! Não vejo problema algum. — O homem responde.

— Os senhores têm certeza? — O maître questiona e concordamos. — Vou providenciar agora mesmo. A bebida será por nossa conta. Muito obrigado! — Diz e se afasta.

Alguns minutos depois, já estamos em nossa mesa sendo atendidos.

Começamos a conversar com o outro casal.

— Vocês têm um sotaque diferente. Suave, mas diferente. Não são daqui? — A mulher, que eu agora sei se chamar Cristiane, pergunta.

— Nós viemos para cá há uns vinte anos já. Somos fugitivos. — Respondo. Dou um sorriso e completo: — Minha família não aprovava nosso relacionamento e resolvemos fugir.

O Júlio segura a minha mão sobre a mesa e deixa um beijo em meus dedos.

— Eles achavam que eu queria o dinheiro da família dela. Não aceitavam que um rapaz pobre, como eu era na época, se relacionasse com a filha deles. Esta mulher aqui — Dá um sorriso e deixa um beijo em meus lábios. — largou tudo para fugir comigo.

— Só se eu fosse louca para não fazer. Como eu iria viver sem o grande amor da minha vida? — Viro-me para eles. — Foi a melhor decisão que eu já tomei. Hoje temos uma filha linda de dezesseis anos. — Faço uma pausa. — Agora falem um pouco de vocês.

— Nós somos casados há vinte anos também. O Alexandre foi meu primeiro namorado. Assim que ele se formou na faculdade, nos casamos. — Olham um para o outro de forma apaixonada. — Temos um filho de dezoito anos. Vai começar a faculdade de administração no próximo semestre. — Fala com orgulho.

— A nossa Luíza também quer fazer administração. Ainda falta um pouco para começar, mas não fala de outra coisa. — Tenho uma ideia e falo: — Nós poderíamos apresentá-los.

Vejo quando o Júlio e o Alexandre sorriem um para o outro.

— O que foi? Por que vocês estão sorrindo? — A Cristiane pergunta.

— Aposto que é pelo que eu falei. Não liga para eles. Fale-me mais sobre o seu filho.

— O Cadu é um menino de ouro! Sempre muito carinhoso, estudioso. Está namorando a filha de uma prima minha, mas não levo fé. Eles são muito diferentes. Ela vive destratando o melhor amigo dele, pelo simples fato do Marcelo ser filho dos nossos funcionários. Vivem brigando por isso. Acredito que não vá durar muito depois que ele começar a faculdade.

— Espero que você esteja certa, meu amor! Porque aquela lá é igual à mãe dela. As duas não valem nada. — O Alexandre fala.

— Pelo que vejo vocês não gostam muito desse namoro. Já conversaram com ele sobre isso?

— Não. Só o aconselhamos para que não mude por causa dela. No fundo eu espero que ele termine por si mesmo, mas, se estiver enganada e ele resolver dar o próximo passo, vou ter que conversar mais abertamente. Sinto-me um pouco culpada, pois eu que aproximei os dois. Ela e a mãe são minha única família viva e eu acabei deixando que ficassem sempre por perto.

— Sei como é. Nós queremos que eles aprendam sozinhos, mas, ao mesmo tempo, temos vontade de lutar as batalhas por eles.

— Exatamente. Agora é a sua vez de me contar sobre a sua filha. — Fala a Cristiane.

— Ela é um doce de menina. Esforçada, caseira. Prefere ficar em casa conosco a sair com os amigos. É muito apegada à Juliana, uma amiga dela, filha da nossa vizinha. As duas não se desgrudam. Tem seus namoricos, mas nada sério ainda.

— Espero que continue assim durante muito tempo ainda. Não gosto da ideia de ver meu tesouro namorando. — O Júlio fala do meu lado. Começamos a rir.

— Acho que tenho uma foto dela aqui. — Pego uma foto da Luíza na minha bolsa e passo para que eles vejam.

— Ela é linda, Elizângela! Parabéns! Eu tenho uma do Cadu aqui também. É antiga, pois ele agora está na fase de não querer tirar fotos, mas já é alguma coisa. — Entrega-me a foto.

— Ele também é muito bonito, Cristiane! Fariam um par lindo! — Dou um sorriso.

— Tenho que concordar com você. — Responde e sorri para mim.

O Júlio me olha e balança a cabeça sorrindo e vejo que o Alexandre faz o mesmo com a Cristiane.

Continuamos conversando amenidades e não percebemos a hora passar. Quando o almoço termina, trocamos os números de telefones e combinamos de manter contato.

Capítulo um

Ana Luíza

Paro em frente ao prédio e começo a lembrar de tudo que aconteceu nos últimos anos. Tento concentrar-me no aqui e agora, mas as lembranças chegam sem pedir permissão.

Fui criada sempre com muito amor pelos meus pais, eles casaram-se novos, sem o apoio da família da minha mãe, que sempre foi contra esse relacionamento.

Meu pai era de origem humilde, já a família de minha mãe tinha bastante dinheiro. Sempre o acusaram de querer se aproveitar dela para subir na vida.

Quando ela completou dezoito anos, eles fugiram. Deram duro juntos, sem nunca pedir ajuda a eles, conseguindo se estabilizar. Nunca me deixaram faltar nada. Não éramos ricos, mas tínhamos uma boa vida. Eles sempre me incentivaram a estudar, a lutar por aquilo que eu queria.

Na época em que entrei na faculdade de administração, deram uma festa para comemorar. Não cansavam de dizer que, independente de qual profissão eu escolhesse, tinha que dar tudo de mim.

Foi na faculdade que eu conheci o Guilherme, logo no primeiro dia de aula encantei-me por ele. Dois meses depois, estávamos namorando.

Caminho em direção ao elevador e, enquanto aguardo, lembro-me do dia da minha formatura. Já se passaram dois anos, mas não consigo esquecer. O dia que tinha tudo para ser o mais feliz da minha vida acabou se tornando meu pior pesadelo. O dia em que meu mundo desabou.

Cumprimento no automático o ascensorista, dizendo o andar que vou. O elevador faz seu caminho e para em todos os andares. Pessoas entram e saem o tempo todo, mas não consigo prestar atenção em ninguém.

Na minha cabeça vêm cenas do meu baile de formatura, no momento em que meus pais vieram se despedir.

—Filha nós já vamos. Sua mãe está cansada.

— Vou com vocês. É só o tempo de me despedir do pessoal. — Digo ao meu pai e caminho com o Guilherme para encontrar o resto do grupo. Ele puxa o meu braço, parando-me e fala:

— Você não pode ir agora! Nós tínhamos combinado de sair no fim da festa. Eu não vou ficar aqui sozinho só porque seus pais estão cansados, Ana Luíza.

— Ele está certo, filha. — Minha mãe fala e tenta amenizar o clima que ficou, pois tem várias pessoas nos olhando agora. — Fica! Hoje é seu dia. Você tem que aproveitar com seus amigos. Amanhã nós comemoramos mais no almoço.

Mesmo contrariada, resolvo ficar. Beijo os dois e volto para a pista de dança.

Depois de dançar algumas músicas, sinto um aperto no peito, um mal-estar. Aviso a Ju que vou ao banheiro e ela me segue.

Meu telefone vibra em minha bolsa. Pego o aparelho e vejo que é uma ligação de um número que não conheço. Fico em dúvida se atendo, mas o aperto no peito se intensifica e alguma coisa me diz que essa ligação é muito importante. Entro no banheiro para escutar melhor e atendo.

— Boa noite, aqui quem fala é o policial Teixeira, eu falo com a senhora. Ana Luíza? — Começo a tremer e a Ju se aproxima perguntando o que foi silenciosamente.

— Sou eu mesmo. O que aconteceu? São meus pais? Eles estão bem? — Faço uma pergunta atrás da outra sem dar tempo ao policial de responder.

— Peço para que fique calma. Eles sofreram um acidente e estão sendo levados ao hospital neste momento. Tem alguém que possa lhe acompanhar? Preciso que se dirija ao hospital...

Não consigo entender mais nada do que ele fala. Começo a chorar. A Ju se aproxima de mim e pega o celular da minha mão, para falar com o policial. Assim que termina a ligação, ela me guia para o nosso grupo, contando o que aconteceu.

— Vem Lu, o Guilherme vai nos levar amiga. Vai ficar tudo bem, fica calma. — Diz ela e me leva para a saída do salão.

O elevador para no andar para que eu desça e quase não percebo. Aproximo-me da recepcionista e identifico-me: — Boa tarde, meu nome é Luíza. A Sra. Rosane está me esperando. Você pode avisar que eu cheguei, por favor?

— Boa tarde, você deve ser a sobrinha dela. Meu nome é Aliane — Responde sorrindo. Forço um sorriso como resposta, ela continua — Sua tia pediu para te avisar que está em uma reunião com o senhor Marcelo, mas não vai demorar.

— Claro. Você pode informar-me onde fica o banheiro? — Pergunto a ela.

— Segunda porta a direita, neste corredor — Fala sorrindo enquanto aponta o dedo na

direção em que devo ir.

Dirijo-me pelo caminho indicado, na intenção de lavar o rosto, já que as lembranças me fizeram chorar mais uma vez.

As lembranças insistem em me atormentar e continuam chegando. A imagem do médico retoma meus pensamentos...

— Os parentes de Júlio e Elizângela. — Um senhor de cabelos grisalhos e jaleco branco diz o nome de meus pais.

Levanto-me num pulo e vou em sua direção.

— Sou eu Doutor, como eles estão? Diz que estão bem, por favor. — Peço aos prantos, com a Ju segurando meu braço.

— Preciso que fique calma. — Ele diz. — Acompanhe-me, por favor.

Ele começa a caminhar pelo corredor e nós o seguimos.

Entramos em uma sala onde ele aponta uma cadeira para eu me sentar. Ele senta-se na minha frente e começa a falar: —Sinto muito, mas o senhor Júlio não resistiu aos ferimentos. Já chegou para nós sem sinais vitais. — Desespero-me e começo a tremer.

Sinto a Ju segurar a minha mão, tentando me dar forças e o Guilherme está do meu outro lado segurando-me. O médico me dá um copo de água e pede que eu beba.

— Eu não quero água, quero meu pai. — Digo chorando muito. — Diz que o senhor se enganou doutor, pelo amor de Deus. Diz que isso não é verdade.

— Calma Luíza, você ficar assim não vai trazer seu pai de volta. Se acalme. — O Guilherme fala e não consigo responder.

— Calma Lu, estou aqui com você. — A Ju fala ao meu lado e questiona o médico. — Doutor, e a tia Elizângela, como ela está? — Olho para ele esperando a sua resposta.

— Ainda não posso lhes afirmar nada. Ela está passando por uma bateria de exames neste momento, para saber o seu real estado de saúde. Chegou aqui bastante ferida, agora é aguardar. Assim que tivermos uma posição eu aviso. Qualquer coisa é só pedir para me chamar. — Finaliza olhando para a Ju e sai da sala.

Deixo a água cair sobre meus pulsos, em seguida, lavo o rosto tentando me recompor. Começo a dar um jeito em minha maquiagem, na intenção de disfarçar o meu estado, para que a tia Rosane não perceba que andei chorando mais uma vez.

Pensar nela me faz lembrar como ela tem sido importante para mim e minha mãe durante esses últimos anos. Ela é nossa vizinha há muitos anos. Minha mãe, ela e a tia Dalva, mãe da Ju, eram inseparáveis. Nossas casas são vizinhas e isso por muitas vezes foi minha salvação.

Quando minha mãe deixou o hospital, estava com várias fraturas que lhe impossibilitavam de andar. Precisou de repouso durante um tempo, e depois, de muita fisioterapia. Como se não bastasse entrou em depressão.

Abri mão do serviço para cuidar dela, pois não tinha condições de ficar sozinha. Peguei trabalhos para fazer em casa mesmo, trabalhos de faculdade, coisas do tipo, com a intenção de ajudar nas contas já que estávamos somente com a pensão do meu pai e um dinheiro que ele tinha nos deixado. O tratamento e a medicação levavam boa parte desses.

Sempre que eu precisava sair para ir ao mercado, farmácia, ou entregar um trabalho, as duas ficavam com a minha mãe para mim. Insistiam para eu voltar a sair, mas eu me recuava a abusar mais da ajuda que elas já estavam me dando.

Nos seis meses seguintes, eu perdi quase todos os amigos, inclusive meu namorado. Eles não conseguiram aceitar minha nova vida. Achavam que eu deveria voltar a sair, arrumar um emprego em tempo integral, mesmo que para isso fosse necessário colocar minha mãe em uma casa de repouso.

Recusei-me e isso provocou muitas brigas entre nós. A pior foi com o Guilherme, justamente de quem eu mais esperava apoio.

— Você tem que ir comigo Luíza, eu não posso ir sozinho. Essa festa é muito importante, vão ter muitos clientes da empresa lá. Eu preciso fazer contatos e você me deve isso. Tem seis meses que não saímos.

— Eu tenho que ir? Eu te devo isso? Você tem noção do que acabou de falar, Guilherme? Eu não vou deixar minha mãe com ninguém para ir a uma festa só porque você quer que eu faça isso.

— Já falei que pago a melhor clínica de tratamento. Ela vai ser bem cuidada e nós podemos seguir nossas vidas. Eu quero oficializar o nosso noivado Luíza e não pretendo demorar a casar. Vou assumir a diretoria da empresa, mas para isso preciso que você coopere comigo. Quando nos casarmos vou precisar da sua ajuda para organizar os jantares, eventos, entre outras coisas. Vamos receber sempre pessoas em casa, se você tiver que se preocupar com a sua mãe, não vai conseguir fazer tudo do jeito certo.

— Jura, Guilherme? E o meu trabalho? Porque se não precisar mais cuidar da minha mãe, vou poder voltar a trabalhar. — Digo para ver o que ele vai dizer.

— Não, de jeito nenhum. Será que você não está escutando nada do que eu estou

falando, Luíza? Não vai ter como trabalhar e fazer as coisas que preciso que faça. Quando eu assumir o lugar do meu pai, você irá assumir o da minha mãe. Quero minha esposa em casa quando eu chegar de um dia cansativo de trabalho.

— Eu não estou escutando todos esses absurdos. — Balanço a cabeça como se isso tudo fosse sumir se eu o fizesse. — Nos conhecemos na faculdade Guilherme, você sabia dos meus planos. Eu nunca quis ser uma dona de casa. Sempre quis trabalhar, crescer na minha profissão. Se o que você quer é uma esposa troféu para exibir, escolheu a pessoa errada. — Limpo as lágrimas que teimam em descer. — Por favor, sai. Não quero mais discutir, não me procure mais.

— Se eu passar por aquela porta, Luíza, não vou voltar. Pensa bem no que você está fazendo. Estou te oferecendo o que muitas mulheres dariam tudo para ter.

— Eu não sou como elas. Vai procurar uma que aceite então. Fique a vontade.

— Você vai se arrepender, mas aí já vai ser tarde demais. — Vira-se e sai batendo a porta.

Isso me traz ao aqui e agora. A tia Rosane estava se aposentando, precisava de uma pessoa para colocar em seu lugar.

— Tia não dá, agradeço de coração, mas não tem como eu ir. Não posso deixar minha mãe sozinha.

— Menina quando é que vai entender que vocês duas nunca ficarão sozinhas? Eu vou ficar com ela. Não vou ter nada para fazer, posso muito bem ficar com a minha amiga para você ir trabalhar.

— Isso não tem sentido. A senhora vai se aposentar para descansar tia, e não para ficar aqui tomando conta da minha mãe. Pode ser cansativo, não posso aceitar isso. Desculpa, mas não dá.

— Se eu te falar que não vou fazer isso sozinha? A Dalva também vai ajudar, filha. Nós vamos revezar, não vai ser cansativo para ninguém. Vai ser bom, isso sim. Nós vamos fazer com que sua mãe se lembre dos nossos tempos juntas. Isso pode ajudá-la no tratamento contra a depressão. O que nós queremos é trazer a alegria de volta para ela. Você acha que ela gosta de te ver presa dentro de casa? Se você não estiver feliz, não vai conseguir faze-la também. — Diz segurando minha mão.

— Não sei tia, eu não quero dar trabalho para a senhora e a tia Dalva. Quem tem que tomar conta dela sou eu.

— Mas é isso mesmo que você vai fazer filha. Ela não vai ficar com estranhos, vai ficar com amigas enquanto você trabalha. O salário é bom, vai te ajudar muito. Eu sei que o

tratamento dela não sai barato e, além disso, ainda tem o plano de saúde. Ela não vai mais precisar depender de hospitais públicos. Pensa bem, se eu achasse que não seria bom para vocês duas, nunca ofereceria isso a você. Além disso, eu preciso de alguém de total confiança para o meu lugar. Eu estou com eles desde o começo, não posso colocar qualquer pessoa.

— Quando começaria? — Pergunto — Semana que vem. Eu vou ficar duas semanas com você, para te passar o serviço. – Tento falar, mas ela não deixa. — Nem começa. A Ju está entrando de férias no mesmo dia e já disse que irá revezar com a Dalva para ficar com a sua mãe enquanto isso.

Olho para a porta do quarto e vejo minha mãe vindo para a sala com a Ju.

— Aceita filha. Vai ser bom para nós duas. Eu vou ficar bem e você precisar sair, conviver com pessoas da sua idade. Por favor.

— Sou voto vencido pelo jeito. Juntaram-se contra mim não é? —Falo brincando. — Tudo bem, eu aceito.

— Ótimo. Pode ir amanhã mesmo, leva seus documentos e eu te apresento para o Marcelo. Você vai trabalhar direto com ele, ajudando a administrar a empresa.

Saio do banheiro e volto para recepção, onde a encontro.

— Boa tarde Lu. Vejo que você já conheceu nossa Ali — Fala sorrindo, indicando a Aliane, que pelo que eu posso perceber, não mencionou o estado do meu rosto quando cheguei aqui, fazendo-me gostar dela logo de cara. Forço um sorriso e respondo.

— Já sim tia Rosane, ela me deu seu recado.

— Vamos à sala do Marcelo então para poder te apresentar. — Diz e puxa-me pela mão. Consigo apenas dar um sorriso de despedida para a Aliane.

— Marcelo. Esta é a Luíza, minha sobrinha que eu te falei — Diz quando entramos na sala.

— Boa tarde, Luíza. Se você for metade do que ela fala, vai me deixar muito feliz. — Estende sua mão em minha direção, sorrindo para mim.

— Boa tarde, senhor Marcelo. Espero não decepcionar vocês dois. —Respondo apertando sua mão.

— Senhor Marcelo não. Só Marcelo está ótimo. A menos que tenha um cliente junto. — fala.

Conversamos mais um pouco, o Marcelo diz que me espera na segunda-feira para o meu

primeiro dia de trabalho e nos despedimos.

De lá, vamos ao RH, onde conheço a Fernanda, para entregar os meus documentos. Na saída, minha tia diz que tem que voltar logo, pois tem algumas coisas para resolver, que nos vemos mais tarde. Dá-me um abraço, me deseja sorte e diz ter certeza de que vou gostar de todos aqui. Sou obrigada a concordar com ela.

Quando saio do prédio, meu telefone toca. Pego o celular e olho para o visor. A foto da Ju aparece fazendo careta. Não tem como não rir. Desconfio ter sido essa a sua intenção quando a colocou como foto de seu contato para aparecer sempre que me liga.

Atendo logo antes que ela infarte de nervoso. Está para nascer alguém mais ansioso que ela.

— E aí? Como foi? Gostou da empresa? As pessoas são legais? O seu futuro chefe, é gato? Anda, me responde logo que estou nervosa aqui já. — Fala quando atendo sem nem me dar tempo de dizer alô.

— Boa tarde para você também. — Digo só para implicar.

— Não me enrola. Fala logo — Responde.

— Ju, eu acabei de sair do prédio agora e estou indo para casa. Assim que eu chegar, nós conversaremos melhor, ok? Vou desligar para pegar o ônibus. Beijos.

— Tudo bem. Beijos. — Fala contrariada. Desligo o celular e sigo para casa.

Capítulo dois

Carlos Eduardo

Pego meu cavalo e saio para espairecer um pouco. Estou com a cabeça cheia, preciso de uma distração.

Hoje seria o aniversário do meu pai. Lembro perfeitamente dos nossos momentos juntos, da minha infância e adolescência, com ele sempre presente. Isto até ser tirado de mim de uma maneira horrível, deixando-me sozinho.

Eu tinha dezoito anos quando saí com meu amigo Marcelo, para uma festa. Meus pais ficaram em casa. Sempre que possível, eles queriam esses momentos sozinhos. Às vezes, quando chegava em casa, os encontrava namorando no sofá como dois adolescentes.

Acredito que estavam fazendo justamente isso, quando a casa foi invadida por bandidos armados. Eles não reagiram, mas, mesmo assim, os bandidos atiraram no meu pai.

Fui avisado que os dois tinham sido levados ao hospital, meu pai em estado crítico e minha mãe desesperada. Corri para encontrá-los.

— Sinto muito. Nós fizemos tudo o que estava ao nosso alcance, mas, infelizmente, não conseguimos reverter o caso. O senhor Alexandre teve uma parada cardíaca na sala de cirurgia. — Ouço o médico falar e quando olho para minha mãe, ela está desacordada.

— Mãe, mãe. O que está acontecendo, doutor? Pelo amor de Deus, o senhor tem que salvá-la. — Digo a ele.

Vejo quando levam minha mãe para uma sala e fecham a porta, deixando-me do lado de fora com o Marcelo e a tia Nilza. Algum tempo depois, o médico sai da sala para falar conosco.

— O que ela teve doutor? Como ela está? — Pergunto assim que ele chega até nós.

— Ela teve um infarto, mas conseguimos estabilizá-la. Pediu para falar com a senhora Nilza e com o Cadu, quem são? — Nos identificamos, e ele nos guia para o quarto onde ela está. — Peço para que tentem não cansá-la muito. Não vão poder demorar também. — Nos alerta. — Qualquer coisa, toque a campainha ao lado da cama.

Concordamos e ele nos deixa sozinhos com ela.

— Nilza, minha amiga, quero pedir um favor. — Começa a falar com a voz um pouco mais do que um sussurro. — Cuida do meu filho para mim. — Seguro em sua mão. Ela me

olha e continua. — Você, Cadu, nunca se esqueça de tudo que seu pai e eu lhe ensinamos. Lembre-se que não é melhor que ninguém. A Nilza, Edmundo e o Marcelo serão sua família agora.

— Mãe, pare com isso! Você vai ficar boa logo. Daqui a pouco iremos sair daqui juntos. — Beijo sua testa e ela recomeça.

— Deixe-me terminar, filho. Não confie na Patrícia e nem na Elisabeth. Eu não devia ter deixado as duas se aproximarem de nós. Só o fiz por serem nossa única família de sangue, mas me arrependo disso todos os dias quando vejo vocês dois juntos. — Vejo em seu rosto o arrependimento sobre isso. — Agora me deixe a sós com minha amiga.

Beijo seu rosto mais uma vez e saio do quarto falando: — Daqui a pouco eu volto. Vou ficar aqui na porta esperando.

Tia Nilza e minha mãe eram muito amigas. Ela começou a trabalhar para os meus pais logo que eles se casaram, junto com o tio Edmundo. Quando minha mãe engravidou, a tia descobriu estar grávida também. Cresci junto com o Marcelo e, assim como minha mãe sempre fala que a tia Nilza é sua melhor amiga, o Marcelo é o meu.

Escuto um barulho vindo do quarto onde minha mãe está e logo vejo médicos e enfermeiras entrarem. Tia Nilza sai e eles não me deixam passar.

— Tia, o que está acontecendo? O que ela queria? — Pergunto a tia Nilza que chora.

— Ela se despediu, meu filho! Queria pedir para cuidar de você como filho. Que nós fôssemos sua família.

— Não, tia! Ela não vai precisar disso. Ela vai estar aqui comigo. — Olha-me e balança a cabeça em negativa.

— Cadu, ela se foi também. Ela não aguentou, filho. — Suas palavras tiram minhas forças e caio em meus joelhos. Sinto o Marcelo e a tia me abraçando.

Quando saí do hospital, não consegui voltar para casa. A nossa sala, onde tínhamos passado por tantos momentos felizes, tinha marcas de sangue, era a cena de um crime.

Tia Nilza me levou para a sua casa e continuei por lá até o dia da leitura do testamento, apesar de a Patrícia, as poucas vezes que nos víamos, já que não gostava de ir a casa dela, tentar me convencer a todo o momento de voltar a morar na minha casa com ela.

A leitura foi feita no escritório do advogado de meus pais, o Dr. Osvaldo, um senhor por volta de sessenta anos que já estava com meus pais há anos. Tia Nilza, tio Edmundo e Marcelo também foram chamados. Patrícia e Elisabeth, apesar de não terem sido chamadas, ficaram indignadas e acabaram aparecendo no escritório também. Como não andava com cabeça para

nada, não me opus à presença delas.

Meus pais eram donos de vários imóveis e algumas empresas. Uma rede de padarias e uma de minimercados. Meu pai acabou abrindo uma firma de construção civil, para ajudar um amigo que se tornou sócio dele.

Eles deixaram uma casa para tia Nilza e tio Edmundo, e para o Marcelo, uma quantia em dinheiro que o possibilitaria não se preocupar com a faculdade. Seus outros bens ficaram para mim.

Elisabeth se revoltou, alegou algum erro no testamento, que meus pais não poderiam ter deixado bens para os empregados e nada para elas. Tentaram me convencer a contestar o testamento. Respondi que isso estava fora de questão.

Pedi ao Dr. Osvaldo para conversar com os meus tios e o Marcelo em sua sala e falei para que as duas saíssem também. Elas não gostaram, mas eu não ligava mais para o quê pensavam ou queriam. Nem sei por que ainda sustentava esse namoro.

— Tia Nilza, quero que vocês venham morar comigo em um dos apartamentos. O Marcelo e eu já tínhamos combinado de morar juntos durante a faculdade, mas, agora, eu quero vocês três comigo. O apartamento é grande, não vamos ter problemas com isso.

— Meu filho, eu te agradeço, mas não tem necessidade, nós temos a nossa casinha e ainda tem a que seus pais nos deixaram. Podemos continuar trabalhando para você. Não vamos te deixar sozinho. Prometi a minha amiga que cuidaria de você e vou cumprir.

— Vocês podem alugar a casa de vocês. Esta, que meus pais deixaram, está alugada, vocês passarão a receber o valor do aluguel. Enquanto isso, vocês ficam no meu apartamento. Nós vamos precisar de alguém para nos olhar, tia, cuidar da nossa alimentação, cobrar horários enquanto estudamos. A senhora sabe como somos. Precisamos de nossa mãe por perto. — Ela me olha e começa a chorar.

O Marcelo sai para pegar um copo de água para ela e, quando volta, está com a cara vermelha de raiva. Conheço meu amigo e sei que aconteceu alguma coisa para deixá-lo assim.

— Marcelo que cara é essa? O que aconteceu?— Pergunto.

— Acabei de ouvir uma conversa da Patrícia e da mãe dela. — Ele diz e faço sinal para que continue. — Aquelas duas víboras estavam tramando para convencê-lo a casar com a Patrícia o mais rápido possível. A Patrícia respondeu que achava difícil, pois vocês dois estavam afastados ultimamente, mas a Elisabeth a mandou engravidar ou, pelo menos, fazer você achar que ela estava. Elas querem te dopar, cara.

— Tem mais, não é? Eu te conheço. Fala logo Marcelo.

— A Elisabeth mandou a Patrícia procurar o Alex para engravidar. Eles são amantes, Cadu.

— Deixem achar que eu não sei de nada. Vou para a casa delas hoje. — Eles tentam falar, mas não dou chance. Estou cego de raiva agora. Já aturei coisas demais dessas duas, agora chega. — Marcelo, vou precisar da sua ajuda. Vamos ficar nos falando por mensagem. Quando ela quiser me dopar, você dá um jeito de tocar o interfone, assim eu troco as bebidas.

— Tem certeza, filho? Pode ser perigoso. Não estou gostando disso! — Fala a tia Nilza preocupada.

— Vai ficar tudo bem, tia. Pode ficar tranquila. — Digo e saímos da sala juntos.

As duas estavam me esperando na recepção. Assim que me veem, levantam-se e se aproximam.

— Vamos lá para casa um pouco, meu amor? Estou com saudades de você. — Fala a Patrícia.

Tenho que me controlar para não explodir. Falta pouco para desmascará-las.

— Vai sim, precisam se distrair, ficar um pouco sozinhos. — Elizabeth fala com um sorriso falso. — Vou para a casa de uma amiga para deixá-los mais à vontade.

Despeço-me dos tios e do Marcelo, confirmando com um aceno de cabeça.

Logo que chegamos ao apartamento, Patrícia tenta me beijar. Dou uma desculpa e vou enrolando. Ela pega uma bebida e eu coloco meu plano em prática, mandando uma mensagem para o Marcelo. Não demora muito, o interfone toca.

— Você não vai atender? — Pergunto.

— Não. Seja quem for, volta depois. — Diz com a voz mansa. — Agora eu quero ficar com você. — Tenho que me controlar. Não aguento mais escutar nem a voz dela.

— Pode ser importante, não vou fugir. — Tento convence-la. — Vai atender que vou ficar aqui te esperando.

Ela sai para atender e eu troco os nossos copos. Quando volta, não percebe a troca e toma a bebida que seria para mim.

Pouco tempo depois, ela está dormindo. Pego seu celular e mando uma mensagem para o Alex, pedindo que venha para o apartamento. Ele não acredita de primeira, provavelmente por saber de tudo, mas, quando digo que teve mudanças nos planos, ele logo responde que já está a caminho.

Escuto o interfone tocar. Mando uma mensagem para o Marcelo, confirmando se ainda está por aqui e ele responde que sim. Sem falar nada para que ele não reconheça minha voz, abro o portão de entrada. Vou até a porta do apartamento e, minutos depois, ele chega. Quando me vê, fica espantado.

— Pode entrar Alex, faça bom proveito. — Dou passagem a ele. — Não precisa mais se preocupar em dividir. Agora a Patrícia é toda sua.

— Do que você está falando? — Pergunta fingindo não saber de nada.

— Não precisa fingir para mim, seu idiota. Eu já sei de tudo. — Falo com raiva. — Fala para a sua amante, para tomar cuidado da próxima vez. As paredes podem ter ouvidos. — Vou até ele e dou um soco no seu nariz. Ele cambaleia para trás e não reage. — Só mais um recado. — Falo bem próximo ao seu rosto. — Diga para aquela puta manter distancia de mim. Se me procurar ou tentar falar comigo, eu vou fazer com que todos os nossos amigos saibam quem ela realmente é.

Saio do apartamento sem olhar para trás.

O medo foi o suficiente para me deixarem em paz e não me procuraram mais. Depois de alguns meses, soube que se mudaram para a Europa. Elisabeth tinha se casado com um italiano rico de setenta e cinco anos.

Fiz minha faculdade com o Marcelo. No meio dela, abrimos nossa empresa de prestação de serviços. Queríamos uma maneira de o tio Edmundo e a tia Nilza nos ajudarem, pois eles não queriam mais ser pagos morando conosco.

Nossa empresa tinha diversos tipos de serviço. Oferecíamos diaristas, motoristas, jardineiros, garçons, essas coisas. Sempre que alguém ou alguma empresa precisava de um serviço extra para algum evento, nos contratava.

No escritório mesmo haviam poucos funcionários. Hoje em dia, após seis anos de inauguração, os tios não trabalhavam mais.

Era só o Marcelo, como sócio-diretor, a Sra. Rosane, vinda do escritório que meu pai tinha para administrar as empresas, já que precisávamos ter alguém de toda confiança do nosso lado, sendo secretária e administradora, a Aliane na recepção e a Fernanda no RH.

Os outros funcionários ficavam praticamente na rua. Só apareciam para receber, entregar algum documento ou algo do tipo.

Acabei me mudando para uma fazenda quatro meses atrás. Não queria mais a confusão da cidade grande. Os amigos insistindo em saídas todas as noites para beber.

Não conseguia mais achar graça nessas noitadas. Sempre acabavam da mesma maneira:

com uma mulher se atirando em mim por interesse.

Meus pais tinham esta fazenda, ficava próxima à cidade, mas distante o suficiente para que eu tenha paz. Eu tenho um haras e a intenção de começar um centro de equoterapia, além de abrir uma parte da fazenda para eventos como casamentos e aniversários.

Só aparecia na cidade umas duas vezes ao mês, isso porque precisava ter um controle sobre as empresas. Todas tinham gerentes bastante competentes que tomavam conta de tudo, me deixando tranquilo. Era só uma prestação de contas, nada mais.

Vejo que já está anoitecendo. Se eu não voltar logo, vó Aurora vai mandar alguém atrás de mim. Ela já trabalhava na fazenda na época dos meus pais e continuou comigo.

Foi só por causa dela que tia Nilza aceitou que eu viesse para cá e saísse debaixo de sua saia.

Puxo a rédea do cavalo, faço a volta e vou para casa tomar um banho, tentar comer alguma coisa e descansar.

Quando chego em casa, ela está na porta com um dos funcionários, já pronto para ir à minha procura. Ela sabe que dia é hoje e, que apesar de tentar demonstrar força, esses dias são os piores para mim.

— Boa noite vó. — Falo dando um beijo em sua cabeça.

— Não tente me comprar com esse beijo, menino. Já está escuro. Sabe que é perigoso ficar andando por aí sozinho a esta hora. — Responde brava.

Apesar de não ser mais uma criança, ela continua me tratando como se eu fosse. Dou outro beijo nela.

— Desculpa. Acabei me distraindo com a hora. E a senhora sabe que eu não sou mais aquele menino de oito anos né? — Pergunto tentando melhorar o clima.

— Você será sempre o meu menino, não interessa a idade. Vai já tomar banho porque a janta está pronta e saco vazio não para em pé. — Diz me colocando para dentro de casa.

Subo as escadas para o meu quarto e vou direto para o chuveiro. Tiro a roupa e deixo a água correr no meu corpo, tento focar somente nas boas lembranças que meus pais me deixaram. Não quero deixar a vó Aurora mais preocupada do que o normal comigo.

Capítulo três

Ana Luíza

Hoje faz uma semana que a tia Rosane se aposentou e eu estou sozinha no serviço. A Ju quer porque quer sair para comemorar. Disse que não aceitava um não como resposta e as tias me obrigaram a aceitar, dizendo ter mais de dois anos que eu não saía, que eu precisava me distrair um pouco.

Junto minhas coisas e saio para encontrá-la. Nós iremos a um bar com música ao vivo perto daqui e marcamos de ir direto, pois era caminho.

— Boa noite, Ali. Até segunda. — Falo ao passar por sua mesa e percebo que ela se preparar para sair também.

— Boa noite, Lu. Aproveita a noite por mim. — Responde com um sorriso. Mando um beijo, entro no elevador e cumprimento o ascensorista, um senhor muito simpático que está sempre com um sorriso no rosto.

Quando chego ao bar, encontro a Ju na porta me esperando. Dou um beijo nela e entramos à procura de uma mesa. Achamos uma mais afastada a qual sentamos.

— Vai, pode começar a falar. — Ela fala enquanto acena para um garçom.

— Falar o quê? Não tenho nada para contar. — Digo só de implicância, sabendo que vou irritá-la. E isso acontece na mesma hora.

— Claro que tem. Quero saber tudo sobre o seu trabalho. Conte-me tudo e não me esconda nada. Quero detalhes, pode começar. — Diz. Abro um sorriso. Ansiosa como sempre.

O garçom pergunta o que vamos querer, pedimos uma porção de batatas fritas e dois refrigerantes, ele anota e sai, viro-me para a Ju e começo a falar.

— Estou gostando bastante. O Marcelo, a Ali e a Nanda são bem legais. — Ela me olha de um jeito e eu já sei o que está pensando. — Nem começa, — Falo — deixa de ciúmes.

— Não estou com ciúmes nenhum. — Diz. Ergo a sobrancelha para ela. — Tudo bem, só um pouco. Sabe como sou ciumenta, mas estou muito feliz por você. Não te vejo assim há tanto tempo. Você está mais leve, mais alegre. Senti falta da minha amiga nas farras comigo — Dá um sorriso.

— Sou obrigada a concordar com você Ju e, confesso, agora percebo que também senti falta disso. Depois do acidente, todo mundo foi se afastando. Não acho que perdi não, só me

livrei mesmo. Porque os que fizeram isso, me mostraram que não eram amigos de verdade. — Ela acena concordando. — Não estou falando que me arrependo. Faria tudo outra vez do mesmo jeito. Largaria tudo para cuidar da minha mãe, mas sentia falta de ver gente, de sair sabe?! Não vou voltar a sair direto, mas quero começar a fazer isso sim. Até porque eu preciso me distrair. Se ela desconfiar que sinto falta, é capaz até de piorar. Tenho que ficar bem, tranquila, para poder ajudá-la, ou só vou fazer com que fique mais para baixo ainda. — Dou um suspiro.

Precisava falar isso, e ninguém melhor do que a Ju para escutar. Ela viu por tudo que passei desde o início, estava comigo em cada momento, com certeza me entende.

— Você é uma filha maravilhosa, Lu. Tenho certeza que a tia está muito orgulhosa de você. O tio também deve estar lá de cima com um sorriso enorme te olhando. — Aperta minha mão completando — Mas agora chega desse assunto. Nós viemos aqui pra comemorar e não para ficar com essa cara de choro. Vamos aproveitar nossa noite.

O garçom chega com nosso pedido na mesma hora em que a banda começa a tocar. Decido que ela está certa. Viemos aqui para curtir um pouco, então é isso que vamos fazer.

Conversamos sobre tudo e nada. Sempre foi assim, nunca nos faltou assunto. Ela me conta sobre o seu dia, falo do meu enquanto comemos e bebemos. Pedimos mais algumas coisas para beliscar, deixando de lado a dieta. Hoje podemos abusar.

A banda continua a se apresentar com um repertório bem eclético. Não demora muito, ela me puxa para um espaço reservado para dançar. Está tocando Marília Mendonça, que eu sei que ela adora.

Vejo dois homens se aproximarem. Chegam bem perto e perguntam se queremos companhia. Um deles, o mais moreno, trabalha no mesmo prédio da Ju e vai em sua direção, o outro, mais branquinho, vem na minha. Eles são bem bonitos e vejo que ela está bem à vontade com isso.

Dançamos mais um pouco e digo que preciso sentar e beber alguma coisa. Eles se oferecem para nos acompanhar. Olho para a Ju, ela está esperando minha resposta, dando-me a opção de negar, mas não faço isso.

Seguimos em direção a nossa mesa, com os dois logo atrás de nós. Assim que sentamos, eles oferecem para pagar uma bebida. O mais moreno, acho que Léo, acena chamando o garçom e ficamos conversando.

Uma hora depois, vejo a Ju aos beijos. Não demora muito, ele a chama para ir a uma boate e o outro pergunta se quero ir junto. Vejo que mais uma vez ela me olha esperando que eu decida.

— Deixa para a próxima. Estou cansada, não quero chegar muito tarde, vão vocês. — Ela tenta falar alguma coisa, mas não deixo. — Vai sim, Ju, eu já vou para casa. Vou pegar um táxi aqui na frente, fica tranquila.

— Tudo bem, mas vamos ao banheiro antes. — Levanta e me puxa pela mão. — Tem certeza? Nós viemos juntas, não quero te deixar sozinha. — Fala assim que entramos no banheiro.

— Tenho sim, Ju. Pode ficar tranquila. Falei que iria começar a sair, mas quero ir aos poucos, vai e curte por mim também. Percebi que vocês estão se dando muuuuito bem. — Dou um sorrisinho de canto e ela se entrega abrindo um enorme.

— Droga. Não consigo esconder nada de você. Tudo bem, eu vou, mas tem certeza que não quer ir? A gente fica só um pouco. — Fala com cara de cachorrinho abandonado.

— Tenho sim. Anda, vai logo antes que ele vá sem você. — A empurro para fora do banheiro.

— Você acha mesmo que ele vai sair sem mim? Ele está doidinho na Juju aqui. — Vai rebolando na minha frente.

Quando chegamos à mesa, eles se levantam para sair. Caminhamos em direção ao caixa e eles insistem em pagar.

Digo que só vou tomar mais uma água, que não precisam me esperar. A Ju ainda tenta me convencer, mas desiste. Despeço-me deles e caminho em direção ao balcão, já que não quero ficar sozinha em uma mesa.

Sento em um banco e peço mais um refrigerante. Não tenho intenção de ir para casa agora, só não queria ir para outro lugar, Gostei daqui, apesar de cheio, está tranquilo, e, depois de tanto tempo dentro de casa, prefiro assim.

Olho para o palco, onde a banda ainda está se apresentando e toca sertanejo outra vez. Distraio-me ouvindo e nem percebo o homem sentado do meu lado. Quando viro, esbarro em seu braço. Peço desculpas, ele me olha e não consigo desviar o olhar.

Cabelos castanhos, olhos azuis e um corpo de tirar o fôlego. Está vestido com uma calça jeans, um blusão xadrez azul, aberto, deixando uma blusa cinza colada em seu abdômen aparecendo.

Tento disfarçar, dou um sorriso e viro para o lado. Se a Ju estivesse aqui, já estaria com cara de quem sabe o que estou pensando. Estaria perdida com ela. Sorrio com o pensamento e percebo que ele ainda me olha. Pelo menos não sou a única.

—Você tem um sorriso muito bonito. — Diz ao meu lado me deixando sem graça.

—Obrigada. — Falo, viro-me em sua direção e o encontro sorrindo também. — Posso dizer o mesmo do seu.

—Prazer, Edu. E você? — Diz estendendo-me a mão.

—Ana. — Digo e a aperto. Ficamos parados nos olhando, ele ainda segura a minha mão e eu não faço nada para me soltar.

Ele aumenta o sorriso, puxa e beija meus dedos sem tirar os olhos dos meus. O garçom chega, entrega a bebida dele, quebrando o clima, o fazendo soltar-me.

Ele vira para frente, bebe um gole de seu refrigerante e me olha outra vez. Não sei o que ele tem, mas não consigo quebrar o contato. Começa a tocar outra música. Levanta-se e me estende a mão com um chamado silencioso. Nem penso duas vezes. Levanto e o sigo.

Segue para um canto mais afastado, onde tem menos pessoas dançando, para e me puxa em sua direção, colando nossos corpos. Começamos a nos mexer no ritmo da música.

Não sei quanto tempo passamos assim, nem quantas músicas dançamos. É como se estivéssemos sozinhos aqui. Fico nervosa com esse pensamento. Há muito tempo não me sinto desse jeito. Tento me afastar, mas ele segura minha cintura, dando um aperto suave, como se pedisse para continuar.

— Você quer parar para beber alguma coisa? Porque eu não sei o que você tem, mas, devo confessar, não tenho nenhuma intenção de te deixar ir agora. — Fala baixo em meu ouvido arrepiando-me.

Tento disfarçar, dou um sorriso, balanço a cabeça para os lados. Sinto-o suspirar, como se estivesse aliviado. Ele deixa um beijo leve próximo ao meu ouvido, outro no meu rosto e eu me viro em sua direção e dou total acesso para que continue. Ele entende meu consentimento e me beija.

O beijo começa lento, um simples roçar de lábios, aos poucos ele vai aprofundando, como se esperasse que eu mudasse de ideia. Ele se afasta de mim e me leva em direção ao balcão onde estávamos antes. Senta em um banco e coloca-me entre suas pernas, abraçando-me.

Deito a cabeça em seu ombro, enquanto ele faz movimentos para cima e para baixo com as mãos nas minhas costas. Não me lembro de me sentir assim tão bem com ninguém antes. Nem mesmo com o Guilherme antes de tudo acontecer.

Sempre pensei que seria difícil voltar a me sentir assim, viva, mas com este homem, que nem sei quem é direito, pareço não ter controle sobre minhas reações.

Depois de terminar meu namoro com o Guilherme, decidi não me envolver mais, preferia

não arriscar. Não tinha tempo e nem cabeça para nada disso. Precisava focar em cuidar da minha mãe.

Até esbarrar no Edu, eu estava conseguindo seguir o planejado, mas sem que eu perceba, ele está derrubando todas as barreiras e eu não tenho força e nem vontade de me afastar. Parece loucura me sentir assim com alguns minutos, deve ser mesmo, mas não consigo evitar.

Sinto o seu sorriso em meu pescoço. Afasto-me, olho para ele e sou presenteada com outro beijo.

Capítulo quatro

Carlos Eduardo

Vim para a cidade hoje encontrar com os gerentes das firmas. No fim da reunião, depois de tudo resolvido, eles me chamaram para um bar.

Não queria aceitar, tinha a intenção de resolver tudo e voltar para a fazenda ainda hoje. Mas acabei demorando mais do que esperava, ficando tarde para que eu voltasse. Se pegasse a estrada há essa hora, com certeza levaria uma boa bronca da vó Aurora.

Por falar nisso, lembro de avisar que não irei voltar. Peço licença e vou para o lado de fora do bar, já que a música não vai deixar que ela escute direito. Pego o telefone para ligar, teclo o número e no segundo toque escuto seu alô.

— Boa noite vó, sou eu. Só para lhe avisar, não fica preocupada, pois vou dormir por aqui mesmo. Não quero pegar a estrada há essa hora. — Digo.

— Faça isso sim, meu filho. Dirigir durante a noite é muito perigoso. Vai ficar na casa da Nilza? — Pergunta.

— Tenho que avisar ao Marcelo que estou aqui, ele ainda não sabe, mas devo ir para casa deles sim. — Digo e assim que acabo de responder, me arrependo.

— Como assim não falou que iria? O que está acontecendo, Carlos Eduardo? — Sabia que isso iria acontecer. Ainda me chamou pelo nome e não de Cadu. A coisa está feia para o meu lado.

Sempre que venho para a cidade, aviso ao Marcelo, para nos encontrarmos, colocar o papo em dia, mas, desta vez, não quis. Ele vai perceber que não ando legal, tenho evitado vir e não vai sossegar enquanto eu não me abrir. Não quero escutar mais uma vez que preciso voltar a viver.

Sei que ele e a tia Nilza só querem o meu bem, mas não tenho nenhuma intenção de namorar novamente e tenho certeza que irão começar com esse assunto outra vez.

Depois do que a Patrícia fez comigo, não consegui mais me envolver com ninguém. Não ajudou que as mulheres se aproximassem de mim querendo a mesma coisa que ela. Estavam mais preocupadas com a minha conta bancária do que comigo.

— Anda menino, responde a minha pergunta. — Pelo tom de voz, sei que está zangada, e principalmente, preocupada.

— Não está acontecendo nada vó. Eu achei que iria para casa hoje e não daria tempo de encontrar com ele depois. Não sabia que iria demorar tanto assim. Vou ligar para avisar está bem? — Tento tranquilizá-la.

— Menino, eu te conheço desde que usava fraldas. Você está tentando evitar que eles falem para você viver como eu sempre te falo. Ainda é muito novo para ficar sempre cabisbaixo desse jeito. — Tento falar, mas ela me corta. — Nem tenta negar que eu vejo. Seus pais não iriam gostar de te ver assim. Já passou da hora de se permitir e de ser feliz outra vez. Isso não é uma traição com eles, pelo contrário, eles iriam odiar te ver desta maneira. Está me ouvindo? Ligue para o Marcelo, aproveite a noite e se cuida. Manda um abraço para todos.

É incrível como ela me conhece. Como sabe justamente o que estou pensando. Na minha cabeça parece injusto estar feliz, curtindo a vida, sem eles aqui. Como se eu não tivesse mais esse direito, depois do que eles passaram.

— Pode deixar, vou ligar sim e só para senhora ficar mais tranquila, estou em um bar com os gerentes. Está vendo?! Estou me divertindo. — Digo tentando melhorar o clima.

— Estar no bar é uma coisa, mas você está realmente aproveitando ou está com cara de quem comeu e não gostou? — Questiona, mas não espera a resposta. — Vai lá meu filho. Vai curtir sua noite, pensa no que eu te disse. — Diz.

— Pode deixar. Boa noite, vó.

— Boa noite, que Deus te abençoe. — Diz desligando em seguida.

Mando uma mensagem para o Marcelo, avisando que estou na cidade. Ao invés de responder, ele liga na mesma hora.

— Fala, Marcelão — Atendo.

— Agora? Sério isso, Cadu? Você me avisa só agora que está aqui? Achou que eu não sabia o dia da reunião com os gerentes? — Parece que todos resolveram pegar no meu pé hoje. O pior é que ele está certo.

— Achei que fosse terminar mais cedo, cara. A reunião acabou tarde, os caras me trouxeram para um bar, não quer vir para cá? Não vou voltar para a fazenda hoje. — Tento enrolar, mas não vai ser fácil assim.

— Deixa para a próxima. Você vai vir dormir aqui? Só quero saber para avisar a minha mãe. — Fala chateado.

— Vou sim. Tem certeza que não quer vir? Eles não devem ficar até tarde, só tomar uma cerveja. — Tento mais uma vez.

— Tenho sim, já estamos jantando aqui. Vou deitar cedo, nos vemos depois. — Desliga sem me dar tempo nem de responder.

Volto para o bar e sigo em direção a mesa em que os caras estão. Vejo que todos eles já se acertaram. Cada um tem uma mulher ao seu lado.

— Boa noite. — Cumprimento — Como vocês estão com ótimas companhias, já vou indo.

— Está cedo, cara. Elas estão falando de uma boate nova. Não quer ir com a gente? — Todos começam a concordar.

— Acabei de falar com o Marcelo, estou indo para casa dele. A tia Nilza está me esperando, fica para outro dia. Obrigado, meninas. — Falo para elas. — Boa noite.

Eles se levantam e vão em direção a saída e eu sigo para pegar uma bebida. Vou dar mais um tempo aqui. Sei que o Marcelo está puto comigo, não estou com cabeça para isso agora, apesar de saber que ele tem toda razão.

Aproximo-me do balcão bem na hora que uma pessoa está levantando e ocupo o lugar. Aceno para o garçom, ele logo vem me atender. Peço um refrigerante, já que estou dirigindo e, enquanto espero, alguém esbarra em mim.

Escuto a pessoa pedir desculpas e, quando viro, dou de cara com uma mulher linda. Fico a encarando e confesso gostar muito do que vejo.

Cabelos e olhos castanhos, pele clara, um corpo que faz o meu reagir de imediato, como há muito tempo não acontece. Vestida com uma calça jeans justa e uma blusa social com os primeiros botões abertos, faz com que minha imaginação vá a mil.

Ela quebra o contato virando para frente. Reparo que ela volta a sorrir e acabo dizendo que acho o sorriso dela muito bonito. Agradece e devolve o elogio. Não sei por que digo me chamar Edu, já que ninguém me chama assim. É como se quisesse que ela tivesse alguma coisa diferente das outras pessoas.

Ela diz se chamar Ana, e estendo minha mão. Aperto a sua, mas não resisto, acabo beijando seus dedos. O garçom chega com meu pedido, viro-me para frente e bebo um gole.

Depois disso não sei o que me dá. Parece que a conversa com a vó Aurora, mudou alguma coisa em mim. Levanto e a tiro para dançar. Fico em um lugar mais afastado e a puxo para mim.

Tenho que me controlar para que ela não perceba como me deixa. Estou começando a achar que o Marcelo tinha razão, estou há muito tempo sem ninguém. Só pode ser por isso que meu corpo responde a nossa proximidade desse jeito.

Quando ela tenta se afastar, temo ser o único a sentir isso, mas ela fica. Acabo confessando não ter intenção de solta-la e nos beijamos.

Quando nos afastamos, vamos em direção ao balcão. Assim que me sento, eu a coloco entre minhas pernas a puxo para um abraço. Não consigo controlar minhas mãos e começo a fazer carinho em suas costas. Ela deita a cabeça no meu ombro, faço uma nota mental para agradecer aos caras por me trazerem aqui.

Acabo sorrindo com esse pensamento, o que a faz levantar a cabeça para olhar-me. A beijo outra vez, não resistindo. Como se fosse possível, esse beijo é ainda melhor.

Não sei o que ela fez para me deixar assim, há muito tempo não me sinto tão bem. Meu corpo parece que despertou para a vida outra vez. Nem na época da Patrícia, quando estava no auge da adolescência, sentia isso.

Tenho que me segurar para não arrasta-la daqui para outro lugar. Fico com medo de assustá-la. Se eu for honesto comigo mesmo, vou admitir que tenho medo do que sinto. Não é possível que em alguns minutos, ela já tenha conseguido derrubar todas as barreiras que criei.

Encerro o beijo, dando beijinhos suaves nos seus lábios e encosto minha testa na dela. Ela demonstra estar tão mexida quanto eu. Como se não acreditasse no que está acontecendo.

— O que você quer fazer agora? Beber alguma coisa, dançar mais, ir a outro lugar? Você escolhe. — Digo a ela com um sorriso e espero que não escolha a opção que não dei, de ir embora.

— Ficar aqui assim está ótimo para mim. — Diz tímida. Beijo seus lábios mais uma vez, só porque não posso me controlar.

— Vamos para aquela mesa vaga. — Digo a levando comigo. — Assim você senta também.

Puxo uma cadeira para mais perto e sento com ela colada a mim.

— Posso perguntar o que uma mulher linda como você faz sozinha em uma noite de sexta-feira?

— Eu vim com uma amiga, mas encontramos uns conhecidos dela. Eles nos convidaram para ir a uma boate, mas eu não quis. Falei para ela ir, pois iria embora. Estava só tomando um refrigerante antes de sair quando esbarrei em você. — Responde.

— Preciso descobrir que boate é essa e agradecer ao dono. Porque tenho quase certeza de que se trata da mesma que meus colegas foram, mas eu também não quis ir. — Sorri para mim. Tão linda que não consigo parar de sorrir também.

Ficamos mais um pouco nos beijando e nem vejo a hora passar, até meu telefone tocar nos tirando do transe em que estamos. Não quero atender, mas não para de tocar, deve ser importante. Olho no visor e vejo o nome do Marcelo. Atendo sem sair do bar, já que a banda está no intervalo e o barulho diminuiu.

— Fala, cara. Mudou de ideia?

— Não é o Marcelo, Cadu, sou eu. — Escuto tio Edmundo falando. — Sua tia quer saber se você vai querer jantar. Ela está te esperando aqui, filho, falando que está com saudades e reclamando que sumiu, não aparece mais.

Fecho os olhos e respiro fundo. Pelo jeito, o Marcelo está mesmo com raiva, para ele mesmo não me ligar, a coisa está feia para o meu lado. Se eu demorar muito, depois de dizer que não iria fazer, e deixar a tia me esperando, é capaz de querer tirar meu couro.

— Fala para ela não se preocupar, tio. Já comi alguma coisa, não vou jantar. Daqui a pouco estou aí. Amanhã passo o dia com ela para compensar. — Respondo contrariado, já que minha vontade é de passar a noite com essa mulher linda que está na minha frente.

— Pode deixar que aviso sim, ela vai adorar. Até mais, Cadu.

— Até mais, tio. — Desligo.

Olho para ela que me dá um sorriso forçado. Parece que entendeu e não gostou disso tanto quanto eu. Dou um selinho nela e puxo seu corpo mais uma vez para mim.

— Preciso ir, linda. Minha tia está me esperando. Tem tanto tempo que não venho visitá-la, preciso me redimir.

— Tudo bem, também tenho que ir. Falei que chegaria cedo em casa. — Me dá um sorriso que não chega aos olhos.

— Você vai me achar muito maluco, se disser que não quero ir? Sei que se for embora agora, provavelmente não vamos mais nos ver. Não sou daqui, estou só de passagem.

— Se eu disser que também não queria ir, vai se sentir melhor? — Pergunta-me com um sorriso no rosto.

— Decididamente, você não está ajudando falando isso. — Dou um beijo em seu nariz. — Preciso confessar, você mexeu muito comigo. De uma maneira que não achei ser possível.

— Digo o mesmo sobre você. — Diz enquanto olha em meus olhos.

— Vem, vou te deixar em casa. — Digo já levantando, levando-a junto comigo, na intenção de ganhar mais uns minutos na sua companhia.

— Não precisa. Eu vou pedir um táxi aqui na frente mesmo, sem problemas. — Diz.

— Tem certeza? — Acena para mim — Vem, vou esperar com você.

Passo no caixa, pago nossa conta e a levo para fora do bar. Chegamos ao ponto, mas não tem nenhum carro. Enquanto esperamos, aproveito o pouco tempo que ainda temos beijando-a mais vezes. Quando chega, eu me despeço dela dizendo:

— Meu pai costumava dizer que nada é por acaso, tudo tem um porque. Se for para ser, será. Mesmo que o caminho seja mais longo do que a gente quer. Espero que ele esteja certo e que esse seja nosso caso. — Dou um último beijo nela, que entra no carro e me olha outra vez.

— Tomara que seu pai esteja certo. — Abaixo-me, olhando para dentro do carro. — Se não estiver, valeu também. Você não tem noção de como me fez bem hoje. — Fala.

— Nem você. — Dou um último selinho nela e fecho a porta em seguida. Fico olhando até o carro virar a esquina e sigo em direção ao meu. Agora é me entender com o meu irmão. Acredito que quando eu lhe contar o que aconteceu hoje, vai me perdoar. Zoar também. Muito. Estou ferrado. Muito ferrado.

Capítulo cinco

Ana Luíza

Abro a porta de casa e encontro a Ju me esperando. Só de olhá-la, sei que estou encrencada. Não esperava que ela já tivesse chegado, pensei que fosse demorar mais.

— Onde você estava, Luíza? Quer me matar do coração? Estou te ligando a mais de duas horas e você não atende a droga do celular! — Fala enquanto se controla para não gritar.

— Deve estar no silencioso, não escutei o telefone tocar. Chegou tem muito tempo? — Pergunto para ganhar tempo.

— Não muda de assunto, Lu! Fiz uma pergunta. Quando saí do bar, você me disse que viria para casa. Por que demorou tanto?

— Virou minha mãe agora? — Tento brincar, mas o olhar que recebo me faz parar na hora. — Tudo bem. — Digo suspirando. — Acabei ficando mais um pouco, mas pensei que chegaria antes de você em casa. Aconteceu alguma coisa com a minha mãe?

— Não, a tia está bem. Eu não fiquei na boate, fui o caminho todo pensando que não deveria ter te deixado sozinha. Quando chegamos, disse que iria vir embora. Peguei um táxi e vim tentando te ligar o caminho todo, mas você não atendia. Estava preocupada, com medo de ter acontecido alguma coisa. — Sinto a preocupação em sua voz.

— Desculpa! Estava tão desligada, nem pensei em olhar o celular. — Falo.

— Você desligada? Por quê? — Pergunta-me.

— Dorme aqui? Assim a gente pode conversar. — Falo. — A tia ainda está aqui? Minha mãe já dormiu?

— A tia foi embora assim que eu cheguei. Falei que iria te esperar chegar. Sua mãe está dormindo. — Responde.

Sigo pelo corredor e paro no quarto da minha mãe, para dar-lhe um beijo, e vou para o meu em seguida, com a Ju atrás de mim.

Assim que entramos, ela me puxa em direção à cama, onde nos sentamos uma de frente para a outra. Fico olhando-a, pensando em como começar a falar sobre o que aconteceu. Ela logo começa a falar.

— Não está pensando em me torturar, não né? Fala logo o que aconteceu, se eu tiver um

treco aqui, a culpa é sua.

Dou um sorriso e começo a falar.

— Depois que vocês saíram, fui tomar um refrigerante. Acabei me distraindo olhando a banda tocar e esbarrei em um homem. — Faz sinal para eu continuar. — Nos apresentamos e ele me convidou para dançar.

Levanto da cama, não conseguindo ficar parada no mesmo lugar. Começo a andar de um lado para o outro, lembrando de tudo que aconteceu. Ela levanta e me segura.

— Nada disso, Lu! Pode voltar aqui. Tem mais coisa aí, tenho certeza. Você não ficaria assim só por uma dança. Pode começar a contar, desde o começo e eu quero detalhes, todos. — Puxa-me de volta para a cama.

— Do começo? — Faz que sim com a cabeça. — Fui tomar um refrigerante, como falei que faria. Estava vendo a banda tocar, distraída e não o vi quando chegou. Acabei esbarrando nele, pedi desculpas, mas não consegui desviar o olhar. Quando, finalmente, fui capaz de desviar, comecei a pensar no que você faria se estivesse comigo. — Dou um sorriso lembrando. — Fiquei rindo e ele elogiou meu sorriso. Devolvi o elogio e nos apresentamos. — Conto num fôlego só.

— Sabia! — Olho para ela sem entender. — Até de longe eu te ajudo. Se você não pensasse em mim, não teria história nenhuma. Pode agradecer. — Fala enquanto ergue as sobrancelhas.

— Besta mesmo. — Dou um tapa em seu braço, brincando e continuo. — Ele ficou segurando a minha mão, beijou meus dedos, com um olhar que me prendia. Só se virou porque o garçom chegou com a bebida dele, ele mal tocou no copo, deixando-o de lado e me chamou para dançar. Fomos para um canto mais tranquilo. Na hora que ele me segurou... — Fecho os olhos e abro um sorriso.

— Sua sem vergonha! Quem é você e o que fez com a minha amiga? — Faz cócegas em minha barriga.

— Posso continuar ou vai ficar me interrompendo? — Finge costurar a boca e tenho que rir. — Nunca me senti assim com ninguém, Ju. Foi diferente sabe?! Não sei explicar. Com o traste do Guilherme, nem nos melhores momentos chegou a um terço do que senti com ele. Na hora que ele beijou próximo ao meu ouvido, eu me arrepiei toda! Daí ele foi e beijou em meu rosto. Não consegui esperar mais, virei em sua direção, como que se para demonstrar querer beijá-lo, e que beijo amiga. Aquele homem sabe beijar como ninguém.

— Como ele era? Tem quantos anos? Qual o nome? O que faz? De onde é? Quero a ficha completa. — Ela não tem jeito.

— Você não disse que iria ficar quieta? — Passa os dedos sobre os lábios. — Ficamos mais um tempo nos beijando, no balcão e depois em uma mesa. Olha, eu não sei te dizer o que aconteceu, Ju. Estou até agora sem entender também, mas foi tudo tão intenso sabe?! Eu não conseguia pensar, resistir, e ele demonstrava estar do mesmo jeito. Minha vontade era sair de lá direto para um motel com ele. — Arregala os olhos — Pois é! Eu também não sei o que me deu.

— Isso é ótimo, Lu. Sei que é novo, mas me mostra que você está começando a viver outra vez. Tenho te pedido tanto isso amiga, fico tão feliz por você. Quando vão se encontrar outra vez?

— Esse é o problema, acho que não vamos. A única coisa que sei sobre ele é o apelido, Edu. Ele disse que não era daqui, estava só visitando uma tia. Provavelmente não vamos nos ver outra vez. O tio dele ligou e ele teve que ir.

— Tanto tempo na seca e você vai se encantar justamente por um cara de fora, Lu? Sério isso? Mas você também, só Jesus na sua causa. — Olho para ela que completa. — Estou brincando amiga, mas cacete. Você podia ajudar seu anjo da guarda. — Nos olhamos e começamos a rir.

— Antes de ir, ele me disse uma coisa que o pai dele costumava falar. — Olha-me com atenção. — Nada é por acaso, tudo tem um porque. Se for pra ser, será.

— Concordo com ele Lu. O coroa é esperto. — Pisca o olho.

— Ele disse que esperava que o pai estivesse certo, que acontecesse e eu vou te confessar, Ju, nunca quis tanto que alguém estivesse certo na vida.

— Vamos cruzar os dedos e torcer para que vocês se esbarrarem por aí mais vezes. Quem sabe o que o destino tem guardado?! *Maktub,* amiga. Isso merece uma comemoração. Vou lá em casa rapidinho trocar de roupa e pegar uma coisa para comemorarmos. Ahhhh, te perdôo pelo susto que me deu, mas só porque foi por um bom motivo. — Pisca e sai correndo. Louca de pedra mesmo.

Levanto-me e vou tomar banho enquanto ela não volta. Não sei o que está aprontando, vindo dela poderia ser qualquer coisa. Saio do banho, coloco minha camisola e deito enquanto a espero. Ela chega trazendo um pote de sorvete e duas colheres.

— Vamos ver filme ou ficar só de papo mesmo? Você escolhe. — Pergunta.

— Filme. Já para a sala. Nada de comer no meu quarto. — Empurro-a para fora do quarto.

Deitamos no sofá, com a televisão ligada, olhando todos os canais até encontrarmos um passando *Orgulho e Preconceito*, um filme adaptado de Jane Austen. Começamos a assistir,

apesar de já ter visto tantas vezes, não nos cansamos. Sabemos as falas de cor.

"Em vão tenho lutado comigo mesmo; nada consegui. Meus sentimentos não podem ser reprimidos e preciso que me permita dizer-lhe que eu a admiro e a amo ardentemente." — Falamos juntas com Mr. Darcy.

Depois que o filme acaba, nos levantamos e vamos para o quarto dormir. Escovamos os dentes e ela coloca uma camisola minha. Quando nos deitamos, vira-se para mim e fala:

— Amiga, eu estou tão feliz por você! Ver o jeito que falava dele me deixou tão animada. Venho falando há tanto tempo para você voltar a viver e ver o sorriso em seu rosto outra vez... — Ela para de falar, vejo que está chorando. Limpo seu rosto e a abraço apertado.

— Eu sei, não poderia pedir uma amiga melhor. Sempre está comigo em todos os momentos, bons ou ruins. Só tenho a agradecer, se não fosse sua amizade, eu já teria desabado há muito tempo. Sempre que parecia pesado demais para mim, você estava lá, me ajudando a carregar. — Já estamos as duas chorando agora.

— Você é mais do que uma irmã para mim, Lu, é lógico que iria te ajudar. Eu te amo, sua besta e tenho certeza que faria o mesmo por mim. Quem ficou do meu lado quando perdi meu pai? É para isso que servem as amigas, para apoiar, não é só para farra não. — Diz.

Ficamos nos lembrando de todas as coisas que já passamos juntas e acabamos dormindo.

Assim que me levanto no dia seguinte, corro para olhar minha mãe e fazer o café. Quando acabo de arrumar a mesa, a Ju entra com a minha mãe.

Enquanto estamos tomando café, as tias chegam e resolvem fazer o dia das meninas. Elas levam minha mãe para a sala e começam a fazer suas unhas, massagem no cabelo, tudo. A Ju e eu nos juntamos a elas depois de arrumarmos a cozinha.

Na hora do almoço, pedimos comida em um restaurante aqui perto mesmo. Ninguém queria parar para fazer comida. Vejo minha mãe animada como a muito não à via. Ainda não é a mesma, mas parece que as tias estão mesmo conseguindo melhorar seu astral.

À tardinha elas vão para casa e eu dou um jeito aqui, lavo roupa, deixo tudo organizado para a semana, pois amanhã quero descansar e curtir minha mãe um pouco, passar um momento só nós duas.

A ajudo a tomar banho, preparo alguma coisa para comer e deitamos juntas.

— É tão bom ver esse sorriso outra vez. Desculpa por te dar tanto trabalho, filha. — Tento falar, mas ela não deixa. — Eu vou sair dessa, vou voltar a ser sua mãe, a cuidar de você. Chega de inverter os papéis. Eu te amo muito. Seu pai deve estar muito orgulhoso da mulher que você se tornou.

— A mulher que os dois me transformaram. Tudo que sou, devo a vocês. — Falo e beijo seu rosto. — Eu te amo, mãe, tanto que palavras não seriam suficientes. Nunca mais fale sobre me dar trabalho. Eu fiz e faria tudo outra vez. Só retribuí uma pequena parte do que a senhora já fez por mim. Agora vamos dormir, você já abusou muito hoje, dona Elizângela. — Levanto para apagar a luz e deito em sua cama mesmo, como fiz tantas e tantas vezes. Durmo me lembrando do Edu e pensando no quanto quero encontrá-lo outra vez, o quanto a nossa noite me fez bem.

Capítulo seis

Carlos Eduardo

Chego à casa dos tios, dou uma batida na porta e entro. Na sala vejo o Marcelo sentado no sofá assistindo televisão com o tio Edmundo. A tia Nilza vem em seguida da cozinha, correndo na minha direção.

— Eu juro, garoto, se você sumir assim outra vez, vou te buscar pelas orelhas. — Ameaça me abraçando.

No último mês, inventei uma desculpa e não vim na reunião com os gerentes. Falei que estava com problemas com um cavalo lá da fazenda e o Marcelo foi por mim.

Agora que caiu a ficha, por isso ele está tão chateado. Com essa de hoje, seria a segunda vez que deixo de vir. Ele continua sentado como se nem me visse.

— Desculpa, tia. Não faço mais, prometo. — Falo e beijo sua testa. — Estava com saudades também.

— Se você não aparecesse aqui hoje, ela iria me fazer ir à fazenda amanhã. Já estava até vendo. — Escuto o tio dizer. Olho em sua direção, dando de cara com o meu amigo me encarando. Tenho certeza que se não fossem os tios aqui, ele já teria estourado. Resolvo avaliar o estrago.

— Qual o milagre para você estar em casa em uma noite de sexta-feira, Marcelo?

— Vai ver é o dia de encontrar meu amigo, um parceiro, sabe? Daqueles irmãos, mas parece que ele mudou de ideia e esqueceu de avisar. Nossa amizade já não deve ser a mesma e eu não percebi. — Noto a raiva na sua voz.

Se eu tivesse tomado um soco, teria doído menos. Chego a fechar os olhos, sabia que ele estava puto, mas não pensei ser tanto. Vejo quanto o magoei.

Pode parecer frescura, exagero para quem está de fora, mas, se fosse o contrário, eu também estaria assim. Nunca escondemos nada um do outro, ele sempre esteve comigo, acabei me afastando e sei que ele não merece isso.

— Você não quer mesmo jantar? Fiz aquela batata recheada de bacalhau que você adora. — Pergunta a tia mudando de assunto.

— Assim vai ser difícil resistir, tia. Vou ser obrigado a aceitar um pouco. — Falo. Vejo quando ele se levanta e vai para o quarto. Tento ir atrás, mas o tio me para.

— Deixa, filho. Vai comer. Enquanto isso, ele se acalma um pouco. Desse jeito vocês só vão discutir e acabar falando besteira.

— Não, tio. Ele está mais do que certo de estar com raiva. Eu no lugar dele também estaria. Tem todo direito de me xingar, até bater se quiser. Não posso esperar, tenho que ir agora.

— Come primeiro então, pelo menos. — Tia Nilza tenta.

— Depois eu como, tia. Vai descansar que me viro. — Dou um beijo nela e vou tentar consertar a burrada que fiz.

Paro em frente ao quarto e o vejo olhar pela janela. Entro fechando a porta em seguida. Ele sabe que sou eu, tenho certeza, mas não me olha.

— Quer me xingar ou bater primeiro? Mereço, eu sei. Ou será que estou com sorte e você vai me escutar? — Quando termino, ele se vira.

— Te escutar seu idiota? Você só pode estar de brincadeira com a minha cara. — Fala gritando. — Você some, agora volta como se nada tivesse acontecido, babaca? Como se não estivesse me escondendo merda nenhuma? Ainda acha que vou te escutar? — Não o interrompo, deixo falar tudo de uma vez. — Nós somos amigos desde que nós éramos dois moleques porra e você vai e se afasta?

— Sei disso, cara. Só precisava de um tempo longe. Não aguentava mais todo mundo me cobrando para sair, arrumar alguém. Eu não queria, só isso. — Falo enquanto sacudo a cabeça e abro os meus braços.

— Você em algum momento parou para pensar o porquê da gente querer isso? De a gente insistir? A gente se preocupa cacete. Depois que os seus pais morreram você nunca mais voltou a ser o mesmo. Eu sei que dói, cara. Não gosto nem de pensar no que passou, mas você acha mesmo que eles iriam querer te ver assim? Completamente isolado? Se afastando de todo mundo?

— Já ouvi isso hoje, essa é a segunda vez. — Dou um sorriso sem humor. Ele me olha sem entender. — Posso falar ou ainda quer me dar uns nomes novos? — Brinco tentando aliviar o clima um pouco.

— Fala logo antes que eu desista. — Senta na beira da cama, apoia os cotovelos nos joelhos, segurando a cabeça nas mãos, parecendo exausto. Pego uma cadeira e me sento a sua frente.

— Para começar, sei que errei com vocês, só não pensei direito. Agi por impulso e acabei atingindo as pessoas mais importantes para mim nessa vida. Peço desculpas por isso, vocês querem o meu bem, sei disso. Mas não aguentava mais esta cobrança sobre voltar a ter

um relacionamento. Toda vez que resolvia aceitar esse conselho, acontecia a mesma coisa. Nunca era sobre quem sou de verdade, sempre sobre o que eu tenho.

— Não é só isso, Cadu. Tem mais alguma coisa. Fala comigo, cara, estou sempre aqui, mas não posso te obrigar a falar. Isso tem que vir de você. — Olha-me esperando. — Eu sei tudo que você passou, estava do teu lado, mas não foi só você, cara. Fui criado com eles, eram como uma família para mim e sempre me tratavam como filho. Como você acha que fiquei quando aconteceu? Só me segurei porque sabia que você precisava de mim.

Fico parado olhando esse cara, pensando na sorte que tenho dele ser meu amigo. Lembro-me de todas as vezes que pensei não aguentar mais e ele me deu forças para continuar.

— Eu sei disso, Marcelo. Eles também se sentiam assim em relação a vocês, pode ter certeza, mas, se eu for bem sincero, não vou saber te dizer ao certo o porquê disso agora. Só sentia essa necessidade de me afastar mesmo, ficar na minha. Hoje, antes de mandar aquela mensagem, eu liguei para avisar a vó que não iria voltar. Quando eu deixei escapar o fato de não ter te ligado, ela quase tirou meu couro pelo telefone mesmo. — Digo.

— É a cara dela fazer isso. — Ele começa a relaxar, até já sorri um pouco quando fala. — O que ela falou?

— Me acusou de estar fugindo de todo mundo para não escutar a besteira que estava fazendo. Falou também sobre meus pais não quererem me ver assim.

— Cadu, agora está na hora de seguir em frente, cara. Na verdade, já passou da hora. Já tem oito anos, não dá mais para continuar assim.

— Eu sei, entendi isso. Eu vou mudar, te prometo. Agora, será que eu posso ganhar um abraço do meu irmão? — Fico esperando sua resposta de braços abertos.

Levanta-se, faço o mesmo, me dá um abraço forte e sei que passamos por mais essa.

— Juro, Cadu, se isso acontecer outra vez, vou socar sua cara até colocar um pouco de juízo dentro desta sua cabeça de vento. Não vou mais insistir de sair direto, nem mesmo sobre mulheres, mas não vou aceitar que se isole também. Está na hora de viver.

— E se eu falar que já comecei? — Falo, viro-me indo comer um pouco daquela batata que a tia fez. Além de não resistir, quero implicar com ele. Sei como vai ficar revoltado por soltar essa bomba e sair sem falar mais nada. Não chego nem na porta antes dele me parar. Finge me dar uma gravata e fala:

— Acha mesmo que vai falar uma coisa dessas e vai sair assim? Sem falar merda nenhuma? Pode voltar aqui seu palhaço. — Começo a rir e viro respondendo.

— Podemos comer enquanto eu conto? A tia me deixou com água na boca. — Ele me

segue.

Entramos na cozinha, vejo a tia esquentando a comida. Ela nos vê e nos dá um sorriso. Sabia que estaria acordada ainda, não conseguiria dormir sem saber se já estamos bem. Vejo o alívio em seu rosto por nos ver assim, juntos, como sempre foi.

— Sentem e comam. Estão com fome, tenho certeza. O Marcelo estava tão nervoso que nem comeu direito e você aposto que só comeu besteira. — Vai falando e colocando os pratos na nossa frente. Olho na direção dele e peço desculpas mais uma vez. Ele sacode a cabeça em negação, como se dissesse não precisar.

Sei que ele não vai perguntar nada com a tia aqui, mas decido adiantar isso.

— Vai deitar, tia. A senhora precisa descansar, já está tarde. O Marcelo e eu arrumamos tudo depois. — Ela vira-se, dando um beijo em cada um.

— Sim, vou deixar os dois conversarem. Durmam bem meus filhos, Deus abençoe vocês. — Ela se vira e sai da cozinha.

— Boa noite. — Respondemos juntos.

Logo depois dela passar pela porta, ele começa.

— Anda, desembucha, pode começar a falar.

— Eu conheci uma pessoa hoje no bar. — Digo com um sorriso no rosto. Não conseguindo controlar, só de pensar nela, ele vem. Espera-me continuar. — Os caras tinham ido para uma boate, não quis ir junto. Resolvi ficar mais um pouco antes de vir para cá, ela literalmente esbarrou em mim. Quando me virei para olhar quem era, dei de cara com uma mulher linda. Não sei te explicar como aconteceu, só sei que nem ela, nem eu conseguíamos desviar o olhar. A chamei para dançar e acabamos nos beijando. Por isso demorei mais, nem percebi o tempo passar.

— Pela sua cara nesse momento, posso dizer que ela realmente mexeu com você. Já tem um tempo que não vejo você com esse sorriso gigante. — Fala e tem um em seu rosto também. — Fico feliz, cara, muito mesmo. Agora fala, ela é gostosa? Já marcaram mais alguma coisa?

—Muito para a primeira pergunta e para a segunda é não. Apresentei-me como Edu. — Levanta a sobrancelha me fazendo uma pergunta silenciosa. — Pois é! Eu sei! Nunca fiz isso, mas na hora saiu, como se fosse para ela me chamar de um jeito só dela, diferente de todos e ela disse se chamar Ana. Quando o tio ligou, estava com ela ainda. Não trocamos telefone, endereço, nada, só nos despedimos. Falei que morava longe, não tinha como garantir de nos encontrarmos outra vez e ela não insistiu. A única coisa que tenho certeza é de como ela mexeu comigo. O meu corpo reagiu ao dela de uma maneira que nunca tinha acontecido antes. Tive que disfarçar com medo de assustá-la. Pelo que eu percebi, foi a mesma coisa para ela

também.

— Cacete! Não sei nem o que dizer, Cadu. Já estava aqui fazendo planos de agradecer essa mulher por te fazer tão bem. Você não tira esse sorrisinho da cara desde que começou a falar dela. Não tem nenhuma dica, cara? Alguma coisa que possa ajudar? Acho melhor contratar um detetive. — Já está me zoando, o desgraçado. Acabo rindo fazendo com que ele se junte a mim.

— Idiota mesmo. Não vai contratar merda nenhuma, seu besta. Como diria meu pai, se tiver que ser, vai ser. Se for para rolar alguma coisa entre a gente, vamos acabar nos encontrando por aí.

— Isso mesmo, pensamento positivo. Aproveita essa animação, pode ficar com a louça toda para você. Vou tomar meu banho. — Levanta e vai correndo para o quarto, o filho da mãe.

Lavo a louça e deixo tudo organizado, vou para o quarto tomar um banho também. Chego lá, ele está saindo do banheiro, rindo. Dou um soco de brincadeira em seu braço e passo por ele. Quando saio, ele já está deitado. Vejo uma muda de roupa separada na cadeira. Pego e me visto, deitando na outra cama de solteiro. Ele poderia ter uma cama de casal, mas preferiu assim, pois apesar da casa ter mais dois quartos, sempre acabo dormindo no dele, já que ficamos conversando até tarde e ele diz se recusar a dormir na mesma cama que eu.

— Dorme, cara. Sonha com a sua Ana — Fala rindo e jogo o travesseiro nele. Mal sabe ele que é isso mesmo que vou fazer.

No sábado, fico com eles até depois do almoço. Precisei voltar mais cedo para a fazenda, pois estava tendo um problema com um dos cavalos. Prometi a tia não sumir mais e peguei a estrada.

Capítulo sete

Ana Luíza

Já se passou uma semana do meu encontro com o Edu e não consigo tirá-lo da cabeça.

Hoje completo um mês na empresa e o Marcelo combinou um almoço com as meninas para comemorar, dizendo que sempre fazem isso. Vejo-o vindo para a minha mesa junto com a Ali e a Nanda.

— Vamos, Luíza? O Cadu disse que viria e queria te conhecer, mas uma égua lá da fazenda resolveu parir e ele teve que ficar. — Faço que sim com a cabeça.

— Deixa só eu pegar a minha bolsa e já vamos. — Sigo-os para o elevador.

O Carlos Eduardo ainda não veio na empresa esse mês, está sempre tendo algum imprevisto na fazenda, mas ele disse que precisava conhecer a sobrinha da tia Rosane.

Chegamos ao restaurante, somos levados a uma mesa e o garçom logo vem nos atender. Ficamos conversando enquanto aguardamos o nosso pedido chegar, o que não demora muito.

Percebo durante o almoço a Ali olhando para o Marcelo quando acha que ninguém está prestando atenção e ele faz o mesmo. Quando acabamos, o Marcelo insiste em pagar a conta. Ele segue para o caixa enquanto nós vamos ao banheiro. Assim que entro falo:

— Ali há quanto tempo você gosta do Marcelo? — Vejo a Nanda concordar com a cabeça.

— Ela tenta disfarçar direto, já falei para se jogar. Está na cara que ele também quer, mas os dois não fazem nada.

— Ele não quer, Nanda. Não sei de onde tirou isso. O que ele iria querer comigo? Eu sou a recepcionista da empresa dele. — Fala cabisbaixa.

— Ali, ele não parece ser assim, parece não ligar para nada disso. Ele faz igual você quando acha que ninguém está vendo. — Digo. — O jeito que ele te olha, amiga, não parece em nada com o jeito que um patrão olha para uma funcionária, vai por mim.

A Nanda segura as mãos dela e pergunta: — Você sabe que ele e o Carlos são amigos desde crianças, mas sabe como se conheceram? —Ela faz que não com a cabeça. — Quando entrei na empresa, os pais dele ainda trabalhavam lá e a Dona Nilza me contou. Eles se conheceram porque a mãe e o pai dele eram empregados na casa do Carlos e foram criados juntos. Hoje, são melhores amigos e sócios. Posso te dizer com certeza, ele não liga para essa

história de funcionário e patrão. — Conclui.

Ela fica olhando para nós duas sem dizer nada, resolvo dar um empurrãozinho e digo:

— Vamos resolver isso agora. Nanda, vou dizer que tenho que ir à farmácia e você vai junto comigo. Eles dois voltam sozinhos para a empresa, e você dona Aliane, trate de fazer alguma coisa.

— Agarra logo e taca-lhe um beijão. — Essa Nanda não tem jeito. A Ali arregala os olhos para ela.

— Eu não vou fazer isso, está doida? — Diz olhando para a Nanda e começo a rir.

— Nanda, assim você não está ajudando, vai deixá-la mais nervosa. — Viro-me para a Ali. — Não precisa, Ali, mas também não é para se afastar. Conversa, sei lá, se você olhar para ele do jeito que olhou durante o almoço, só não vai perceber se for cego. Vamos, já demoramos muito aqui.

Saímos do banheiro e encontramos com o Marcelo nos esperando. Faço como combinamos e os dois seguem juntos.

Vou com a Nanda a uma farmácia próxima ao restaurante, aproveitando para comprar algumas coisas e voltamos para a empresa.

Encontramos a Ali sentada em sua mesa com um sorriso no rosto. Vou até sua mesa para saber como foi e ela diz que ele a convidou para sair hoje. Voltamos ao trabalho desejando sorte.

Assim que chego a minha sala, meu telefone toca.

— Luíza, é o Carlos. Só te liguei para lhe dar os parabéns pelo seu primeiro mês. Espero que esteja gostando do trabalho.

— Estou sim, obrigada! Não precisava se incomodar. O Marcelo falou sobre a égua, deu tudo certo?

— Deu sim, obrigado por perguntar. Foi só para que eu não conseguisse ir ao almoço. Vou deixar você trabalhar. Boa tarde! Diga a sua tia que mandei um abraço.

— Pode deixar que digo, sim. Boa tarde. — Falo e desligo.

O restante do dia passa tranquilo e na hora que saio da minha sala, encontro uma Ali muito nervosa. Tento a acalmar, dizendo que vai dar tudo certo e vou para casa.

Marquei com a Ju de vermos alguns filmes, mas preciso passar no mercado antes para

comprar algumas coisas. Compro o que preciso e sigo meu caminho.

Chego em casa e encontro a minha mãe na sala com a tia Rosane.

— Boa noite, meninas lindas! — Digo brincando com as duas e as beijo. — As senhoras se comportaram hoje? — Sento-me perto delas no sofá.

— Nós sempre nos comportamos, menina. Onde está a Ju? Pensei que fossem vir juntas. — É só a tia me perguntar e ela entra pela porta.

— Boa noite, tias. — Dá um beijo em cada e senta-se perto da gente. — Estava querendo falar com você Lu, mas não tive tempo de te ligar. Como foi o almoço? Conheceu o seu outro patrão?

— O almoço foi bem legal, mas eu não conheci o Carlos. Teve um imprevisto na fazenda e ele não conseguiu vir. Por falar nisso, tia, ele lhe mandou um abraço.

— Se não foi ao almoço, como você sabe que mandou um abraço para a tia? — A Ju me pergunta com as sobrancelhas levantadas.

— Ele ligou depois para me dar os parabéns e pediu que eu dissesse.

— Bom, meninas, o papo está bom, mas já vou indo. Lu, se precisar de mim, sabe onde me encontrar. Quando falar com o Cadu outra vez, diz que eu mandei um abraço também. Boa noite. — Manda beijos da porta e vai.

Tia Rosane sai e ficamos nós três na sala. Levanto para preparar a janta para minha mãe. Está quase na hora dela deitar, já que dorme cedo. Jantamos e a ajudo a se arrumar para dormir. Deixo-a deitada no quarto quase dormindo e volto para a sala onde encontro a Ju sentada no sofá esperando-me. Sento e ela logo começa o interrogatório.

— Quer dizer que seu chefinho te ligou só para te dar os parabéns? — Questiona-me.

— Nem começa, Ju! Eu e minha boca grande. Não deveria ter falado nada. — Olha-me fingindo estar ofendida. — Tudo bem. — Suspiro — Quando escutei a voz dele, me deu um frio na barriga, uma coisa estranha, sabe?! Como posso me sentir assim por alguém que nem conheço? Não consigo entender.

— Deixa de ser boba, Lu. Depois do Edu você se soltou outra vez. Deve ser isso, está tentando recuperar o tempo perdido. Por falar nele, já esqueceu ou continua suspirando pelos cantos? — Sorrio em resposta.

— Não e nem sei se quero, ele me fez bem sabe?! O mais estranho é que me senti quase do mesmo jeito falando com o Carlos. Devo estar ficando maluca, só pode. — Sacudo a cabeça.

— Bom, vamos assistir nossos filmes ou você vai ficar aí suspirando pelos boys?

— Por qual começamos? — Pergunto e ajeito-me no sofá.

****

Estou sentada em minha sala quando escuto baterem na porta. Olho e vejo a Ali entrando com um buquê de rosas champanhe nas mãos.

— São para mim? — Pergunto espantada e ela faz que sim. Não tenho ideia de quem tenha mandado. Entrega-me.

— Acabaram de deixar, tem um cartão. — O telefone da mesa dela toca. — Depois nos falamos. — Diz e vai atender.

Pego o cartão e leio:

"Espero que essas rosas consigam compensar a minha falta mais uma vez. Hoje faz três meses que começou a trabalhar e parece brincadeira que nós ainda não nos conhecemos. Torço para que possamos resolver essa questão em breve. Obrigado pelas conversas, elas animam meus dias.

Com carinho, Cadu."

Fico olhando sem acreditar no que vejo. Ele me mandou uma mensagem mais cedo, avisando que não viria, mas não pensei que fosse fazer isso.

Depois da ligação me parabenizando, nos falamos sempre. Começamos com simples conversas sobre o serviço e aos poucos fomos falando sobre outros assuntos também. Ele me liga todo dia à noite para saber sobre o meu dia e conta-me sobre o seu.

Não preciso nem dizer que a Juliana está me zoando muito a esse respeito. Ela estava perto de mim uma das vezes e desde então não parou mais de falar sobre isso.

Pego o telefone e mando uma mensagem agradecendo. Ele me liga na mesma hora.

— Que bom que gostou. Queria ter conseguido ir, mas não tinha como. Chegaram mais cavalos hoje e o funcionário responsável não está se sentindo bem, eu tive que receber. Ainda tenho muito trabalho pela frente. — Diz assim que atendo, parecendo chateado.

— Não precisava se preocupar com isso. Adorei as rosas, elas são lindas! É a primeira vez que recebo flores, obrigada. — Digo sem saber por que fiz esse comentário.

— Se eu soubesse teria mandado a mais tempo. Vou deixá-la trabalhar agora, tenho que terminar algumas coisas aqui também. Posso te ligar mais tarde?

— Pode sim, claro. Até mais tarde então.

— Até, Beijos. — Diz e desliga me deixando sorrindo feito boba para o telefone.

Termino meu expediente, pego minha bolsa, o buquê e saio. Não encontro a Ali em sua mesa. Acredito estar na sala do Marcelo, já que esses dois estão se acertando. Sigo para casa doida por um banho e cama.

Encontro com a Ju chegando do trabalho também. Ela olha-me e vem falar comigo.

— Conheceu? — Faço que não com a cabeça. Ela repara as rosas em minha mão. — Quem te deu essas rosas?

— Foi o Carlos. Mandou uma mensagem mais cedo dizendo que não conseguiria vir e de tarde elas chegaram.

— Já procurou o significado da cor? — Pergunta enquanto anda para a minha casa comigo, já pegando o celular para pesquisar. Assim que entramos, ela fala: — Achei em mais de um site. Esta cor significa admiração, simpatia, reverência, fidelidade entre o casal, diz aqui que é ideal para dar a uma mulher a quem se tem um grande respeito. É, amiga, acho que não é só você que está caidinha. Pelo que eu vejo, é recíproco. — Fala sorrindo. — Vai te ligar hoje?

— Vai sim. Deve ligar mais tarde um pouco. Ele sabe que preciso ajudar minha mãe antes.

— Então já vou indo. Vai fazer suas coisas e se preparar para falar com o boy magia. Coitadinho do Edu, ele está perdendo e nem sabe. Assim não demora muito e você o esquece.

Se ela soubesse que em meus sonhos eles se revezam...

Capítulo oito

Carlos Eduardo

Fico parado olhando para o telefone feito um idiota. Eu só posso estar ficando maluco. Primeiro foi a Ana, que eu mal conheci e mexeu comigo daquele jeito, na verdade ainda mexe, mesmo que nunca mais tenha encontrado com ela. Agora é a Luíza, que eu nunca vi, mas, só de falar com ela pelo telefone, já me deixa doido.

Quando ela completou um mês no emprego, o Marcelo marcou um almoço, como fizemos com a Aliane e a Fernanda, mas não consegui ir. Uma égua aqui da fazenda resolveu parir bem na hora em que eu estava de saída.

Liguei para me desculpar e desde então, temos nos falado quase todos os dias. Nas primeiras vezes, aconteceu de eu ligar para o Marcelo e ele não estar, ela atendeu oferecendo ajuda.

Acabou virando rotina e, sem eu perceber como aconteceu, estava ligando todos os dias.

Hoje faz três meses que ela está na empresa e, mais uma vez, eu não consegui ir. Mandei uma mensagem mais cedo avisando, mas acabei enviando um buquê de rosas também, com um pedido de desculpas.

Fui obrigado a pesquisar o significado das cores, para tentar fazer com que percebesse o meu interesse nela, sem ser muito direto. Escolhi a rosa champanhe que, pelo que achei em vários sites, significa que a admiro e tenho uma grande simpatia, além de respeito.

Ela me mandou uma mensagem agradecendo, mas eu precisava ouvir sua voz.

Coloco o telefone no bolso e me pergunto pelo quê já passou. Em nossas conversas já me disse que perdeu o pai em um acidente, que o mesmo deixou sua mãe com várias fraturas e uma depressão, assim como eu já contei sobre meus pais, mas nunca falamos sobre relacionamentos.

Tento focar no trabalho para terminar o mais rápido possível e ligar para ela mais uma vez.

****

Entro no meu quarto, pego meu celular e ligo para ela que atende no primeiro toque. É sempre assim, parece esperar tanto quanto eu, as nossas ligações.

— Oi, está podendo falar? — Pergunto.

— Posso sim, já coloquei minha mãe para dormir e estou deitada também. — Fecho os olhos, respiro fundo e tento me controlar para não falar alguma coisa que possa a assustar.

— Queria muito ter ido hoje, mas parece que tem alguma coisa me segurando aqui. — Percebo que está sorrindo.

— Não tem problema, vão aparecer outras oportunidades. Conseguiu resolver tudo? — Nossas conversas sempre começam com amenidades, mas hoje preciso ir direto ao assunto.

— Consegui sim. Luíza, eu queria te fazer uma pergunta. Se você não quiser responder, tudo bem, mas você falou uma coisa mais cedo e me deixou intrigado.

Quando ela me falou mais cedo que nunca recebeu flores, fiquei me perguntando o por que. Se nunca teve um namorado ou se teve e ele nunca lhe deu. Cresci vendo meu pai e o tio Edmundo dando flores para minha mãe e a tia Nilza, para mim isso era normal. Diziam que sempre fizeram, desde a época de namoro.

— Claro. O que eu falei?

— Você nunca recebeu flores de nenhum namorado?

— Não. Eu só tive dois namorados. O primeiro foi um namoro de criança praticamente, éramos novos e muito bobinhos, tínhamos treze anos. O segundo foi durante a faculdade, ficamos mais de quatro anos juntos, mas hoje sei que foi o maior erro que já cometi.

— O que te faz acreditar nisso? — Não sei o porquê, mas sinto que não vou gostar do que vem. Tenho a impressão que a lista de pessoas que tenho vontade de socar vai receber um acréscimo.

— Depois do acidente, eu fiquei muito tempo sem conseguir sair. Estava focada no tratamento da minha mãe, não queria deixá-la e também não achava justo passar essa responsabilidade para ninguém.

— Eu faria o mesmo no seu lugar. — A interrompo.

— Pois é, mas meus amigos e ele não pensavam assim, foram se afastando. Achavam melhor coloca-la em uma clínica e seguir a vida como se nada tivesse acontecido, brigávamos muito por conta disso. O Guilherme queria porque queria que eu fosse a uma festa da empresa dos pais dele, eu disse que não e acabamos discutindo mais uma vez. Ele deixou bem claro o que esperava do nosso relacionamento. Queria uma bonequinha para exibir e não uma esposa para crescer com ele sabe?! Eu seria mais um dos seus brinquedinhos. Terminei na mesma hora e ele saiu daqui dizendo que me arrependeria.

— O que pelo seu tom de voz não aconteceu, estou certo? — Ela concorda. — Nós ainda não nos conhecemos pessoalmente e tem pouco tempo, mas, mesmo assim, já percebi que você

é justamente o oposto disso. Não consigo te imaginar nesse papel. Como esse imbecil fica com você durante mais de quatro anos e não te conhece? Desculpa falar assim, Anjo, mas não tem como pensar diferente desse cara.

— Pergunto-me como eu não o conhecia também. Acho que no fundo, ele sempre demonstrou ser assim, eu que não queria enxergar. Começamos a namorar logo no início da faculdade e, enquanto queria me convencer a sair, era sempre muito carinhoso, atencioso, depois de um tempo de namoro foi mudando. Começamos a nos ver mais para sair, ir a algum evento, quase não ficávamos sozinhos, não aceitava um não como resposta. Se eu reclamava, dizia ser coisa da minha cabeça e melhorava um tempo, mas logo depois voltava a agir da mesma maneira. No dia da minha formatura mesmo, era para eu estar junto com os meus pais. Eles vieram se despedir e eu disse que iria também, o Guilherme que não aceitou. Meus pais insistiram para eu ficar por causa da cena que ele fez. — Dou um soco na porta do banheiro, desejando que fosse a cara desse tal de Guilherme. Espero que a vó já esteja dormindo, ou virá ver se aconteceu alguma coisa. — Que barulho foi esse? Aconteceu alguma coisa? — Pergunta e eu respiro fundo antes de responder.

— Nada. Eu deixei uma coisa cair aqui. — Minto. — Ele não te merecia, Luíza, mas acho que preciso encontrar com ele para agradecer uma coisa.

— Agradecer? Não entendi. — Fala confusa.

— Por impor sua vontade. — Tenta falar, mas não deixo e explico. — Na sua formatura, quero dizer. Se ele não fizesse isso, você estaria no carro com os seus pais e sabe Deus o que teria acontecido. Quem iria cuidar da sua mãe? Quem iria me escutar falando sobre cavalos, éguas e potros teimosos? — Brinco para amenizar o clima e escuto-a rindo em resposta.

— Você tem razão nesse ponto. Nunca pensei por esse lado, sempre pensei que queria estar lá para ir no lugar do meu pai.

— Não pensa assim, por favor. Eu aposto que seu pai discordaria de você e sua mãe também. Vamos falar de outra coisa. — Digo, pois a sinto triste pelo assunto. — Você disse que gostou das rosas, quais outras flores que você gosta? — Pergunto tendo uma ideia.

— De todas, não tenho uma específica. As rosas estão aqui comigo para alegrar meu quarto. — Sortudas, penso. — Falou alguma coisa? — Merda, acho que eu disse em voz alta.

— Não. Deve ter sido a televisão. — Ligo na hora para disfarçar. — O que mais você gosta de ganhar de presente?

— Isso é um interrogatório? — Pergunta, mas não me dá tempo de responder. — Estou brincando. Sei lá, o normal de toda mulher. Gosto de ganhar flores, apesar de só ter ganhado do meu pai e de você, chocolate, não sei. Acho que o que vale é quem deu e o motivo. Presentes caros nunca encheram meus olhos. Prefiro um simples, mas que tenha sido dado com

sinceridade, com sentimento e não só para aparecer.

— Me enganou, sua danada. Disse que nunca tinha ganhado flores, pensei ser o primeiro a te dar. — Ouço a gargalhada dela.

— Pai não conta seu bobo. Você foi o primeiro tirando ele, melhorou?

— Deixe-me pensar aqui. — Faço uma pausa e completo. — Depende. O que você está disposta a fazer para me compensar por essa desilusão?

— Tem alguma sugestão, uma dica de alguma coisa que você goste muito?

— Você. — Falo sem pensar. — De conversar com você, quero dizer. – Disfarço. — Nossas conversas são o ponto alto das minhas noites. Tem dias em que sinto falta de ter com quem conversar. A vó Aurora e os outros funcionários dormem cedo. Os mais novos só querem saber de farra e eu quero é distância disso.

— Já pensou em voltar para a cidade? Assim estaria mais perto dos seus amigos.

— Já sim, mas gosto daqui, dessa tranquilidade. Fora que amigo mesmo, só o Marcelo e agora você. Como ele anda muito ocupado ultimamente, adivinha para quem vai sobrar suprir essa minha carência.

— Com todo prazer, mas não devem faltar mulheres dispostas a te ajudar com isso. Vai me dizer que não? Por falar nisso, o senhor só me escutou falar sobre meu namoro fracassado, mas não me contou nada sobre você. Isso não vale.

— Fica para outra noite. Já tivemos assuntos tensos o suficiente por hoje, vai por mim.

— Vou te cobrar, pode ter certeza.

— Pode deixar, seu desejo é uma ordem. Vou te deixar descansar, amanhã acordo cedo também. Boa noite, Anjo, durma bem.

— Boa noite, Carlos, até amanhã. Durma bem também.

Desligo e vou direto para o banho. Se já estava precisando antes, agora então, nem se fala. Frio de preferência, bem frio. Não sei o que essa mulher tem, mas quero descobrir.

Capítulo nove

Ana Luíza

— Bom dia, Ali. — Passo por sua mesa e mando um beijo para ela.

— Bom dia, Lu. Tem uma coisa para você na sua mesa. — Responde.

Sigo para minha sala e, quando entro, vejo um arranjo de gérberas coloridas em minha mesa. Pego o buquê para ver se tem cartão e, quando acho, leio:

"Para animar o seu dia. Com carinho, Cadu."

Com certeza ele conseguiu. Estou com um sorriso no rosto tão grande, que tenho medo que ele se parta ao meio. Pego o celular e mando uma mensagem agradecendo.

"Assim você vai me deixar mal-acostumada. Obrigada pelas flores, são lindas. Beijos. Lu."

Ligo o computador e acesso a internet para pesquisar o significado delas.

— Desejo de sucesso, alegria, pureza e simplicidade. — Leio em voz alta. Não tenho ideia se ele sabe esses significados, ou se manda por acaso. Só sei que gosto.

O restante do dia passa sem nenhum problema. Quando encerra o expediente, sigo para casa ansiosa por sua ligação.

Temos nos falado todas as noites, fora as mensagens que trocamos durante o dia. Coisas bobas como uma foto de um bicho que ele achou na fazenda, de um potro, fotos de comida que mando dizendo que ele precisa provar, essas coisas.

— Boa noite, moças bonitas. O que vocês fizeram de bom hoje? — Cumprimento a tia Dalva e minha mãe dando-lhes um beijo e vou beber água. Quando volto para a sala, tia Dalva me responde.

— Adiantamos o dia das meninas. A Rosane também veio, acabou de sair daqui. Ficamos de papo o dia todo. — Diz enquanto levanta-se. — Deixei a janta pronta, é só esquentar, Lu. Já vou indo, qualquer coisa é só me chamar. — Fala e se vira para a minha mãe. — Amanhã eu volto. Boa noite. — Dá um beijo nela e outro em mim e sai.

— A senhora parece estar bem, mais animada. Está gostando de ficar com as tias? — Faz que sim com a cabeça. — Que bom, mãe! — Dou-lhe um abraço.

— Eu estou bem, filha. Pare de se preocupar comigo. E você, está gostando do trabalho?

— Muito, o pessoal de lá é bem legal. Só sinto falta da senhora. Ficávamos juntas direto, agora só a vejo antes de sair e a noite. Só não largo tudo, porque estou vendo que está te fazendo bem. Fico tão feliz com isso!

Passa a mão em meu rosto, fazendo-me um carinho e eu faço o mesmo com ela. Fica me olhando e fala:

— Não estou feliz só por causa disso, filha. Estou feliz por você também. Por estar trabalhando, fazendo novos amigos. Não quero que fique enfiada dentro de casa direto como ficava. Ainda é tão nova, tem que aproveitar, se distrair.

Limpo o meu rosto, pois acabei chorando. Vê-la assim tão bem, saindo da depressão que estava há tanto tempo, não tem como eu não me emocionar. Vejo que também está chorando e limpo o seu rosto.

— Eu te amo, mãe! E faria tudo outra vez por você. Só estou retribuindo o que sempre me deu. — Suspiro. — Agora vamos jantar.

Levanto, coloco a mesa e depois de comer, a ajudo a tomar banho e tomar os remédios. Levo-a para o quarto e a deixo deitada para dormir. Vou lavar a louça e organizar as coisas. Quando termino, tomo meu banho e pego o celular. Vejo que tem uma mensagem do Carlos, perguntando se posso falar, de cinco minutos atrás, respondo que sim. Meu telefone toca na mesma hora.

— Sabe, estava me lembrando de uma coisa aqui, estou sendo enrolada. Tem uma pessoa que prometeu falar sobre um certo assunto, mas até agora nada. — Digo brincando.

— Culpado. Você tem certeza que quer saber? Posso dizer que não é agradável. — Responde e o sinto tenso.

— Estou brincando, Carlos! Não precisa falar se não quiser. — Por que eu tinha que falar disso? Nossas noites são sempre leves, animadas e eu tinha que estragar tudo.

— Não, Anjo, você tem razão. Você falou do seu e eu prometi te contar do meu. Nunca falei disso com ninguém a não ser com o Marcelo, vai ser até bom.

— Você escolhe. Se quiser falar de outro assunto e deixar para outro dia, tudo bem.

— Sem problema. — Começa a falar. — Eu namorava a filha de uma prima da minha mãe. Elas eram a única parte da família que ainda estavam vivas e minha mãe acabou se aproximando, apesar de não se darem muito bem. Começamos a namorar quando eu tinha dezessete anos. Ela era bonita, chamava atenção por onde passava, eu acabei me deixando levar. As duas sempre foram muito esnobes, interesseiras, se achavam melhor do que todo

mundo, mas na época eu não ligava, só via que era linda, que todos os garotos da escola queriam o que eu tinha, ou achava que tinha. Espera só um minuto para eu fechar a porta, não quero que a vó Aurora escute.

— Tudo bem. — Digo.

— Voltando. Acabei cansando daquilo, ela ficava no meu pé, queria mandar em mim, destratava o Marcelo direto. Acabei me afastando. Não me pergunte o porquê de não ter terminado logo. Quando meus pais faleceram, eu fui morar com os pais do Marcelo, que eram nossos empregados na época. Lógico que ela e a mãe dela não gostaram nada disso. Insistiam para que eu voltasse para casa e acabamos nos vendo cada dia menos. No dia da leitura do testamento, apesar de não serem chamadas, elas foram. Quando o advogado disse que não tinham herdado nada, ao contrário dos tios e do Marcelo, a mãe dela se rebelou, disse que era um absurdo, elas que eram da família não receberem nenhum bem, enquanto os empregados herdaram. Queriam que eu contestasse.

— Nossa, Carlos! Elas não são só esnobes, são sem noção também. O momento já devia estar sendo bem difícil para você e elas ainda fizeram ficar pior. Você não concordou com isso né? Era a vontade deles.

— É por essas e outras que estou ficando caidinho por você, Anjo. Você não se parece em nada com elas.

— Bobo! Só não consigo entender alguém achar-se mais importante que os outros por ter mais dinheiro, coisas assim.

— Estou falando sério, Anjo. Ainda fica pior. Eu pedi para conversar com os tios e o Marcelo sozinho, queria chamá-los para morar comigo. O Marcelo saiu da sala para buscar um copo de água para a tia e escutou as duas conversando. Para ser mais exato, elas falavam sobre ter que me convencer a casar o mais rápido possível. Como não achavam que eu fosse querer, resolveram tentar o golpe da barriga, o que também não seria possível, uma vez que eu não estava mais tendo relações com ela. Então resolveram me dopar, para fazer com que eu achasse que tinha acontecido e ela engravidaria do amante.

— Meu Deus, Carlos! Dopar? Isso é demais até para pessoas como elas. Até onde o ser humano pode ir por dinheiro? Isso é muito perigoso. — Se eu soubesse onde elas estão nesse momento, era capaz de ir atrás. Como pode ser assim? Em um momento já tão delicado para ele e elas fazem isso. Quando perdi meu pai já foi difícil e eu ainda tinha minha mãe comigo. Não gosto nem de pensar na dor que ele sentiu perdendo os dois juntos.

— Elas não conseguiram. Como o Marcelo escutou, quem acabou dopada foi ela. Combinei com ele, fui para a casa dela e fingi não saber de nada. Quando tentou me dopar, eu troquei os copos sem ela perceber e ela tomou a droga. A esperei dormir, mandei mensagem para o amante dela e, quando ele chegou, quem recebeu fui eu. Dei um soco nele, hoje acho

que fiz foi pouco, mas na época ainda estava meio perdido, fora de rumo, não pensei direito. Saí de lá deixando recado para não me procurar mais ou contaria tudo aos nossos amigos. — Respiro fundo tentando acalmar-me um pouco depois de ouvir isso tudo, mas não adianta muito — Você ainda está aí, Anjo?

— Estou sim, só tentando digerir isso tudo que acabei de escutar.

— Eu avisei que não era nada agradável, mas já passou.

— Nada disso. Nesse momento eu estou com vontade de dar uma surra nelas. Vai, passa o endereço que já estou trocando de roupa para ir. — Digo levantando. Deixo o telefone em cima da cama e o coloco no viva-voz.

— Anjo, diz que é brincadeira, que esse barulho não é você se arrumando para sair.

— Sinto muito, mas, se eu falar isso, será mentira.

— Luíza me escuta, para começar, elas não moram mais no Brasil. A última notícia que tive, foi que se mudaram para a Itália. A Elisabeth se casou com um homem de setenta e cinco anos. — Sento-me na cama outra vez. — Mais uma coisa, eu nunca deixaria você chegar perto delas, não confio nessas duas. Obrigado por querer fazer isso, mas não.

— Você é um estraga prazer. Já estava animada aqui, pensando nas maldades que iria fazer com elas. — Ele começa a rir. — Ei, estou falando sério!

— Eu também. Se elas chegarem perto de você, faço o que deveria ter feito anos atrás. Só fiquei curioso com uma coisa agora, estava mesmo tirando a roupa?

— Acha que eu iria sair de camisola na rua? — Escuto o suspiro dele.

— Já é difícil o suficiente dormir depois de conversar com você, agora sabendo que está sem roupa, vai ficar impossível.

— Sempre tão engraçadinho. — Digo, mas minha voz soa afetada.

—Não estou brincando, Anjo. Estou falando a verdade. Com as nossas conversas já fico doido, imaginar você trocando de roupa só vai piorar. — Fala e sua voz está tão afetada quanto a minha. — Não quer tirar um dia para vir na fazenda? Eu não estou conseguindo sair daqui agora, essas obras estão acabando comigo. Sei que precisava disso para abrir o centro de equoterapia e o salão de festas, mas eu preciso te ver, preciso te conhecer, Lu. Quero te abraçar, saber que é de verdade e não só minha cabeça me pregando uma peça.

— Não tenho como, Carlos, tem a minha mãe. Não posso pedir as tias para fazerem mais do que já fazem. Sei que não negariam, mas não posso fazer isso.

— Eu sei, mas se ela vier junto? Você pode vir no sábado bem cedo. No domingo você sai daqui depois do almoço. Tenho certeza que ela irá gostar, fará bem a ela. E a vó também vai gostar de ver a casa um pouco mais cheia.

— Não sei. Teria que ver um carro e a viagem é muito cansativa para ela.

— Carro não é problema, Anjo. Você pode combinar com um dos motoristas da empresa. Ele te traz e pode até ficar aqui. Fala com a sua amiga também, Juliana, não é isso? Ela pode vir junto e trazer a mãe dela e a Rosane também. A casa é grande, espaço não vai faltar. Sei que esse fim de semana não vai dar tempo, mas pensa para o próximo, pode ser?

— Tudo bem, eu vou pensar, mas não garanto nada. Tenho que ver o que ela acha disso, as tias e a Ju também. Você tem certeza disso, Carlos? Ainda nem me conhece, quer mesmo que eu vá para a sua casa e ainda leve várias pessoas junto?

— Eu te conheço, só não sei como você é fisicamente falando, mas te conheço muito bem. Como agora, por exemplo. Sei que você está com medo, só não entendo o porquê.

— Você nunca me viu, e se eu chegar aí e você não gostar do que vê? Já pensou em procurar fotos nas minhas redes sociais?

— Nem passou pela minha cabeça. Poderia até pedir ao Marcelo também, mas não ligo para a sua aparência. Você procurou nas minhas?

— Não e nem tenho a intenção de fazer. Assim como você, também não me importo com a aparência. Prefiro ver pessoalmente, não quero ver fotos, elas não mostram tudo.

— Concordo. Vamos combinar de não fazer isso então. Só vamos saber como somos no dia que nos encontrarmos pessoalmente. Topa?

— Topo sim. Quem sabe não acontece no próximo fim de semana?

— Tomara. Vou deixar você descansar, Anjo. Amanhã nos falamos mais. Dorme bem e sonha comigo.

— Isso eu faço sempre. Boa noite para você também. Beijos.

— Somos dois então, beijos. — Se despede e desliga.

Eu não contei para as meninas no trabalho sobre nossas conversas e acredito que ele não tenha falado com o Marcelo ou então pediu que não falasse nada, já que nem ele e nem a Ali falaram sobre isso. Prefiro guardar só para mim, pelo menos por enquanto.

Quando ele mandou as flores, eu disse que eram de um amigo, não entrei em detalhes. Só quem sabe sobre isso é a Ju, que estava aqui em uma das vezes que ele ligou e, também, eu não

consigo esconder nada dela.

Sempre que nós conversamos, ele solta uma brincadeira ou outra e eu também, mas hoje ele foi mais direto. Não acredito que isso foi acontecer comigo. Eu não queria mais me envolver com ninguém e fui me apaixonar justo pelo meu chefe que eu nunca vi. Estou ficando maluca.

Capítulo dez

Carlos Eduardo

— Fala, Marcelão! — Falo assim que atendo o meu telefone.

— Fala, você. Ainda está vivo, cara? Tem tanto tempo que não nos falamos. Achei que já tinha morrido ou sido abduzido por ETs. — Dou uma risada e ele me acompanha.

— Nada disso. Só muito trabalho mesmo. Essa obra está acabando comigo. Por que mesmo eu resolvi fazer isso, cara?

— Para ter o que fazer. Não era você que estava reclamando dos dias na fazenda? Como foi mesmo? "Não aguento mais ficar parado, tenho que arrumar alguma coisa para fazer nessa fazenda ou vou ficar maluco." — Diz tentando imitar minha voz.

— Você está certo, mas não precisava de tanto. Estou ficando só o pó. — Dou um suspiro.

— Isso é só agora, Cadu. Quando estiver pronto vai ser mais fácil. Você já pensou se vai contratar alguém para te ajudar a administrar ou se vai encarar sozinho?

— Estou pensando, Marcelo. Até tive uma ideia aqui, mas acho que pode ser muito rápido. Tenho medo de me precipitar e acabar assustando-a. Se bem que tudo com essa pessoa é sempre assim. Só não é para eu conhece-la. Não consigo.

— Nem precisa falar em quem você pensou. Vai me deixar na mão mesmo, cara? É sério isso? Vai levar a minha administradora? — Fala me zoando.

— Não sei, cara. Sinceramente não sei. Você acha que ela aceitaria? Ou vai me chamar de maluco? Mas também não é só por estar envolvido com ela. Eu queria alguém de confiança para colocar aqui mesmo. Na empresa, você dá conta de tudo e podemos colocar a Aliane como secretária ao invés de recepcionista.

— Cadu, vou ser bem direto. Não consigo entender essa dinâmica de vocês dois. Estão muito envolvidos em pouco tempo, cara. Ainda nem se conhecem. Ela não fala nada na empresa, mas nem precisa. A cara dela desde que começou essas ligações de vocês é outra. Está muito mais alegre, mais animada. Só que tem o lance da mãe, ela vive em função dela. Talvez não goste da ideia de levá-la para um lugar mais isolado. Quanto ao lance de alguém de confiança, eu concordo com você e ainda tem a competência. Ela trabalha muito bem. A Rosane tinha toda razão quando a indicou para o cargo.

— Está vendo!? É de alguém assim que preciso aqui. Quanto a nós dois, eu sei que é

rápido. Nem eu entendo, Marcelo, mas não consigo controlar. Olha que já tentei. Fiquei com receio do que ela iria pensar, afinal de contas eu também sou patrão dela. Mas não consigo ficar um dia sem ligar. O dia que não liguei, não consegui dormir. Mandei uma mensagem de madrugada para que visse quando acordasse e ela me respondeu na hora. Também não conseguia dormir. Sei que não estou sozinho nessa. Ela também se sente assim, cara. Sinceramente, eu não sei o que fazer e nem o que pensar. Parece loucura. — Solto um suspiro.

— Se ela se sente assim também, você já tem meio caminho andado. Só falta resolver sobre a mãe dela.

— Sim, cara. Mas talvez eu tenha uma vantagem. A equoterapia pode ser uma aliada no tratamento da depressão também. Quando o centro estiver pronto, ela pode trazer a mãe para ver se gosta e, se gostar, vai ser mais fácil traze-las para cá.

— Você pensou em tudo mesmo né, cara? Cercou por todos os lados.

— Eu já estava nisso há muito tempo, Marcelo. Acho esse trabalho muito legal mesmo. Já que eu tenho a possibilidade de ajudar, por que não fazer? Você precisa ver a respeito disso, cara. Ajuda crianças com Síndrome de Down, autismo, idosos, tanta coisa que você vai ficar besta!

— Depois desta animação toda, vou procurar sim. Agora me diz, quando vocês vão se conhecer?

— Estamos vendo se ela consegue vir aqui na fazenda, já que eu não consigo ir à cidade. Falei para trazer a mãe, tias e aquela amiga dela. Deve chamar um dos motoristas. Queria até ver com você qual é o melhor que temos agora. Tem que ser um carro grande também, para caber todas. Elas vêm no sábado de manhã cedo e voltam no domingo depois do almoço. Você e os tios podiam vir, cara. Vó Aurora vai adorar.

— Vamos ver, mas acho que a casa já vai estar cheia o suficiente para te atrapalhar. A menos que você esteja tentando bancar o esperto e, na verdade, queira a minha ajuda para escapar. É isso? — Esse não perde uma oportunidade de me perturbar.

— Idiota. E a sua namorada? Você não falou nada sobre a Luíza com ela?

— Claro que não. Estou namorando, mas esse assunto é seu, cara. E se a Luíza quisesse que a Ali soubesse, falava ela mesma.

— Valeu, cara. Não sei o que ela pensa sobre isso, mas acho que prefere deixar só entre a gente mesmo, por enquanto.

— Bom, liguei só para ver como você está. Vou desligar que a Ali está me esperando já. Marcamos um cinema. Vou ver sobre o fim de semana e te falo. Mas se você acha que ela não quer que ninguém saiba, como vai ser se eu chegar na fazenda com a Ali? Pensa nisso e me

fala. Boa noite, cara!

— Boa noite! Manda um abraço para os tios. A gente se fala.

Desligo o celular e sigo para casa. Todos os funcionários já foram embora. Agora é só tomar um banho e comer alguma coisa. Preciso da minha cama.

Assim que entro em casa, vou direto para o banho. Deixo a água correr sobre meu corpo, e tento tirar um pouco da tensão do dia. Termino de me lavar, saio e me seco. Visto uma roupa e desço para comer alguma coisa. Passei o dia todo na correria, mal tive tempo de comer hoje.

Entro na cozinha e encontro a vó Aurora esquentando minha comida. Ela me serve e senta-se comigo à mesa.

— Como foi hoje, meu filho? Você parece cansado.

— Estou mesmo, vó, mas está valendo a pena. Quando estiver pronto, vai ficar bom. — Respondo com um sorriso no rosto e ela me dá um também.

— Seus pais ficariam orgulhosos de você, Cadu. Este projeto que você está fazendo vai ajudar muita gente. — Diz e aperta minha mão por cima da mesa.

— A intenção é essa, vó. Quero destinar uma parte do atendimento para pessoas que não possam pagar. Aquele alojamento no final da fazenda vai ser reformado, para poder receber as famílias que moram mais distantes e não tem como vir sempre. Não vejo a hora de estar tudo pronto.

— Já sabe se a sua amiga vai vir no final de semana e quantas pessoas vêm, para que eu possa me programar?

— A principio vem sim. Deve vir ela e mais umas cinco pessoas. Chamei o Marcelo e os tios para vir também. Se vierem mesmo são mais quatro. Ele ficou de confirmar. Assim que me responder, eu falo para a senhora.

Conversamos mais um pouco sobre as coisas da fazenda enquanto eu acabo de comer. Levanto-me e tiro o prato da mesa, coloco na pia e antes que eu comece a lavar, vó Aurora diz para eu deixar, que ela mesma lava a louça.

— Vou deitar então, vó. Vai a senhora também que já está tarde. Boa noite. — Falo e dou um beijo em sua testa.

— Não fique até tarde no telefone, meu filho. Você precisa descansar.

— Pode deixar. — Viro-me e saio da cozinha sorrindo. Só eu mesmo para achar que conseguiria esconder alguma coisa dela.

Mando uma mensagem para ver se a Luíza ainda está acordada e ela me liga na mesma hora.

— Te acordei, Anjo?

— Não, ainda estava acordada, acabei de deitar. Você só parou agora? Deve estar cansado, vou desligar para você descansar.

— Não precisa. Eu quero falar com você mesmo. Está tudo certo para o fim de semana? Pedi ao Marcelo para arranjar um motorista para vocês. Ele vai ver um carro confortável para virem todas juntas.

— Está sim. A tia Rosane falou tanto da fazenda que agora todas querem conhecer. Não falam em outra coisa. Ainda está em tempo de você desistir.

— Nem pensar nisso! E perder a oportunidade de te conhecer pessoalmente? Quero te mostrar como as coisas estão ficando aqui, acho que você vai gostar. Talvez mais de uma parte do que da outra. — Digo pensando no centro. Ela já me falou sobre as pessoas que via quando levava a mãe para as seções de fisioterapia.

— Me deixar curiosa não vale Carlos! Isso é maldade!

— Calma que agora falta pouco. Mais três dias e você vai saber. Mudando de assunto. O Marcelo me ligou agora à noite e eu o chamei para vir aqui na fazenda, mas ficamos em dúvida sobre o que você iria achar de a Aliane estar aqui também. Você comentou alguma coisa com ela?

— Não falei. A única que sabe é a Ju, mas não se preocupa com isso. Não tem problema. Não é como se eu fosse sozinha.

— Vou falar com ele então. Ele falou outra coisa também. Sobre nós dois. — Falo tentando entender o que ela pensa a esse respeito.

— Falou o quê?

— Que não entende o que acontece entre nós. Nem nos conhecemos pessoalmente, nos falamos há pouco tempo, mas parece que já te conheço há anos.

— Quando você falar com ele outra vez, diz que eu pedi para se ele descobrir me falar, porque também quero entender. Às vezes acho que estou ficando maluca, confundindo tudo. Afinal de contas, além de só terem uns três meses que nos falamos, você é meu patrão. Fico me perguntando o que os outros vão pensar disso. Principalmente na empresa.

— Eles não têm que pensar nada, Anjo! A vida é nossa. Você se arrepende? Quer parar? — Pergunto e fico tenso esperando a resposta.

— Não, claro que não! Só pensei que você pudesse não gostar disso. — Solto o ar que nem sabia que estava segurando.

— Não se preocupe com isso. Não vai acontecer e, se acontecer, nós vamos resolver. — Falo tentando lhe passar segurança.

Conversamos mais um pouco sobre o dia dela e o meu, nos despedimos e desligamos. Estamos os dois cansados e amanhã o dia vai ser longo.

****

Entro no site da floricultura para fazer o pedido. Isso já virou rotina nas minhas sextas-feiras. Achei um site que me ajuda com os significados, assim faço tudo no mesmo lugar e de uma maneira bem simples. Essa floricultura te ajuda a escolher a flor de acordo com o que você quer dizer através do buquê. O que facilita e muito a vida de um homem. A escolhida da vez é o girassol. Esse significa felicidade, calor, lealdade.

Ela manda uma mensagem para agradecer assim que recebe e meu dia segue corrido. Nem acredito que amanhã cedo, ela vai estar aqui comigo.

No final do dia meu telefone toca e quando eu o pego, vejo seu nome no visor. Atendo de imediato e viro-me deixando os funcionários que estão de saída para trás. Já está tarde e o dia de serviço terminou.

— Boa noite, Anjo. Está me ligando para dizer que adiantou e está vindo hoje? — Pergunto brincando.

— Não, Carlos. Não é isso. — Sua voz é tensa.

— Estou brincando, Luíza. Aconteceu alguma coisa? Você parece nervosa.

— Eu não vou poder ir amanhã, Carlos.

— Você está me deixando preocupado. O que aconteceu? — Pergunto.

— Minha mãe, Carlos. Ela passou mal, estou no hospital. Ela vai ter que ficar internada. — Fala chorando. Puta que pariu. O que será que aconteceu?

Capítulo onze

Ana Luíza

Nem acredito que eu finalmente vou conseguir conhecer o Carlos. O Marcelo vai hoje com os pais dele e a Ali para a fazenda. Preferi ir amanhã com as tias, a Ju e a minha mãe. Achei que seria melhor chegar durante o dia para conhecê-lo.

Pego minha bolsa, meu arranjo de girassóis que recebi hoje e saio. Preciso passar no mercado para comprar algumas coisas para levar e ainda tenho que terminar de arrumar as bolsas, já que sairemos amanhã bem cedo.

Entro em casa e encontro a tia Rosane sentada na sala com a minha mãe. Aproximo-me, dando um beijo em cada uma e deixo as minhas coisas em cima da mesa de centro.

— Boa noite, tia, mãe! Como foi o dia de vocês hoje?

— Tudo bem, minha filha! A Dalva acabou de sair daqui. Tudo certo para amanhã? — Me pergunta a tia Rosane.

— Está sim, já comprei as coisas que faltavam e tenho que terminar de arrumar as bolsas. Só faltam as coisas que vamos usar ainda. O Marcelo há essa hora já está a caminho.

— A Aurora vai ficar doida, ela adora a casa cheia. Lembro da última vez em que fui à fazenda. Os pais do Cadu ainda eram vivos e fizeram uma festa de Natal para os funcionários. Ela trabalhou igual uma doida, mas adorou. Não deixava ninguém chegar perto da cozinha dela.

— A Ju está bem animada com essa viagem. Não fala de outra coisa. — Digo.

— Aquela menina é animada por natureza. — Fala a tia Rosane. — Bem, vou para casa terminar de arrumar minhas coisas também. Até amanhã meus amores.

Levo-a até a porta, dou um beijo em seu rosto e entro. Sinto que minha mãe está diferente, não sei explicar o quê. Está calada desde que cheguei e ultimamente não tem ficado assim.

— Tudo bem? Está tão quieta hoje. — Faz que sim com a cabeça. — Vamos jantar então. — Digo não muito convencida com sua resposta.

Durante o jantar, sinto que está com dificuldades em segurar o talher e que não come direito. Quando acabamos a levo para o quarto. Pergunto se quer ajuda com o banho, mas ela faz sinal que não com a cabeça. Digo para me chamar se precisar de alguma coisa e deixo-a

tomando banho enquanto vou tomar o meu também.

Saio do chuveiro, enrolada em uma toalha e escuto um barulho vindo do banheiro da minha mãe. Saio correndo preocupada, com medo de que ela tenha caído.

Assim que entro no banheiro a encontro no chão, o que me desespera.

— Mãe, fala comigo, por favor! O que aconteceu? — Pergunto, mas ela parece não conseguir falar. Começo a gritar por socorro, rezando para que alguém consiga me escutar.

Não demora muito e a tia Dalva entra em casa com a Ju. Gritam da sala perguntando onde estamos.

— Estamos no banheiro da minha mãe. — Grito em resposta e elas logo chegam.

— O que aconteceu, minha filha? Ela estava bem quando eu saí daqui ainda agora. — Fala a tia Dalva.

— Vamos descobrir agora mesmo, Lu. Estou indo pegar o carro, vamos levá-la ao hospital. Vai vestir alguma coisa. — A Ju fala e sai correndo.

— Vai se vestir, Luíza. Deixa que eu fico com ela. — Escuto a tia Dalva falar e saio correndo para o meu quarto.

Os próximos minutos se passam como um borrão. Coloco-a no carro com a Ju e seguimos para o hospital.

Assim que chegamos, a Ju sai correndo chamando por ajuda. Ela volta com dois enfermeiros e uma maca. Eles a pegam e a levam para dentro. Sigo logo atrás deles.

Deixo a Ju fazendo a ficha da minha mãe e sigo a maca. Logo entra um senhor, por volta de seus cinquenta anos, de jaleco e se identifica como médico.

— Pode me dizer o que aconteceu? — Pergunta-me.

— Eu a encontrei caída no chão do banheiro. Perguntei o que tinha acontecido, mas ela não respondeu.

— Antes disto, ela estava sentindo alguma outra coisa?

— Percebi que ela tinha dificuldades em segurar os talheres na hora do jantar e que não conseguia comer direito também.

— Tudo bem. Você tem que sair agora. Preciso examiná-la. Assim que souber alguma coisa, peço para lhe chamar. — O médico fala e um enfermeiro me guia para fora da sala. —

Paro na porta e digo a ele com lágrimas descendo pelo rosto:

— Cuida da minha mãe, por favor!

O médico faz que sim com a cabeça.

Encontro com a Ju e a tia Dalva me esperando próximo à recepção.

— Falaram alguma coisa? Sabem o que ela tem? — Tia Dalva pergunta assim que paro ao seu lado e sinto seu desespero.

— Nada, tia. O médico pediu para aguardar. Não acredito que estou passando por isso outra vez. — Falo. Jogo-me na primeira cadeira que vejo e choro ainda mais.

— Calma, Lu. A tia vai ficar bem! — A Ju diz e elas sentam-se, cada uma de um lado, segurando minhas mãos.

Passa-se uma hora mais ou menos e o médico vem falar comigo. Levanto com a tia e a Ju logo atrás de mim. Ele se aproxima, nos cumprimenta com um sinal de cabeça e começa a falar:

— Fizemos exames de sangue e um eletrocardiograma em sua mãe.

— O que ela teve doutor? Ela está bem?

— Vamos levá-la para fazer uma tomografia agora. Precisamos fazer o quanto antes para fechar o diagnóstico. Estamos preparando a internação. Qualquer novidade, venho informá-las.

— Eu não acredito nisso, tia! Logo agora que ela estava ficando tão bem, tão animada. — Digo olhando para a tia Dalva. — Meu Deus, ajuda minha mãe, por favor! Eu imploro! — Falo olhando para o teto com as lágrimas descendo sem parar em meu rosto.

— Calma, Lu. A tia vai sair dessa, tenho certeza! Ela é forte, você tem que ter fé, amiga.

— Ela está certa, minha filha. Vamos ter fé. — Tia Dalva diz e completa em seguida. — Temos que avisar a Rosane. Ela precisa saber.

Não respondo. Já não consigo mais falar. O desespero começa a me pegar. Lembro-me dos momentos de angustia na época do acidente, enquanto eu esperava respostas sobre a sua saúde e o medo chega com força.

Vejo a Ju se afastar com o celular. Provavelmente vai avisar a Tia Rosane. Lembro-me que preciso ligar para o Carlos e avisar que não posso ir. Eu só o queria aqui comigo agora.

Levanto e começo a andar sem direção. Resolvo avisa-lo de uma vez. Pego meu celular e

disco seu número e ele atende no segundo toque. Nem espera que eu diga nada e brinca comigo, perguntando se antecipei minha viagem. Quando digo que não posso ir, percebo que ele entende que aconteceu alguma coisa. Ele me pergunta e lhe respondo:

— Minha mãe, Carlos. Ela passou mal, estou no hospital. Ela vai ter que ficar internada. — Digo chorando cada vez mais.

— Anjo, fica calma! O que está acontecendo? Tem alguém aí com você?

— A Ju e a tia Dalva estão aqui. Acho que a Ju foi avisar a tia Rosane. Eu estou desesperada Carlos! Não sei o que fazer.

— Fica calma, Anjo! Respira e me fala o que aconteceu. — Faço um resumo da noite desde que cheguei em casa e ele pergunta: — O que os médicos falaram?

— Fizeram exame de sangue e um eletrocardiograma nela. Agora estão fazendo uma tomografia, mas ninguém explica o que está acontecendo. — Não consigo mais segurar. Estou aos prantos. Desesperada.

— Luíza, eu preciso que você me escute! Quero que você me passe o endereço do hospital pois estou indo agora ficar com você.

— Não, Carlos. Você não pode vir. O Marcelo deve estar chegando aí na fazenda.

— Ele é de casa, Anjo! Vai, me diz em qual hospital vocês estão. — Ele fala.

— De jeito nenhum! Já está tarde. Você não vai pegar a estrada nessas condições. Por favor, eu não quero mais uma preocupação.

— Eu vou tomar cuidado na estrada, Anjo, mas eu preciso estar com você agora. Está me deixando doente aqui saber que você está precisando de mim e eu tão longe. Não posso te deixar sozinha em um momento deste.

Vejo a Ju vindo para perto de mim. Fala sem som que avisou a tia Rosane e faço que sim com a cabeça.

— Eu não estou sozinha. A Ju e a tia Dalva estão comigo, a tia Rosane está vindo também. Promete-me que vai ficar ai em segurança, por favor? Eu juro que se eu precisar de alguma coisa, te ligo na mesma hora, Carlos. — Escuto seu suspiro enquanto vejo a Ju se afastar me dando privacidade.

— Tem certeza? Eu posso chegar aí em uma hora e meia no máximo.

— Tenho, sim. Eu não quero te conhecer nessa situação, dentro de um hospital. Ela vai sair daqui em breve e nós vamos poder nos ver, tenho certeza.

— É assim que se fala, Anjo. Você tem que ter fé. Não desliga esse telefone e qualquer coisa, a qualquer hora, é só me ligar que eu vou correndo. Está me ouvindo? Mais tarde eu te ligo para saber de vocês. Assim que tiver notícias me avisa, por favor. Vou estar aqui torcendo por vocês. Beijos.

— Pode deixar que aviso, sim. Obrigada. Beijos.

Volto para perto da tia e da Ju e me sento para aguardar o médico retornar com alguma novidade.

Pouco tempo depois, a tia Rosane chega e vem correndo em nossa direção. Ela me abraça e fala:

— Luíza, como foi que isso aconteceu, minha filha? Ela estava bem o dia todo.

Conto para ela tudo desde a hora em que ela saiu e assim que termino, o médico aparece. Nós quatro nos levantamos e esperamos ele começar a falar.

— A senhora. Elizângela teve um AVC isquêmico. Já entramos com o trombolítico na veia para normalizar a circulação. Agora temos que esperar e ver como o organismo dela irá reagir ao tratamento. O quarto dela está sendo preparado e assim que estiver instalada, vocês serão avisadas.

— Obrigada, doutor. Nós vamos poder entrar para vê-la? — Pergunta a Ju ao meu lado. Acho que percebeu como eu estou. Não consigo nem raciocinar direito agora.

— Ela estará dormindo. Aconselho vocês a irem para casa e voltar amanhã descansadas. Qualquer novidade nós entraremos em contato.

— Eu não vou! Quero ficar com ela! — Digo de imediato.

— Tudo bem, mas as outras não poderão ficar. — O médico contrapõe. — Qualquer coisa é só pedir para me chamar.

Faço que sim com a cabeça e o vejo se afastar. Elas ficam comigo até sermos informada do número do quarto da minha mãe e se despedem, deixando recomendações para ligar a qualquer hora em que precisar. A Ju avisa que vai pegar roupas para mim e que traz amanhã cedo.

Entro no quarto e vejo minha mãe deitada na cama cheia de fios ligados a ela. Começo a chorar mais uma vez. Vejo a enfermeira, uma senhora de cabelos bem grisalhos, olhando-me enquanto caminha em minha direção.

— Não fique assim, minha filha. Tente se acalmar ou o médico não irá deixar que você fique. — Aperta minhas mãos e sai do quarto.

Sento-me em um sofá no canto do quarto e fico a olhando, pedindo a Deus para que a cure. Sinto meu telefone vibrar e vejo que é uma mensagem do Carlos perguntando como estamos. Resolvo ligar de volta para ver se ele consegue me distrair um pouco.

Capítulo doze

Carlos Eduardo

Logo depois de falar com a Luíza, o Marcelo chega. Conto para eles o que aconteceu e ele quer fazer o mesmo que eu: pegar a estrada e ir direto para o hospital. Ele já contou a Aliane sobre a Luíza e eu, já que ela viria.

— Você não vai pegar a estrada a essa hora, Carlos Eduardo! Sabe muito bem como é perigosa! — Diz a vó Aurora. — Quer o que? Precisar ficar lá no hospital também?

— A Aurora está certa, meu filho. — É a vez de a tia Nilza falar. — Ela não pediu que ficasse aqui? Vai deixá-la mais nervosa do que já está. Espera um pouco, daqui mais um tempo você liga e pergunta como a mãe dela está. Se for o caso, vamos todos.

Concordo contrariado e vou para a varanda seguido por eles. Sei que elas estão certas, mas queria estar lá. Imagino como deve estar se sentindo e precisava apoiá-la.

Ficamos conversando um pouco, mostro a obra para eles, mas não consigo me concentrar em nada direito. Minha cabeça está naquele hospital.

— Está ficando muito bom, Cadu. —Diz o tio Edmundo. — Tanto o salão para festas como o centro de reabilitação. A reforma dos alojamentos já começou?

— Já sim, tio. Isso vai ser o mais fácil. É só trocar algumas coisas que estão quebradas, alguma fiação e pintar.

— Estou tão orgulhosa de você, Cadu. — Fala a tia Nilza com os olhos cheios de lágrimas.

— Obrigado, tia, mas eu não estou fazendo nada demais. — Digo. — Vamos entrar para vocês verem os quartos.

A vó Aurora mostra o quarto que arrumou para eles e deixo que se instalem com calma.

Descemos para jantar todos juntos e o clima na mesa não é dos melhores. Estamos apreensivos esperando por notícias. Acabo de jantar e levanto da mesa.

— Vocês me desculpem, mas preciso falar com a Luíza para ver se ela já tem notícias. — Digo e vou para o meu quarto.

— Tudo bem, meu filho. — Tia Nilza fala e todos concordam. Sabem que eu estou preocupado.

Assim que entro pego o celular e mando uma mensagem para ela, fechando a porta em seguida. Ela me liga na mesma hora.

— Anjo, como você está? Os médicos já disseram o que ela tem? — Pergunto assim que atendo a ligação.

— Ela teve um AVC, Carlos. — Fala e começa a chorar. — O médico disse que já começaram o tratamento e que agora é só esperar. Eu não acredito que estou passando por isso! Que ela está em uma cama de hospital outra vez. Meu Deus! É muito para uma pessoa. Será que ela já não passou pelo suficiente? — Pergunta soluçando, mas sei que não espera por uma resposta.

— Luíza, eu imagino o que você está passando, mas você precisa ficar calma, Anjo. Ficar assim não vai resolver nada e esse seu nervosismo vai passar para ela. Tem certeza que você não quer que eu vá? O Marcelo falou que vai comigo.

Escuto-a chorando cada vez mais e tomo uma decisão. Ela concordando ou não, eu vou pegar a estrada agora mesmo. Saio do quarto e vou à procura do Marcelo.

Vou precisar da ajuda dele para convencer a tia Nilza e a vó Aurora a me deixar sair daqui. Aquelas duas quando cismam com uma coisa, não adianta. São capazes de ter escondido a chave do meu carro.

— Eu estou no quarto com ela, as tias e a Ju foram para casa. O médico não autorizou ninguém mais a entrar. Você não vai conseguir nem me achar aqui, Carlos. Não vai poder ficar também, o que vai adiantar pegar a estrada a essa hora?

— Quanto mais rápido eu sair, mais cedo vou chegar, Anjo. Eu quero estar com você. Por favor, me manda por mensagem o nome do hospital e o número do quarto que você está e tenta se acalmar. Não desliga esse telefone, ok? Daqui a pouco estou aí.

— Não vou negar mais, Carlos, eu quero você aqui também. Mas vem com cuidado, por favor.

— Pode deixar, Anjo. Até daqui a pouco. Beijos.

— Beijos. Vem com Deus.

Desligo e bato à porta do quarto chamando o Marcelo. Ele logo atende.

— O que houve, Cadu? Que cara é essa? — Vai logo perguntando.

— Acabei de falar com a Luíza, cara. — Faz sinal para eu continuar. — A mãe dela teve um AVC e ela está desesperada. Preciso da sua ajuda para convencer aquelas duas a me deixarem sair. Não posso deixá-la sozinha. Não posso e não vou, Marcelo. — Digo e vejo a

Aliane parando ao lado dele.

— Eu vou com você. É o tempo de trocar de roupa e já desço.

— Vou junto. Quero ver como a Lu está. — A Aliane fala já se virando para trocar de roupa também.

Corro para o meu quarto para me arrumar e desço para esperar por eles, que logo chegam. Vejo que a tia Nilza se aproxima com a vó Aurora e o tio Edmundo.

— Onde vocês estão indo? — Questiona a tia.

— Mãe, nem começa, estamos indo para a cidade. A mãe da Luíza teve um AVC e o Carlos precisa estar lá. Nós vamos revezar na estrada se for o caso. Não precisa se preocupar que vamos ter cuidado. — O Marcelo nem me dá tempo de responder.

— Mandem notícias assim que chegarem, ouviram? Tomem cuidado na estrada, por favor! Vão com Deus, meus filhos!

Com a resposta da tia Nilza, saímos em direção ao meu carro.

— Deixa que eu dirijo, Cadu. Você está muito nervoso, cara. — O Marcelo tenta pegar a chave da minha mão.

— Não precisa, Marcelo. Eu estou bem, pode ficar tranquilo. Só quero chegar logo, mas não sou maluco. Não vou nos colocar em risco.

— Tem certeza? Você pode ir conversando por mensagem com ela. Vai ajudá-la a se distrair e a você também. — Fala convencendo-me.

Jogo a chave em sua direção, entro e sento-me no banco de traz do carro, deixando os dois juntos na frente.

Vejo que ela já me passou o endereço do hospital e o passo ao Marcelo. Respondo que já saí da fazenda e que em breve estarei com ela.

Tento anima-la por mensagens, fazendo brincadeiras.

Eu - “Nem acredito que vou finalmente te conhecer! Será que você não vai fugir de mim quando ver que eu tenho um olho na testa?”

Recebo sua resposta em seguida, mas fico na dúvida se gosto ou não.

Luíza - “Seu bobo! Se o que está querendo é me fazer rir, saiba que conseguiu. Agora o enfermeiro está achando que sou maluca.”

Eu - “Não gostei desse sujeito no masculino. Não seria enfermeira?”

Luíza - “Não. É enfermeiro mesmo.”

Eu - “Vou parar de mandar mensagens então. Preciso trocar de lugar com o Marcelo, quero chegar o mais rápido possível.”

Luíza - “Do jeito que eu devo estar, com o rosto todo inchado, ele nem vai me olhar duas vezes. Não precisa ter pressa.”

Eu - “Azar o dele! Sorte a minha!”

Sigo mandando mensagens bobas para deixá-la mais animada. O Marcelo diminui a velocidade e quando levanto a cabeça para ver o motivo, encontro um engarrafamento à nossa frente.

Vejo um carro da polícia rodoviária no acostamento e falo para o Marcelo:

— Encosta para eu perguntar a eles o que aconteceu, por favor.

— Pode deixar, Cadu. — Ele responde.

— Boa noite, senhor! Aconteceu alguma coisa? — Pergunto ao policial, um homem de mais ou menos cinquenta anos.

— Boa noite! Teve um acidente mais a frente. Estão retirando os carros da pista. — Responde.

Agradecemos e seguimos viagem.

— Não acredito nisso, vamos demorar bem mais para chegar do que eu esperava. — Digo bufando.

— Calma, Carlos, daqui a pouco passamos do acidente e o trânsito volta a andar mais rápido. — A Aliane diz olhando-me. Concordo com a cabeça e seguimos.

Mando uma mensagem para a Luíza avisando que vamos demorar mais do que o esperado.

Cerca de duas horas mais tarde, chegamos ao hospital. Aviso a Luíza e peço que vá comer alguma coisa, marcando de nos encontrar na cantina do hospital.

Quando nos aproximamos da entrada, o Marcelo encosta o carro e eu desço. Sigo em direção a entrada e deixo o Marcelo com a Aliane para estacionar. Caminho em para a recepção.

— Boa noite! Você pode me indicar onde fica a cantina? — Pergunto à funcionária.

— Boa noite, senhor! Seguindo por esse corredor, vire a direita no final dele. — Diz apontando na direção que devo seguir.

Agradeço a informação e faço o caminho que ela falou, encontrando a cantina. Entro e começo a procurar pela Luíza quando uma pessoa esbarra em mim. Quando me viro encontro a Ana me encarando.

Quase não a reconheço, não sei o que é, mas ela está diferente. Depois de tanto tempo querendo reencontrá-la, isso acontece justamente agora que eu praticamente não me lembrava mais. Vejo que andou chorando e me preocupo.

— Boa noite, Ana! Vejo que continua esbarrando nos outros por aí. Da última vez, pelo menos você estava em um lugar mais animado. — Brinco e consigo tirar um sorriso forçado dela.

— Boa noite, Edu! Acho que o problema é com você. Não esbarrei em mais ninguém. — Responde tentando brincar de volta.

— O que está fazendo por aqui? Você está bem?

— Estou com a minha mãe que está internada. Vim para a cantina esperar uma pessoa. — Quando vou perguntar o que a mãe dela tem, vejo o Marcelo e a Aliane vindo em nossa direção.

— Te achei, cara! Custava esperar a gente, Cadu? — O Marcelo fala sem reparar na Ana.

Noto os olhos dela se arregalarem para mim e não entendo o motivo.

— Eu avisei que viria para a cantina encontrar a Luíza. Acabei encontrando a Ana aqui. A mãe dela também está internada. — Digo a ele que se vira para vê-la.

— Ana? Aquela Ana? Sua Ana? — Pergunta enquanto aponta dela para mim. — Você está dizendo que essa aqui é a Ana?

Fico olhando para ele sem entender e vejo que a Aliane também está perdida. A Ana fica olhando para mim sem piscar e vejo que está chorando. Falo para tentar entender o que está acontecendo.

— Cara, não sei qual o seu problema, mas ela não é minha. Ela está esperando uma pessoa, assim como eu. — Levanto a sobrancelha para ele e torço para que não fale mais nada que a deixe assim. Ele se vira para ela sorrindo e fala:

— Claro, vou deixá-los sozinhos. Vem Ali, esses dois tem muito que conversar. — Diz

segurando-a pela mão. Vira e completa: — Ana, melhoras para sua mãe. Depois nos falamos melhor. Cadu, vou te esperar lá fora.

A Aliane dá um beijo no rosto da Ana, o que me deixa mais perdido ainda e os dois saem sorrindo e cochichando.

Viro-me para ela, com a intenção de me desculpar.

— Desculpa por isso, não sei o que deu nele. Ele sabe que vim encontrar a minha namorada. — Ela sorri para mim e fala pela primeira vez desde que os dois chegaram.

— Namorada? — Aceno um sim com a cabeça e ela completa sorrindo ainda mais. — O Marcelo te chamou de que?

— De Cadu. — Respondo e paro. Fico olhando para ela e digo: — Espera, acho que perdi alguma coisa aqui. Como você sabe o nome dele? Vocês se conhecem?

Ela pega minha mão e me puxa para fora da cantina em direção à saída do hospital. Estou tão perdido com o que acabou de acontecer, que a sigo sem questionar. Paramos próximos a um banco e ela senta-se e acena para que eu me sente também. Vejo que ainda sorri.

— Será que você pode me ajudar aqui? Estou meio perdido. — Falo e ela faz que sim com a cabeça.

— Vou começar me apresentando direito para você. Prazer Carlos Eduardo, meu nome é Ana Luíza.

Fico parado olhando para ela e a ficha cai. Ela sabe meu nome, conhece o Marcelo e a Aliane e o principal: ela se chama Ana Luíza. Não acredito.

— Anjo?

Capítulo treze

Ana Luíza

— Vou começar me apresentando direito para você. Prazer Carlos Eduardo, meu nome é Ana Luíza. — Digo.

Percebo quando ele entende o que está acontecendo.

— Anjo? — Pergunta-me e aceno que sim.

Ele avança para cima de mim, segura meu rosto entre suas mãos e me beija com fome. Agarro-me a ele que me puxa para seu colo.

Vai parando o beijo, dando beijinhos suaves em meus lábios, nariz e olhos. Encosta sua testa na minha e suspira antes de falar.

— Ainda não acredito nisso! — Diz com um sorriso no rosto. — Parece brincadeira que estou com você nos meus braços e, principalmente, que você e a Ana são a mesma pessoa.

— Quando eu escutei o Marcelo te chamar de Cadu, não acreditei também. Como eu poderia imaginar uma coisa dessas? Você se apresentou como Edu.

— Eu mesmo não sei por que fiz isso. Na hora saiu, mas você também se apresentou como Ana e só te chamam de Luíza ou Lu.

— Por que o Marcelo falou aquilo? — Questiona-me com o olhar. — Por que ele disse sua Ana?

— Talvez eu tenha falado um pouco daquela noite para ele. Posso não ter tirado você da cabeça também. Mas agora me diga, como está sua mãe? — Muda de assunto.

— Quando eu saí do quarto estava estável. O médico disse que o AVC foi leve. Agora é esperar para ver se ela vai ter alguma sequela. Ela estava tão bem, Carlos, estava mais animada, saindo da depressão, agora vai e acontece isso. Ela já passou por tanta coisa! — Falo. As lágrimas voltam a descer pelo meu rosto.

— Calma, Anjo, ela vai ficar bem! — Diz, secando minhas lágrimas. — Não quero te ver assim! Isso vai deixá-la mais nervosa e você tem que passar calma para ela.

— Eu sei, mas é tão difícil. Quando aconteceu o acidente, ela ficou pior da depressão do que das fraturas em si. Se não fossem as tias e a Ju, não sei o que seria de mim. Agora que estávamos nos levantando, vem mais essa. — Suspiro. — Só estou com medo.

— Você não está sozinha, Luíza. Agora, além de suas amigas, você tem a mim. — Fala enquanto me abraça forte. — Eu estou com você, te apoiando no que precisar, está me ouvindo?

Ele levanta meu queixo com o dedo, fazendo-me olhá-lo nos olhos, esperando que eu responda. Faço que sim com a cabeça e ele me beija outra vez. Esse beijo é mais lento, mais calmo.

Quando o beijo acaba, ficamos nos olhando, nossas testas coladas. Ele se afasta um pouco e pergunta:

— Você comeu alguma coisa?

— Não estou com fome. Tínhamos acabado de jantar quando ela passou mal.

— Achei vocês. — Olho para o lado e vejo o Marcelo e a Ali nos olhando. — Já se conheceram agora? — Fala e começa a rir. — Tinha que ser você Luíza. Esse cara não iria se interessar por duas pessoas em tão pouco tempo assim, depois de passar anos fugindo das mulheres. — O Carlos dá um soco de brincadeira em seu braço, ele continua: — Só estou falando a verdade.

— Não posso nem falar nada, Marcelo. Se a Ju estivesse aqui, iria dizer o mesmo de mim. — Falo forçando um sorriso. — Desculpa acabar com o fim de semana de vocês.

— Luíza, eu juro que se você continuar com isso, vou te bater! Nunca que eu iria ficar na fazenda sabendo o que você está passando aqui. Aposto que você faria o mesmo por nós. — Diz a Ali.

— Cadu, eu vou deixar a Ali em casa e volto para te pegar. Pode ser? — O Marcelo pergunta ao Carlos.

— Vai junto com eles, Carlos. Eu vou voltar para o quarto.

— Eu vou ficar mais um pouco. Vocês dois, vão aproveitar a noite. Eu tenho a chave de casa. Quando sair daqui, pego um táxi. O meu quarto vai estar me esperando.

Percebo os dois em uma comunicação silenciosa. O Marcelo faz que sim com a cabeça, se despede do Carlos e vira-se para mim.

— Luíza, qualquer coisa, a qualquer hora que precisar, é só ligar, ok? Nós vamos estar com os celulares ligados. — A Ali concorda. — Vamos? — Fala olhando-a.

— Tchau, Lu, não esquece de nos dar notícias. Fica calma, está bem? Sua mãe vai ficar bem. — A Ali fala e dá um beijo em meu rosto. Os dois se despedem e vão para o estacionamento.

Quando eles se afastam, me levanto e sento no banco de frente para o Carlos, que se vira para mim também.

— Por que não foi com eles? Você deve estar cansado.

— Eu queria ficar mais um pouco aqui com você. Sei que não é o melhor lugar e nem o melhor momento, mas precisava te olhar mais um pouco. — Faz uma pausa e continua. — Vai ver como sua mãe está e volta. Vamos à cantina para tomar pelo menos um suco, você tem que se alimentar direito.

Levanto e ele me acompanha até o corredor que fica o quarto onde a minha mãe está. Dá-me um beijo e eu sigo em frente. Entro e encontro a mesma enfermeira que falou comigo antes.

— Boa noite! Está tudo bem com ela? Aconteceu alguma coisa? — Pergunto assim que entro. Ela sorri e responde: — Não, só mesmo registrando os sinais vitais. Ela deve dormir a noite toda. Por que você não descansa um pouco? Parece abatida.

— Vou para a cantina tomar um suco, então. Pode pedir para me chamar se acontecer alguma coisa?

— Claro! Fique tranquila. — A senhora sorri simpática.

Aproximo-me da cama, dou um beijo no rosto da minha mãe e saio para encontrar o Carlos.

Entro na cantina e o vejo em uma mesa num canto mais afastado. Faço meu caminho para encontrá-lo. Quando ele me vê, levanta-se, me dá um beijo e puxa a cadeira para que eu sente ao seu lado.

— Vai querer comer alguma coisa ou só tomar um suco? – Pergunta enquanto segura minha mão.

— Só um suco mesmo. Estou sem fome.

Escolhemos nossos sucos e enquanto bebemos, aproveitamos para conversar um pouco.

— Amanhã vou pedir ao tio Edmundo que fique na fazenda alguns dias para acompanhar as obras para mim. Assim, a tia Nilza fica um pouco lá também com a vó Aurora e eu posso ficar aqui com você.

— Não precisa. Eu não quero te atrapalhar, Carlos. — Não me deixa completar.

— Não vai atrapalhar nada, Anjo! Posso apostar que os dois vão gostar de sair da cidade um pouco e eu aproveito para resolver algumas coisas por aqui também.

— Não tenho ideia de como vai ser minha semana, Carlos. Nem devo conseguir lhe dar atenção. Queria muito passar um tempo com você, mas acho que não vou conseguir.

— Ei, não se preocupe com nada, ok? Enquanto sua mãe estiver aqui, concentre-se nela e esquece o resto. Você não vai trabalhar esses dias, mas eu quero que descanse também. Combinado?

Tento negar, mas ele me cala com um beijo. Ficamos mais um pouco sentados juntos até que resolvo voltar para perto da minha mãe.

— Tenho que ir. Não quero ficar muito tempo longe dela e você também tem que descansar.

— Tudo bem. Acompanhame até a saída?

Saímos abraçados e seguimos pelo corredor. Na porta do hospital paramos e ele vira-se para mim.

— Boa noite, Anjo! Tenta descansar um pouco, tudo bem? Qualquer coisa me liga, se tiver alguma mudança no quadro dela ou se precisar de alguma coisa. Amanhã de manhã eu venho aqui para te ver.

— Pode deixar. Boa noite para você também.

Ele me beija mais uma vez, abraçando-me apertado. Parece não querer me soltar, assim como eu não quero que vá. Beija minha testa, vira-se e vai. Fico olhando enquanto se afasta, indo para o ponto de táxi e espero que saia.

Volto para o quarto e encontro minha mãe ainda dormindo. Sento-me na poltrona próxima à sua cama e pego o celular para ver se tem alguma mensagem.

Vejo que tem uma da Ju perguntando como estamos. Mando uma para saber se ainda está acordada e ela me liga na mesma hora.

— Como vocês estão, amiga? Quer que eu vá ficar aí um pouco para você poder descansar?

— Não precisa, Ju. Estou bem. Quero te falar uma coisa que aconteceu. Você não vai acreditar.

— Você sabe como eu sou curiosa. Fala logo que isso é maldade.

— O Carlos, o Marcelo e a Ali vieram da fazenda. Estiveram aqui no hospital.

— Não acredito que você finalmente conheceu o patrãozinho. — Fala e percebo sua

animação. — Vai, conta tudo que eu vou me controlar para não te interromper. — Acabo sorrindo.

— Fui à cantina para encontrar com eles, mas acabei esbarrando em alguém. — Faço uma pausa esperando que me interrompa, mas ela não o faz e eu continuo. — Era o Edu, amiga.

— Cacete, Luíza! Só você mesmo! — Não se segura mais e fala. — Depois de tanto tempo pensando no boy magia, ele tinha que ressurgir das cinzas justo na hora que você vai conhecer o patrãozinho? — Tenho que rir com ela.

— Você não entendeu, Ju. O Edu é o patrãozinho. Eles são a mesma pessoa. — Ela dá um grito. Afasto o telefone do ouvido, antes que essa doida me deixe surda. Escuto quando diz à tia que não foi nada. Ela deve ter acordado a tia Dalva com esse grito.

— Você só pode estar brincando! Esse tempo todo você esteve conversando com o boy magia? Pode me explicar isso direito!

Faço um resumo de tudo que aconteceu para ela. Quando termino, ela diz:

— Amanhã cedo vou levar algumas roupas para você. Agora mais do que nunca vai precisar estar arrumada. — Percebo que está rindo. — Aproveito para ficar um pouco com a tia para você vir descansar, tomar um banho e comer alguma coisa.

— Não se preocupe, Ju. Estou bem, não quero sair daqui. Vai descansar que amanhã nos falamos melhor. Obrigada por tudo, mais uma vez. Eu te amo, amiga. Não sei o que seria da minha vida sem você. — Falo emocionada.

— Seria uma vidinha mais ou menos. — Diz fazendo graça, mas sei que também está emocionada. — E trate de me apresentar logo esse boy magia patrãozinho. Eita que esse apelido ficou grande. Tenho que inventar outro.

— Boa noite, sua doida! Até amanhã.

— Boa noite, Lu! Dorme um pouco ok? Até amanhã. Beijos. — Diz e desliga.

Coloco o telefone no bolso e fico pensando nos últimos acontecimentos. Primeiro o susto com a minha mãe, que se Deus quiser, vai sair de mais essa e bem. Depois o Carlos, ou devo dizer Edu.

Ainda não acredito nisso tudo. Parece que eu estou sonhando. Aquele homem, que mexeu tanto comigo, é o mesmo com quem eu venho falando há meses. Por isso me sentia do mesmo jeito sobre os dois.

Acabo cochilando na poltrona pensando nele.

Capítulo quatorze

Carlos Eduardo

Entro na casa dos tios e sigo para o meu quarto. Sei que o Marcelo entendeu quando falei sobre isso. Não queria ser um empecilho para ele trazer a Aliane para cá, já que estavam contando de passar o fim de semana juntos.

Quando chego à porta, ele sai do seu quarto e vem falar comigo.

— Pensei que você fosse demorar mais, cara! — Diz assim que se aproxima.

— A Luíza não queria passar muito tempo fora do quarto. A Aliane veio com você?

— Veio, sim. Eu até queria sair, mas estamos cansados. Foram duas viagens seguidas, praticamente.

— Desculpa por isso, mas eu precisava vir. — Falo e dou um sorriso quando lembro o que aconteceu no hospital.

— Está rindo do quê, Cadu? — Pergunta. — Deixa, acho que sei o motivo. — Diz e começa a rir também. — Coisa de doido isso, cara. Você nunca desconfiou?

Entramos no quarto, sento-me na cama e ele faz o mesmo.

— Nunca. Ficamos conversando por telefone durante meses, nunca nos vimos, nem em foto. Poderia ter reconhecido pela voz, mas o bar, naquele dia, tinha muito barulho. Talvez se ela tivesse se apresentado como Luíza, eu até desconfiasse. — Solto um suspiro. — Você tinha que soltar aquele "sua Ana", né, cara?

— Foi mal! Dê-me um desconto! Eu tinha acabado de perceber o que estava acontecendo, não pensei direito. Ela falou alguma coisa?

— Perguntou por que você falou aquilo. Eu disse por alto que tinha te contado sobre aquela noite. Nem acredito, Marcelão. Depois de tanto tempo tentando conhece-la, quando consigo, descubro que, não só já conhecia, como ela é a mulher que não saiu da minha cabeça por muito tempo. Você tem razão, tinha que ser ela.

Sei que estou com um sorriso enorme no rosto, mas não consigo segurar. Ele bate em meu ombro e fica de pé.

— Tomara que se acertem. Vocês ficam bem juntos. Vai voltar para o hospital amanhã de manhã? — Digo que sim e ele completa. — Vou te deixar descansar um pouco então.

Qualquer coisa estou no meu quarto. Boa noite!

Ele sai do quarto e eu levanto para tomar um banho. Ainda bem que sempre tenho uma muda de roupa no carro e aqui na casa da tia também tem bastante coisa. Saí da fazenda tão apressado que nem pensei em pegar nada, teria que comprar roupas para passar a semana aqui se não fosse isso.

Entro no box, ligo o chuveiro e deixo a água correr pelo meu corpo tentando tirar um pouco da tensão das últimas horas. Penso que finalmente consegui conhecer a Luíza e lembro-me dos nossos beijos.

Só de pensar nela nos meus braços, uma parte do meu corpo dá sinal de vida. Queria que ela estivesse aqui neste banheiro comigo. Sei o que está passando, mas não consigo controlar a vontade que eu sinto de tê-la uma noite inteira só para mim.

Saio do banho, me seco, visto um short e vou para a cama tentar dormir um pouco. Fico olhando para o teto, pensando em como será esta semana, até pegar no sono.

Acordo cedo, mesmo estando cansado. Já estou tão acostumado, que não consigo dormir até tarde. Sigo para a cozinha para preparar um café. Coloco a água para ferver e aproveito para ligar para o tio. Ele atende no segundo toque.

— Bom dia, Cadu! Como estão as coisas por aí?

— Bom dia, tio! Ainda não falei com ela hoje, vou mandar mensagem daqui a pouco. Liguei para lhe pedir um favor.

— Claro que fico. — Diz antes que eu faça a pergunta. — Sua tia vai adorar passar um tempo aqui, fica tranquilo. Passa-me depois os detalhes do que você quer que seja feito esta semana, o que ainda falta, para eu poder saber o quê cobrar. Não precisa se preocupar com a obra, se preocupe só com a sua garota e a mãe dela, ok?

— Obrigado, tio! Não quero deixá-la sozinha agora. Sei que ela tem amigas para ajudar, mas quero ser a pessoa para quem ela corre entende? Acho que nem eu me entendo. Tudo com ela é diferente, mais intenso. — Acabo soltando tudo. Sempre conversei com o tio Edmundo e depois que perdi meu pai, ele passou a fazer mais ainda esse papel.

— Sei bem como é, meu filho. É assim que me sinto com a sua tia Nilza desde a época de namoro. Eu já tinha percebido como essa menina te faz bem. Desde que vocês começaram a conversar te acho mais leve, mais animado.

— Lembra que eu falei com o senhor de uma mulher que eu conheci no bar? É ela, tio. A Luíza é essa mulher. Quando nos encontramos no hospital que eu fui descobrir. Na verdade, ela e o Marcelo descobriram antes.

— Depois vou querer saber disso direito. Sua tia está roubando o telefone de mim aqui, vou passar para ela. Fico esperando você me enviar as coisas. Até mais.

— Cadu, como vocês estão? Precisa que eu vá ficar com vocês para ajudar em alguma coisa? — Ela pergunta assim que pega o telefone.

— Não precisa, tia. A mãe dela ainda está internada, e tem as amigas dela também. Se precisar de alguma coisa eu aviso, obrigado mesmo assim. Eu pedi ao tio para ficar olhando a obra para mim, a senhora se incomoda? Se quiser voltar, eu dou um jeito.

— Não, meu filho, eu fico aqui com a Aurora um pouco. Mas se precisar de mim, liga que eu vou na hora, ouviu?

— Pode deixar, vamos nos falando. Vou desligar agora para me arrumar. Vou ficar um pouco no hospital com ela, ver como estão as coisas. Obrigado, tia.

Assim que desligo, o Marcelo entra na cozinha com a Aliane. Eles começam a tomar café e eu digo que vou me arrumar.

Mando uma mensagem para Luíza antes de sair, perguntando como ela e a mãe dela estão e se precisa que eu leve alguma coisa. Ela responde que está na mesma e que não quer nada.

Chego ao hospital e encontro a Rosane na recepção com mais duas mulheres. Devem ser a Ju, amiga da Luíza e a mãe dela. Paro próximo a elas e as cumprimento.

— Bom dia, Cadu! — A Rosane fala assim que me vê e apresenta-me as outras.

— Bom dia! A Luíza já apareceu aqui? — Falo com elas e pergunto.

— Deve estar vindo. O médico iria passar agora às oito horas. — Diz a Juliana.

Assim que ela termina de falar, a Luíza aparece e vem para perto de nós. Sua fisionomia é um pouco melhor do que ontem, fazendo-me acreditar que o médico teve boas notícias. Antes que eu pergunte, a Juliana já o fez.

— O que o médico falou Lu? Como a tia está?

— Ele disse que ela está reagindo bem ao tratamento e parece que as sequelas vão ser poucas. — Ela responde e vem para o meu lado. Abraço seu corpo sem me preocupar com o que vão achar. — Já está falando, com um pouco de dificuldade, mas nada que não dê para entender. Está com dificuldade para movimentar o lado esquerdo também, mas o médico falou que com a fisioterapia ela pode recuperar os movimentos quase por completo.

— Que bom, minha filha! Nós vamos poder entrar para vê-la? — Dessa vez quem fala é

a senhora Dalva.

— Vão sim, tia, mas tem que ser duas de cada vez. Só pediram para esperar um pouco. Estão trocando roupa de cama e verificando a medicação.

— Cadu, é bom você estar aqui, ou eu teria que te ligar. — Diz a Rosane. — Sei que a Lu não vai querer sair de perto da mãe e queria te avisar que vou ficar na empresa no lugar dela por enquanto, até tudo voltar ao normal.

— Não precisa se preocupar com isso, Rosane. Eu vou ficar na cidade essa semana, pelo menos. Se o Marcelo precisar de ajuda, eu mesmo posso ir à empresa.

— Não, tia, a senhora está aposentada e já fez demais por mim. Eu iria falar mesmo com o Marcelo sobre desligar-me da empresa. Não posso ficar faltando logo no começo e agora minha mãe vai precisar de mim para levá-la aos médicos e para as seções de fisioterapia. — Viro-me para ela acenando que não. De jeito nenhum vou aceitar isso.

— Escuta bem o que eu vou lhe falar menina! — A Rosane fala e sei que está brava. — Você não vai sair de emprego nenhum! Nem tente me interromper! — Diz quando a Luíza tenta falar. — Vou avisar pela última vez que vocês duas não estão sozinhas. Eu posso muito bem levar a sua mãe para a fisioterapia e médico. Não tem motivo para você fazer isso, está me ouvindo?

— Eu, tia! Enquanto era para ficar com ela em casa, tudo bem, mas agora o trabalho vai ser bem maior. Não posso aceitar isso!

— Não só pode como vai! Eu não estou perguntando a você se posso fazer, eu vou fazer! Nós estamos falando da minha amiga. Vocês quatro são minha família, sua mãe é muito mais que uma irmã para mim. Então, não venha me dizer que eu não vou ficar com ela.

— Rosane. — Começo a falar. — Pega leve. — Tento acalmar e vejo que a Luíza está chorando. Minha vontade é pegá-la e sair daqui.

— Carlos Eduardo, eu conheço essa garota desde que estava na barriga da mãe. Não venha querer me ensinar agora como lidar com ela! — Fala e vira-se para a Luíza outra vez. — Você diz que vai sair do emprego, vai perder o plano de saúde? Vai deixar sua mãe dependendo de hospital público? Deixe sua teimosia de lado, por que nem ela e nem o seu orgulho vão poder te ajudar agora. Você vai ficar com a sua mãe enquanto ela estiver no hospital e eu vou ficar na empresa no seu lugar. Quando ela receber alta, voltamos a fazer o que já estávamos fazendo e não se fala mais nisso, ouviu?

A Luíza acena que sim. Na mesma hora aparece uma enfermeira avisando que as visitas estão liberadas para entrar.

— Vão as senhoras primeiro, depois eu vou. Quero ficar aqui com a Lu um pouco. — A

Juliana diz.

Elas concordam e se afastam. Assim que ficamos sozinhos, ela volta a falar.

— A tia está certa, Lu. Para com essa mania de querer carregar o mundo nas costas. Nós estamos aqui por vocês, para ajudar a aliviar o peso. Amigas são para isso. — Faz uma pausa. — Mas foi muito fofo você tentando defende-la patrãozinho!

A Luíza começa a rir e eu acabo sorrindo junto.

— Você já tomou café? — Pergunto a Luíza. Ela acena que não. — Então vamos agora, enquanto suas tias estão lá. Você vem também? — Pergunto à Juliana.

— Não. Vou ficar por aqui mesmo esperando para deixar vocês um pouquinho a sós. Podem aproveitar esses minutos. — A Luíza ameaça começar a falar e ela corta. — Sério, amiga, vai lá. Daqui a pouco eu vou entrar mesmo.

A puxo para um abraço de lado e seguimos para a cantina. Procuro uma mesa mais isolada e quando acho nos dirijo a ela.

— O que você vai querer, Anjo?

— Só um chocolate quente mesmo. Estou sem fome. — Responde.

Dou um beijo em seus lábios e vou fazer nosso pedido. Acabo pedindo mais algumas coisas com a intenção de que ela coma. Quando me entregam, volto para nossa mesa.

— Trouxe um bolinho de chocolate e um pão de queijo também, não sabia qual dos dois você iria preferir. Tem suco de laranja e o seu chocolate quente. Você precisa se alimentar direito, ou vamos precisar de outra cama no quarto da sua mãe.

Ela pega o bolinho para comer e bebe um gole do chocolate. Sento-me ao seu lado e passo o braço por seus ombros, dando um beijo próximo ao seu ouvido.

— Eu não vou comer tudo. Come o pão de queijo?

— Eu já tomei café antes de vir, Anjo. Vou pedir para embalar e você come depois.

— Não precisa! Depois eu venho almoçar. — Levanto a sobrancelha duvidando. — Prometo.

— Eu vou vir aqui e te cobrar, ouviu? Não quero minha namorada desmaiando de fraqueza por aí. — Falo sem pensar.

— Namorada? — Questiona-me. — Essa é a segunda vez que você diz isso. A primeira

foi para a “Ana”. — Faz aspas com os dedos. — Você falou que veio encontrar sua namorada.

— Porque, para mim, é isso que você é. Minha namorada. — Dou outro beijo em seus lábios.

— Eu não me lembro de ter sido pedida em namoro. — Diz sorrindo.

— Não seja por isso. Você quer namorar comigo, Anjo? — Pego sua mão e beijo seus dedos. — Aceita me fazer o homem mais sortudo dessa cidade?

— Claro que aceito!

Puxo-a para mais perto, seguro seu rosto com ambas as mãos e a beijo. O beijo começa calmo, mas aos poucos vai mudando. Tento me controlar, lembrando-me de onde estamos.

— É melhor a gente parar, Anjo, ou não respondo por mim.

Terminamos de comer e nos levantamos, seguindo para encontrar com a Rosane e as outras.

Capítulo quinze

Ana Luíza

— Estou tão feliz, Lu! Uma semana depois e a tia já está em casa. — A Ju fala sentada ao meu lado no sofá da minha sala.

— Nem fala, Ju! Eu tive tanto medo essa semana. — Fecho os olhos e suspiro, lembrando tudo que aconteceu nos últimos dias.

— O importante é que ela está se recuperando. Já está falando bem melhor e com a ajuda da fonoaudióloga vai voltar ao normal, você vai ver! A fisioterapia também vai ajudar, daqui a pouco a tia está cem por cento.

— Deus te ouça, amiga! Não quero ver minha mãe daquele jeito nunca mais.

— Não vai ver! Vocês duas já bateram a cota de tristezas, agora é só alegrias. — Fala sorrindo. — Por falar nisso, o boy magia patrãozinho vem hoje?

Começo a rir e ela me acompanha. Ela cismou com esse apelido.

— Vem sim, deve estar chegando. Disse que traria o jantar. Não quer ficar e comer com a gente?

— Deixa para a próxima, não sirvo para vela. Vou dar um beijo na tia e já vou. Preciso de um banho e cama.

Levanta e vai para o corredor. Quando volta, para perto de mim, dá um beijo em meu rosto e vai para a porta. Sigo-a e digo: — Nos vemos amanhã? — Acena que sim e sai.

Fecho a porta e vou olhar minha mãe.

Logo depois, escuto uma batida na porta. Quando abro, encontro o Carlos segurando uma caixa de pizza e um refrigerante.

— Boa noite, Anjo! — Deixa um beijo em meus lábios. — Acabei demorando mais do que esperava e, para não chegar tarde, trouxe pizza mesmo. Tem problema? — Diz entrando comigo.

— Problema nenhum. De qual sabor você trouxe?

— Metade atum, metade muçarela. Sei que você gosta das duas.

— Amo! Vem, vamos comer. Minha mãe já jantou por causa dos remédios.

— Ela está bem? — Aceno que sim. — Ótimo. Agora ela só vai melhorar, você vai ver.

Seguimos para a cozinha para pegar copos e talheres, deixando a caixa na mesa de centro. Quando voltamos, nos sentamos juntos no sofá.

Ele me puxa para seu colo. Começamos a nos beijar, deixando a pizza de lado por um tempo. A nossa fome nesse momento é outra.

— Estava com saudades. — Diz enquanto descansa as mãos em minha cintura. — Não quero que esta semana acabe. No domingo eu já volto para a fazenda. — Vai subindo as mãos pelas minhas costas, arrepiando-me inteira, enquanto eu acaricio sua nuca esfregando-me nele. Puxa-me para mais perto e fala bem próximo ao meu ouvido em um sussurro. — Você está me deixando louco aqui, Anjo.

— A intenção é essa. — Respondo.

Ele avança com sua boca para a minha e me beija com mais fome do que a primeira vez, segurando meu cabelo pela nuca. Quando o beijo acaba, estamos os dois ofegantes. Cola sua testa na minha e soltando um suspiro diz:

— Acho melhor nós comermos agora, ou sua mãe pode escutar o que não deve se você me provocar mais uma vez, sua danadinha. — Dá um selinho em meus lábios e eu levanto do seu colo, voltando para o meu lugar no sofá.

— Está tudo certo na empresa? — Acena que sim. — Semana que vem eu já volto a trabalhar, caso contrário acho que a tia Rosane é capaz de me dar uma surra de cinto.

— Ela não está errada, Luíza. Você tem que entender que não está sozinha. Tem que aceitar que as pessoas podem e querem te ajudar. Você não tem que fazer tudo sozinha, Anjo. Elas estão aqui para vocês e eu também. — Faz um carinho em meu rosto.

— Eu sei, Carlos, mas é difícil para mim. Na minha cabeça quem tem que cuidar dela sou eu, assim como ela sempre fez. Eu estou começando a aceitar, vocês tem que ter um pouco de paciência comigo.

— Pode deixar. Só quero que coloque nessa sua cabecinha linda, que eu estou aqui para o que você precisar. Está ouvindo? — Concordo.

Terminamos de comer, arrumamos juntos a louça e recolhemos as caixas. Ele fica na sala enquanto vou dar uma olhada se minha mãe precisa de alguma coisa. Quando volto, o encontro sentado vendo um filme na televisão. Sento-me ao seu lado.

Vira-se de lado no sofá me colocando entre suas pernas e voltamos a nos beijar.

É a primeira vez que ficamos sozinhos em um lugar com alguma privacidade. Nos dias em que minha mãe esteve no hospital, só nos víamos pelos corredores e cantina. Depois que ela teve alta e veio para casa, tinha sempre alguém por perto.

Ele passa as mãos por baixo da minha blusa, contornando a minha cintura e vai subindo mais uma vez. Faço o mesmo com ele, contornando seu abdômen, indo em direção ao cós de sua calça.

Isso o incentiva e ele leva a sua mão para a lateral dos meus seios, fazendo-me tremer em suas mãos. Vai dando beijos suaves, sussurrando em meu ouvido.

— Linda! Sua pele me deixa doido, Anjo! Seu toque — Suspira — me enlouquece.

Subo minhas mãos mais uma vez, arranhando suas costas. Mordo seu lábio inferior e ele geme em minha boca. Deita-se por cima de mim, prensando-me no sofá. Sinto o quanto está excitado.

Puxo sua blusa, nos separando somente para passá-la pela cabeça, jogando-a no chão. Nunca fui assim, mas com ele parece que não consigo me controlar.

Ele vai descendo com beijos pelo meu pescoço, beijando meu colo, logo acima do decote da minha blusa e eu o empurro. Ele levanta e passa a mão pelo rosto, achando que eu não quero. Quando vai começar a falar, eu avanço. Beijo seus lábios e monto em seu colo.

— Anjo, se você continuar assim vai me matar aqui.

Afasto-me o suficiente para tirar minha blusa e a jogo no chão junto com a dele. Volto a beijá-lo e ele aperta meus seios por cima do sutiã, deixando-me doida.

Arranho suas costas mais uma vez e desço minhas mãos para o cós da sua calça. Ele segura minhas mãos e encosta sua testa na minha. Respiramos os dois com dificuldade.

— O que aconteceu? Você não quer?

— Anjo... O que eu mais quero neste momento é ter você a noite toda. Mas não com a sua mãe a uma parede de distância. Se nós continuarmos e tivermos que parar, isso vai me matar. Eu quero ter você sem pressa. Prefiro esperar mais um pouco a começar o que não vamos conseguir terminar. — Beija minha testa.

Eu levanto e pego minha blusa no chão. A visto ainda de costas para ele. Sinto quando ele para ao meu lado, segura meu braço e vira-me para ele.

— Tudo bem. Vou ver como minha mãe está. — Falo tentando fugir.

— Ei, olha para mim! — Diz e levanta meu queixo com um dedo. — Nem pense nisso,

ok? Você não tem noção de quanto me custou parar. — Pega minha mão e leva para sua ereção. — Olha como você me deixou! — Fecho os olhos. — Não pense que eu não te quero, porque é justamente o contrário. Quando eu começar, não vou querer parar. E agora não podemos fazer isso.

— Você está certo. É que você me tira o ar, Carlos. Não consigo pensar direito, eu nunca agi assim antes.

Beija meus lábios bem de leve e me abraça outra vez.

— Eu sei como você se sente. Também é tudo novo, tudo diferente para mim. Por isso mesmo que eu quero esperar. Você não é mulher de uma rapidinha no sofá da sala. Você é muito mais do que isso e eu me mataria se não te desse tudo que você merece e mais ainda.

— Ok. Esperar então. Mas você tem noção de que pode demorar não é? Com a minha mãe assim, eu não vou passar a noite fora tão cedo.

— Eu sei, mas vamos dar um jeito ok? Não se preocupe com isso. — Beija meus lábios outra vez. — Me leva na porta? Porque se eu ficar aqui corro o sério risco de mudar de ideia.

O acompanho até o portão para nos despedirmos e entro em seguida. Sigo para o banheiro, vou tomar um banho para tentar me acalmar ou não vou conseguir dormir. Deixo a água correr pelo meu corpo, tentando relaxar, mas as lembranças das mãos dele em meu corpo não me ajudam em nada.

Seco-me, coloco uma camisola e deito em minha cama. Pego o telefone para programar o despertador e tem uma mensagem dele.

“Espero que você compreenda o que eu fiz, Anjo. Saiba que quando ficarmos juntos vou te compensar por hoje. Dorme bem e sonhe comigo, pois eu com certeza vou sonhar com você. Te vejo amanhã.”

Digito:

“Sonhar com você não é mais novidade. Já faço isso toda noite. Durma bem também, Carlos. Até amanhã.”

Coloco o telefone em minha mesinha e viro-me para tentar dormir. Fico lembrando das nossas conversas pelo telefone antes de nos encontrarmos, até que pego no sono.

Capítulo dezesseis

Carlos Eduardo

As obras do centro de reabilitação e do salão para festas estão quase prontas. Estou andando pela fazenda para verificar como as coisas estão, quando meu telefone toca. Vejo que é uma chamada do Marcelo.

— Fala, Marcelão! O que você manda de novo?

— Fala, Cadu! Liguei para saber como estão as coisas aí. Tudo certo com a obra? — Pergunta.

— Está, sim, cara! Mais duas semanas no máximo e já vai estar tudo pronto. Não vejo à hora de ver isso aqui funcionando!

— Eu imagino! Já sabe a data que vai inaugurar?

— Está marcado para daqui a quatro semanas. Se continuar neste ritmo, vai estar tudo pronto com bastante folga para organizar a festa.

— Que bom! Sei como você está empenhado para que isto dê certo. Você vem amanhã para a cidade?

— Vou, sim. Amanhã faz um mês que a Luíza e eu estamos juntos. Marcamos de almoçar e ver o que vamos fazer depois. Um cinema ou alguma coisa assim.

— Certo, então. Vai passar aqui em casa?

— Vou sair daqui mais cedo e passo aí para ver a tia Nilza.

— Até amanhã, então, Cadu. Vou desligar que a Ali já acabou de se arrumar. Nós vamos sair com alguns amigos.

— Aproveitem a noite então. Até amanhã.

Encerro a ligação, mando uma mensagem para a Luíza perguntando como elas estão e sigo para casa. Já chega por hoje. Agora preciso de um banho, comer alguma coisa e descansar um pouco. Amanhã pego a estrada cedo.

Com as obras seguindo bem, resolvi colocar um dos meus funcionários para supervisionar aos sábados para que eu consiga ir para a cidade ver a Luíza.

****

Chego à casa da Luíza e toco a campainha. Acabei chegando adiantado, mas não me importo. Estou com saudades dela já que não nos vemos há uma semana.

Quem abre a porta é a Juliana.

— Bom dia, patrãozinho! Chegou adiantado. Muito bem! — Diz piscando para mim. Ela sempre que me vê, tem que fazer uma brincadeira comigo.

— Bom dia, Juliana! A viagem acabou demorando menos do que eu esperava. A Luíza está?

Assim que pergunto, vejo-a se aproximar. Está tão linda, que tenho que me controlar para não agarrá-la agora mesmo. Ela está usando um vestido preto sem alças, justo na parte de cima e solto até a altura dos joelhos.

— Bom dia, Edu! — Ela agora só me chama assim. Disse que precisava de um apelido para mim, já que eu a chamo de Anjo, mas não queria Cadu, pois todo mundo usa esse codinome. Precisava de um só para ela.

— Bom dia, Anjo! Você está linda. — Falo. Dou um beijo em seus lábios e a puxo para mim.

— Vou deixar o casalzinho sozinho. Depois nos falamos, Lu. — A Juliana fala e sai nos deixando a sós.

— Você também não está nada mal. — fala retribuindo meu abraço e dá um sorriso. Ela disse que gosta de me ver vestido assim: calça jeans, camiseta e um blusão xadrez com alguns botões abertos por cima.

— Como está sua mãe?

— Está bem. As tias vão ficar com ela. Disseram que vão tentar anima-la.

— Que bom, Anjo! Vamos agora ou você ainda precisa de alguma coisa?

— Vamos, sim. Só vou me despedir delas. — Diz e caminha para o corredor que vai para os quartos.

Lembro-me do dia em que eu cheguei aqui e a Rosane falou para eu esperar pela Luíza no quarto, pois ela estava tomando banho. Como não esperava me encontrar, saiu só de toalha, o que me deixou quase doido.

Na mesma hora, uma parte bem específica do meu corpo, deu sinal de vida. Precisei de

muita força de vontade para não agarra-la. Está ficando cada vez mais difícil cumprir o que eu combinei, de não tomá-la no sofá da sala mesmo.

Ela volta do quarto e seguimos para o restaurante.

Assim que chegamos, o maître nos acompanha até a nossa mesa. Quando eu fiz a reserva, pedi para que fosse uma mesa mais isolada. Queria ter um pouco de privacidade para fazer a ela a proposta de assumir comigo a administração da fazenda. Agora com o centro e o salão, fora o haras que já tenho, vou precisar de ajuda.

O garçom se aproxima, assim que sentamos, e nos entrega o cardápio. Escolhemos uma massa com camarão e molho branco e, para beber, apenas água, pois ela não bebe mais depois que os pais sofreram o acidente por culpa de um motorista bêbado e eu estou dirigindo.

Estamos conversando enquanto comemos quando, um homem, mais ou menos da minha idade, para próximo à nossa mesa. Vejo que a Luíza arregala os olhos e fica pálida quando o vê.

Aperto sua mão sobre a mesa e ela vira-se para mim com os olhos marejados, se controlando para não chorar. Não tenho certeza de quem ele seja, mas desconfio e, se for quem eu penso, ele tem sorte de estarmos em um restaurante.

— Boa tarde, Luíza! Vejo que você voltou a sair. Pena que o nível de suas companhias caiu tanto. — Olha-me com ar de superior.

— Vai embora, Guilherme. — A Luíza fala e vejo que acertei.

— Acho melhor você sair daqui agora como ela falou, ou não respondo por mim. — Falo e tento me controlar.

— Além de caipira, é violento. Realmente, Luíza, você já teve um gosto melhor para homens.

Vejo um dos amigos de meu pai se aproximar. Ele para ao meu lado bem na hora em que a Luíza vai responder.

— Cadu? É você mesmo, meu filho? Quanto tempo que não nos vemos. Como você está?

— Bem, e o senhor? — Digo. Levanto e aperto sua mão. — Deixe-me apresentar minha namorada.

A Luíza se levanta também e agora é a vez do infeliz do Guilherme ficar pálido. Ele não esperava que eu conhecesse o senhor Fernando.

— Você tem bom gosto, rapaz. Ela é muito bonita. Vocês formam um lindo casal. — Diz enquanto segura a mão dela. — Vocês conhecem o Guilherme? Estávamos conversando sobre negócios.

— Acho que o senhor deveria pensar melhor a respeito disto. Não lhe aconselharia a fazer negócio com alguém que julga os outros pela roupa que vestem, sem ao menos conhecer. Digo por experiência própria, esse homem posa de bom moço, mas no fundo, a única coisa que importa para ele é o dinheiro. Acabei de lhe conhecer, mas o senhor não me parece ser este tipo de pessoa. — A Luíza fala deixando todos nós de queixo caído.

Pelo estado em que ela ficou quando o viu, não esperava que ela fosse reagir desta maneira. Ele parece surpreso também, além de muito irritado.

— Escute aqui, sua... — Ele começa a falar, mas eu o corto.

— Escute aqui, você! Levanta a voz para a minha namorada mais uma vez e vai descobrir a força do meu punho. — A puxo para mais perto de mim. — Acho que você já percebeu que o caipira aqui, pode ferrar com a sua vidinha de merda. Bastam alguns telefonemas e a sua empresa vai para o buraco junto com você.

—O que eu perdi aqui? Alguém pode explicar? — Senhor Fernando pergunta olhando para nós três.

— Senhor Fernando, vamos conversar melhor em outro lugar. Escolhi este restaurante por achar que era bem frequentado, mas vejo que me enganei. — O Guilherme fala, mas não tenho tempo de responder.

— Você está falando do filho de um grande amigo meu, rapaz! Cuidado com suas palavras! Não vou admitir que os trate desta maneira, está me ouvindo? — Senhor Fernando fala e sua voz é de raiva. — Nossa conversa acaba aqui. Recuso-me a trabalhar com pessoas como você. — Vira-se para mim e completa. — Desculpe-me por isso, Carlos Eduardo. Apareça em minha casa e leve sua namorada. Será um prazer receber vocês para compensar este episódio.

O Guilherme afasta-se de nós com ódio nos olhos.

— Eu que devo desculpas ao senhor, por falar daquele jeito, é que este homem tem o dom de me irritar. — Fala a Luíza.

—Entrarei em contato com o senhor em breve para marcarmos um almoço. Mande lembranças minhas à sua esposa. Boa tarde! — Aperto sua mão. Ele concorda e se afasta.

— Desculpa por isso, Edu. Eu não tinha encontrado com ele ainda, não sabia que iria agir assim. Mas também não poderia esperar outra coisa vindo dele.

— Pode parar, Anjo! Você não tem culpa de nada. Se tem algum culpado aqui, esse alguém é aquele filho da puta. — A puxo para um abraço sem me importar com o que as pessoas vão achar. — Vamos acabar de comer ou você prefere ir agora?

— Perdi a fome. Se você quiser terminar de comer, eu te espero.

— Não! Vamos embora. Vou pedir a conta. — Aceno para o garçom.

Saímos do restaurante e seguimos para o estacionamento. Quando chegamos ao meu carro, encosto e, a puxo para minha frente, abraçando-a.

— Ei! Melhora essa carinha, ok? Não deixa aquele infeliz estragar o nosso dia, tudo bem? — Acena para mim. — Vamos fazer o que agora? Tem algum lugar que você queira ir?

— Qualquer coisa. Desde que seja com você, está ótimo para mim.

— Então vamos! Já sei o que vamos fazer.

Abro a porta para ela e espero que entre. Dou um beijo leve em seus lábios e dou a volta para podermos ir.

Sigo para um parque próximo a minha antiga casa. Meus pais sempre me levavam para passear nele. Estaciono ao lado da guarita e descemos do carro.

— É lindo aqui, Edu! Eu não conhecia. Você já veio aqui antes?

— Eu morava aqui perto. Meus pais sempre me traziam aqui para brincar. Vem, tem uma parte que quero te mostrar.

A levo para o gramado próximo do lago, onde têm várias arvores e sento encostado em uma, com ela entre minhas pernas, com as costas em meu peito.

— É bem tranquilo aqui. — Fala enquanto olha ao redor.

— É sim. Por isso trouxe você aqui. Queria colocar um sorriso neste rosto lindo outra vez.

Ela vira-se para mim e me beija. Coloco as mãos em seu rosto a segurando como se estivesse com medo que ela fuja. Ela passa os braços em meu pescoço e coloca a mão em minha nuca.

Tiro uma das mãos de seu rosto e passo por sua cintura, puxando-a mais para mim. Aprofundo o beijo e ela puxa o meu cabelo, gemendo em minha boca, deixando-me louco. Mordo seu lábio e passo a língua por cima. Ela esfrega-se cada vez mais em mim.

Diminuo o ritmo do nosso beijo, parando aos poucos e vou dando beijinhos suaves em seus lábios. Encosto minha testa na dela e solto um suspiro.

— O parque está vazio, mas temos que parar, Anjo, ou vamos ser presos por atentado ao pudor.

— Vamos sair daqui então, Edu! Por favor!

— Tem certeza, Anjo? Eu não quero te levar para um motel, mas também não tenho como te levar para a casa dos meus tios.

— Eu não me importo! Só quero estar com você sem precisar me preocupar em parar.

— Vem! Já sei para onde vamos, Anjo!

Seguimos em direção a um hotel próximo ao parque. Não queria que fosse assim, porém ela não está facilitando para mim.

Capítulo dezessete

Ana Luíza

Entramos no quarto do hotel com o Edu agarrado a mim. Ele tranca a porta e pergunta:

— Quer beber ou comer alguma coisa? — Nego com um aceno.

— Só quero ficar com você.

Viro-me em seus braços, dando um beijo em seus lábios. Ele assume o controle do beijo e carrega-me para a cama. Senta-se na beirada, me colocando em seu colo e aprofunda o beijo.

Ficamos assim, só nos beijando, por uns dez minutos, até que ele me coloca na cama, deitando-se sobre mim.

O peso do seu corpo sobre o meu e suas mãos me tocando, enlouquece-me.

Passo as mãos por suas costas, trazendo o blusão que está usando junto. Somos obrigados a nos separar para passá-lo por sua cabeça e deixá-lo de lado, voltando a nos beijar em seguida.

Afasta-se de mim e começa a tirar o restante de suas roupas. Apoio-me em meus cotovelos e fico o olhando fascinada. Ele está agora só de cueca boxer preta e tem um corpo de dar água na boca.

Começa a tirar minha sandália e, assim que as tira, beija meus pés e vai subindo por minhas pernas. Ergo meu corpo para facilitar e ele desce o zíper do meu vestido que cai, juntando-se em meu quadril.

Levanta-me e o vestido vai ao chão, formando uma poça em meus pés, deixando-me só com uma calcinha de renda vermelha. Fica parado me olhando, mordo os lábios esperando ansiosa pelo que está por vir.

— Linda! Tão gostosa que não sei por onde começar a te provar. — Vou para perto dele, levo minhas mãos para o cós da sua cueca, desço-a por suas pernas e libero seu membro. Estico minha mão, segurando-o firme e ele treme, soltando um suspiro. — Para, Anjo! Se você continuar fazendo isso, não vou durar. — Diz e segura minha mão, parando-me.

— Então vem para a cama comigo.

Ergue-me e eu passo as pernas em volta do seu corpo. Coloca-me de volta na cama e se afasta para tirar minha calcinha. Cheira e a coloca no bolso de sua calça, que está jogada no

chão, aproveitando para pegar um preservativo em sua carteira, colocando-o ao meu lado.

Deita-se sobre mim outra vez e recomeçamos. O beijo vai se aprofundando, somos mãos e bocas para todos os lados. Travo minhas pernas em sua cintura implorando para que me tome de uma vez.

— Por favor, Edu! Eu não aguento mais esperar. Preciso de você.

Ele pega o preservativo, rasga a embalagem e o coloca. Posiciona-se, olhando em meus olhos o tempo todo e me beija antes de me invadir, engolindo o meu gemido. Fecho os olhos com a força do que sinto neste momento.

— Olha para mim, Anjo! Quero ver você!

Beija-me outra vez, apoiando-se em uma mão, enquanto com a outra acaricia meu rosto.

Nossos corpos entram em um ritmo próprio, nos encontrando no meio do caminho, fazendo com que cada estocada que ele dá, seja mais profunda.

Em momento algum ele deixa de me beijar, de fazer um carinho em mim, falando-me o tempo todo o quanto me acha linda, o quanto me deseja.

Leva uma mão ao meio de nossos corpos, tocando no meu centro e fazendo-me atingir o orgasmo mais forte que eu já tive.

Ele continua estocando dentro de mim e, depois de mais umas três vezes, goza também. Descansa sua testa na minha e beija meus lábios mais uma vez.

— Isso foi... — Solto um suspiro e ele completa: — Maravilhoso. — Diz e dá um sorriso.

Rola para o lado levando-me junto. Deito em seu peito e ele me abraça.

— Se já era difícil resistir a você antes, agora que eu provei e sei como é bom, vai ser impossível, Anjo.

— É só não resistir. — Apoio meu queixo na minha mão, olhando para ele. — Eu não quero que você resista, Edu. Não me importo de ser no sofá, no meu quarto, na cozinha, onde for, o que me importa é ser com você. — Voltamos a nos beijar.

Ficamos deitados na cama abraçados nos curtindo, mais uns vinte minutos, até que ele começa a falar:

— Anjo, eu queria te fazer uma proposta. — Aceno para que continue. — Eu vou precisar de alguém para me ajudar a administrar a fazenda agora. Sei que tem a sua mãe, mas

como tem o centro, onde ela vai poder fazer todo o tratamento, quero saber se você aceita trabalhar comigo. — Tento falar, mas ele continua. — Sua mãe pode fazer o tratamento na clínica. Tem o alojamento para os pacientes que moram longe e não têm como ir embora todos os dias, mas eu quero você comigo, na minha casa.

Levanto da cama e começo a me vestir. Sei que está me olhando da cama, mas não ligo. Procuro por minhas sandálias e não as vejo em lugar nenhum.

— Onde estão minhas sandálias?

— O que você está fazendo? Para que você está se vestindo, Anjo?

Encontro-as jogadas em um canto do quarto, as coloco e pego minha bolsa. Sigo para a porta, ele levanta em um pulo da cama e segura meu braço.

— Me deixa sair, Carlos!

— O que está acontecendo, Luíza? Porque eu não estou entendendo nada aqui. A gente estava bem até agora. Você pode me dizer o que eu fiz?

— Você não fez nada. Eu que me enganei. Achei que você era diferente do Guilherme, mas vocês são iguais. — Ele solta meu braço e se afasta, como se tivesse tomado um tapa.

— Acho que você não entendeu o que eu falei. Vamos conversar, Luíza.

— Não temos nada para conversar, Carlos. Acabou!

— Como assim acabou? — Viro-me para a porta outra vez. — Deixa-me te levar em casa pelo menos.

— Não precisa! Eu vou pegar um táxi. — Viro e saio sem olhar para trás.

Não acredito que me enganei tanto. No fundo ele quer o mesmo que o Guilherme. Que eu deixe minha mãe na clínica e fique com ele.

As lágrimas, que antes eu conseguia segurar, agora descem pelo meu rosto sem parar.

Pego um táxi e vou para casa. Quero fingir que este dia nunca existiu. Dou meu endereço e o motorista me olha pelo retrovisor preocupado, perguntando se estou bem. Aceno um sim e ele segue nosso caminho.

Quando chego em casa, encontro a Ju na minha sala, junto com minha mãe e a tia Dalva. Assim que me olha, sabe que não estou bem. Levanta-se e segue para o meu quarto comigo.

— O que aconteceu, Lu? Por que você está chorando?

Cheguei em casa sem chorar por causa da minha mãe, mas assim que entro em meu quarto, as lágrimas voltam a descer.

— O Carlos. — Soluço. — Eu me enganei, Ju, ele é igual ao Guilherme.

— Como assim? Explica isso direito que eu não entendi nada. O que o patrãozinho fez?

— Ele me propôs de ir trabalhar na fazenda para administrá-la com ele. Disse que minha mãe teria a clínica para se tratar e que poderia ficar no alojamento, mas que me queria na casa junto com ele.

— Luíza, tem certeza que foi assim?

— Ele quer a mesma coisa que o Guilherme, quer minha mãe na clínica, Ju. — Digo e as lágrimas agora vêm com mais força.

Ela senta-se em minha cama e me puxa para seu colo. Deito a cabeça em suas pernas e ela fica fazendo carinho, tentando me acalmar.

****

Acordo no dia seguinte com a Ju deitada ao meu lado. Pego o telefone para ver que horas são e encontro várias ligações perdidas. A maioria é do Carlos, mas também tem algumas da Ali.

Ignoro todas, me levanto e entro no banheiro para tomar um banho. Deixo a água morna cair sobre o meu corpo e espero que ela leve junto a tristeza que estou sentindo neste momento.

Volto para o quarto e encontro a Ju já acordada, sentada na minha cama.

— Está melhor? — Pergunta-me.

— Vou ficar!

— Lu, você...

— Ju, eu não quero falar sobre isto! Por favor! Tudo que eu quero é esquecer.

Ela aceita, mesmo que eu tenha certeza que não concorde comigo.

Passo o dia com a minha mãe, sem atender nenhuma ligação. Sei que não vou poder fugir para sempre, mas, por hoje, não quero pensar em nada.

Depois me preocupo com o que vai acontecer de agora em diante.

****

Chego cedo à empresa na segunda e vou direto para a minha sala. Sei que a Ali vai chegar a qualquer momento, mas ainda não estou pronta para conversar sobre o que aconteceu.

Não atendi as suas ligações e nem as do Carlos. Apaguei todas as mensagens dele, sem nem ao menos ler.

Concentro-me no trabalho e só percebo que tem alguém em minha sala quando a Ali senta em minha mesa. Vejo que o Marcelo está encostado ao seu lado.

— Bom dia, Lu! — A Ali fala de braços cruzados. — Será que você pode parar de fugir agora? — Solto um suspiro.

— Bom dia! Sei qual é o assunto, mas não quero falar sobre isto agora. Na verdade, eu só quero esquecer.

— Lu, o Carlos está ligando de dois em dois minutos. Eu não quis passar a ligação antes de falar com você, mas ele não desiste, amiga. O que aconteceu? Vocês estavam tão bem!

— Ali, por favor! Eu não quero falar com ele. Na verdade, não quero falar com ninguém. Será que vocês podem respeitar isto?

— Ok! Nós vamos sair daqui e deixar você trabalhar, Luíza, mas quero te falar uma coisa antes. Eu nunca vi o meu amigo do jeito que ele estava ontem. Se você não quer falar agora, tudo bem, mas uma hora ou outra, você vai precisar escutá-lo.

O Marcelo fala e sai da sala. A Ali levanta da mesa e me olha.

— Ele está certo, Lu! Quando você quiser falar é só chamar, ok? — Vira-se e sai também.

****

Hoje é sábado e faz uma semana que não vejo ou falo com o Carlos. Passei a semana toda evitando todo mundo. Parece que todos se uniram para me convencer de que estou errada sobre ele.

No começo, ele ligava o dia todo. Conforme foi passando os dias, começou a ligar só de manhã e à noite, além das mensagens que mandava. Não atendi e nem li as mensagens. Não quero escutar desculpas.

Estou em meu quarto, quando a Ju e a Ali entram juntas. Elas vão direto para o meu guarda-roupa e começam a colocar algumas peças de roupas em uma bolsa de viagem minha.

— O que vocês estão fazendo? — Pergunto enquanto me sento na cama.

— Arrumando suas coisas. Você vai para a fazenda agora e não se fala mais nisto. — A Ju responde. Dou um pulo da cama e puxo a bolsa da mão dela. — Lu, me escuta! Vocês precisam conversar! Você entendeu errado, amiga. Se eu achasse que tinha a mínima chance de você estar certa, eu não estaria te pedindo isto. Eu seria a primeira a dar uma porrada no patrãzinho. — Fala segurando minhas mãos.

— Amiga, ela está certa! Eu vi o estado que ele ficou. Ele liga todo dia para o Marcelo para saber como você está e para saber da sua mãe. — É a vez da Ali falar.

Escuto uma batida na porta e, quando me viro, encontro o Marcelo parado, encostado no batente da porta. Faço sinal para que entre. Estou perdida hoje.

— Luíza, me escuta! Está na cara que você não deixou o Cadu se explicar. Ele nunca iria propor que você se afastasse da sua mãe. Eu sei qual a ideia dele, mas não cabe a mim te contar. Você agiu por impulso e está correndo o risco de perder um dos caras mais companheiros que eu conheço. Eu nunca vi o meu amigo assim por ninguém. Ele está completamente de quatro por você.

— Eles vão te levar na fazenda, Lu! Não se preocupa com a tia. Eu vou ficar aqui com ela. Só se preocupa em se acertar com o seu boy magia, ok? Escuta o que ele tem para te falar. Promete-me?

A Ju fala me abraçando. Sento-me em minha cama, apoio a cabeça em minhas mãos e solto um suspiro. O que será que eu fiz? Será que me enganei mesmo?

— Será que eu entendi errado? — Eles acenam que sim. — Mas se ele não quiser me escutar agora? Eu não o atendi a semana toda.

— Ele vai te escutar! Ele só não veio para cidade porque eu pedi que te desse um tempo. Se dependesse dele, teria deixado as obras de lado e vindo. Na verdade, não teria nem ido para a fazenda. Não sairia daqui sem falar com você. Custei muito a convencê-lo que seria melhor deixar a poeira baixar para vocês conversarem. Vai por mim.

O Marcelo fala e as meninas concordam.

— Anda, Lu! Vai tomar um banho para se arrumar. Vamos esperar você lá na sala. — A Ali fala e sai com o Marcelo.

— Vai para o banho. Vou escolher sua roupa e te ajudar a se arrumar. — A Ju me empurra para o banheiro.

Cerca de trinta minutos depois, estou dentro do carro com a Ali e o Marcelo e, a Ju dando-me tchau da porta da minha casa. Espero que esta viagem não demore muito e que eu não chegue atrasada para consertar a burrada que fiz.

Capítulo dezoito

Carlos Eduardo

Já se passou uma semana e ela ainda não me atende. Nem responde minhas mensagens. Não sei mais o que eu faço para conseguir falar com ela.

O Marcelo insiste que eu dê um tempo, que deixe a poeira baixar, mas a minha vontade é de pegar a estrada agora mesmo e ir para a cidade. Não queria nem ter voltado para a fazenda, mas não posso deixar as obras agora no final.

Entro em casa e vou direto para o banho. Ainda não consigo entender o que aconteceu. Em um minuto estávamos muito bem e, logo depois, tudo desabou.

Acabo meu banho, coloco a calça do pijama e desço para beber alguma coisa. Encontro a vó Aurora na cozinha.

— Quer comer alguma coisa, meu filho?

Sei que ela espera que eu conte o que está acontecendo, mas nem eu mesmo consigo entender ainda, como posso explicar?

— Não, vó! Vai deitar! Eu só vim beber alguma coisa. — Dou um beijo em sua testa. — Já vou deitar também.

— Tudo bem! Se precisar de alguma coisa, me chama. Boa noite!

— Boa noite, vó!

Pego uma cerveja na geladeira e vou me sentar na sala.

Escuto o barulho de um carro se aproximando e não tenho ideia de quem possa ser a esta hora. Levanto e vou para a porta. Quando abro, encontro a Luíza parada na varanda, com os olhos cheios de lágrimas. Fico parado olhando-a, me controlando para não avançar e agarrá-la.

— Posso entrar? — Pergunta-me com a voz baixa, quase um sussurro, parece que está com medo que eu diga não. Ela não tem noção de como eu a quero.

Vejo o carro do Marcelo parado próximo à casa. Ele pisca o farol, manobra e vai embora.

Afasto-me da porta, abrindo um pouco mais, deixando que ela entre. Assim que ela passa, fecho a porta e faço sinal para irmos sentar no sofá. Senta-se em um, de frente para mim, fico olhando-a, esperando que comece a falar.

Vejo que está nervosa. Torce as mãos no colo o tempo todo, olhando para baixo. Solta um suspiro, levanta o olhar para mim e começa a falar.

— Será que você pode me desculpar?

— Desculpar pelo quê exatamente? — Pergunto com rispidez. Por mais que queira pega-la no colo agora mesmo, não vou facilitar para ela. Ter me comparado com aquele filho da puta do seu ex foi demais para mim.

—Principalmente por ter te comparado ao Guilherme. Eu falei sem pensar, ainda estava nervosa com o encontro no restaurante, mas sei que não justifica. — Fica olhando-me, esperando que eu fale alguma coisa. Não digo nada e ela continua. — Também por não ter deixado você se explicar. Quando você começou a falar, só veio na minha cabeça a proposta dele de deixar minha mãe em uma clínica, não consegui raciocinar direito depois disso.

Abaixa a cabeça outra vez. Observo-a limpar o rosto e percebo que está chorando. Levanto-me, vou à cozinha pegar um copo de água para ela e entrego quando volto. Sento-me, desta vez mais próximo a ela e espero que se acalme.

Ainda estou muito irritado com o que aconteceu, mas não consigo mais vê-la assim. Levanto o seu rosto para mim e falo.

— Está mais calma agora?

— Não! Só vou ficar quando você disser que me perdoa. — Se aproxima de mim. — Por favor, Edu! Eu sei que errei feio com você, mas eu prometo nunca mais te comparar a ninguém, e deixar que se explique quando alguma coisa não me agradar. Só não quero ficar assim com você.

— Por quê? — Pergunto e ela questiona-me com o olhar. — Por que você não quer ficar assim, Luíza? Foi você quem disse que acabou tudo, você que saiu sem olhar para trás, sem deixar que eu me explicasse. Foi você que ficou uma semana inteira sem nem ao menos responder uma mensagem minha. O que te fez mudar de ideia? Como posso saber que não vai fazer de novo, na próxima vez que discordarmos de alguma coisa?

— Eu não quero te perder, Edu! Passei esta semana toda com a Ju, a Ali e o Marcelo querendo me convencer que eu estava errada. Eu não quis escutar ninguém. Hoje eles me forçaram a escutar e eu vi que estavam certos. Eu não deixei que você falasse, não te dei chance de se explicar. Agora eu sei que estava errada.

— Até a Juliana, que nem me conhece direito, sabia que tinha alguma coisa de errado, mas você precisou que eles falassem para perceber que eu não sou esse tipo de pessoa. Será que, depois de todas as nossas conversas, deste mês que passamos juntos, você ainda não me conhece?

Levanto e começo a andar de um lado para o outro. Estou agitado demais para ficar sentado. Ela levanta-se e para na minha frente, segurando meu rosto.

— Eu sei quem você é, Edu! Você é o homem que derrubou todas as barreiras que eu criei para me proteger de relacionamentos. Que chegou como não quer nada e me conquistou. O homem que eu descobri esta noite que eu amo. Eu te amo, Edu! Eu te amo demais, e só em pensar em te perder para sempre, me bate um desespero. — Fala olhando eu meus olhos.

— Repete o que você disse.

— Eu te amo! De uma maneira que eu nem sabia que era possível. Vim a viagem inteira pensando sobre isto, em como você mexe comigo desde o primeiro dia naquele bar. Em como só com conversas por telefone você me conquistou. Eu te amo e quero fazer dar certo. Não interessa como vai ser, vamos dar um jeito. Eu vou conseguir ficar com você e com a minha mãe ao mesmo tempo, prometo. Só não quero ficar sem você.

Avanço em sua direção, beijando-a com fome, com desespero. Levanto-a e ela agarra-se a mim, envolvendo minha cintura com suas pernas. Preciso dela na minha cama agora.

Subo as escadas sem parar de beijá-la e a levo para o meu quarto. Entro e bato a porta com o pé, parando ao lado da cama. Ela desce do meu colo e deita-se, me chamando. Aproximo-me dela, deitando colado ao seu corpo e volto a beijá-la.

— Eu te amo, Anjo! — Encosto minha testa na dela. — Nunca mais me compare com aquele merda. Você não ter me escutado não foi nada comparado a isto. Não quero mais brigar com você.

— Nem eu! Desculpe-me!

— Shiii. Acabou. Não vamos mais falar deste assunto, ok?

— Me fala o que você queria, qual era a sua proposta.

— Agora eu quero você, Anjo, depois conversamos. — Começo a beijar o seu corpo e me perco nela.

Depois de mais uns trinta minutos, estamos deitados juntos, agarrados um ao outro quando ela fala:

— Será que agora o meu namorado pode parar de me torturar e me contar o que ele queria me propor? Já fui muito castigada.

— Acho que vou te castigar mais um pouco. — Começo a fazer cócegas em sua cintura e ela ri.

— Para, Edu! Isso é maldade.

— Tudo bem, Anjo, eu vou falar. — Faço uma pausa. — Eu quero que você administre a fazenda comigo. Tem o haras e agora vou inaugurar o centro e o salão, vou precisar de ajuda. Sua mãe pode fazer o tratamento na clínica, a equoterapia pode ajudá-la muito.

— Mas e a empresa? Vocês vão colocar outra pessoa no meu lugar?

— Não, Anjo! Eu conversei com o Marcelo sobre isso. Vamos colocar a Aliane como secretária e contratar outra recepcionista. Isto já vai diminuir o trabalho e facilitar. Fora que ela pode ajudar na administração também. Ela já trabalha há tanto tempo lá que sabe muita coisa do serviço.

— Ok. Agora fala sobre onde minha mãe e eu ficaremos.

— Vocês podem escolher, Anjo. Tem o alojamento da clínica, mas eu preferia que ficassem aqui. Sei que as escadas não são uma boa ideia para ela, mas tem onde a vó Aurora ficava antes de eu obriga-la a passar para os quartos aqui de cima. É um quarto com banheiro e uma sala, com entrada separada da casa. Ficaria mais fácil de você me visitar durante as noites. — Cutuco sua cintura e ela começa a rir outra vez.

— Você pensou em tudo mesmo, não é?

— Sempre penso em tudo que diz respeito a você, Luíza. Eu nunca iria te trazer para cá sem organizar as coisas para sua mãe antes. Sei como isto é importante para você. Na verdade, é uma das coisas que me encantam em você. O cuidado, a paciência, o carinho que você tem com ela. A maneira que você abriu mão da sua vida, de tudo o que você tinha definido, para tomar conta dela depois do acidente.

— Eu não poderia ter feito diferente, Edu.

— Eu sei, e penso como você, mas hoje em dia não é o que acontece. Eu queria ter tido a chance de fazer isso pela minha mãe ou pelo meu pai.

Vira-se e olha em meus olhos.

— Eu sinto muito, meu amor. — Beija meus lábios.

— Gostei disto. Fala de novo. — Dou um sorriso.

— Falar o quê?

— O que você acabou de me chamar.

— De quê? De meu amor? — Ela questiona e eu aceno concordando. — Meu amor. —

Beija meus lábios. — Meu amor. — Outro beijo. — Meu amor.

Viro-me por cima dela e a beijo.

— Vamos comer alguma coisa.

Levantamos e nos vestimos. Descemos e vamos procurar alguma coisa para comer. Quando entramos na cozinha, encontramos a vó Aurora preparando alguma coisa.

— A senhora não tinha ido dormir, vó?

— Quer me matar do coração, menino? — Fala com a mão no peito.

— Desculpa, vó. Deixe-me apresentar para a senhora a minha namorada. Luíza, essa é a Dona Aurora, minha avó. Vó, essa é a Luíza, minha namorada.

— Finalmente, garoto! Pensei que nunca fosse trazer esta menina aqui. — Diz. Aproxima-se dela e a abraça. — Obrigada por fazer meu menino sorrir outra vez. Tinha muito tempo que eu não o via assim, tão animado. — Sabia que a vó não comentaria nada sobre como fiquei irritado esta semana.

— Ele também me faz muito bem, vó. — A olho mais apaixonado do que antes, como se fosse possível.

Vó Aurora nunca teve filhos. Seu marido morreu antes dela engravidar e ela nunca mais se relacionou com ninguém. Sempre diz que meus pais eram como filhos para ela. Sei que a Luíza a chamar de vó, vai emocioná-la.

Vejo a vó secar as lágrimas e virar tentando disfarçar.

— O que vocês querem comer? Vão jantar ou querem um sanduíche?

— Sanduíches. — Falamos juntos.

Comemos enquanto conversamos um pouco com a vó e, quando acabamos, a chamo para voltar para o quarto. Ela passa pela sala e pega a bolsa que trouxe.

— O que tem nesta bolsa, Anjo? — Pergunto enquanto entramos no quarto.

— Roupas. Aquelas duas pensaram em tudo. Se a Ju sozinha já é um perigo, quando se junta com a Ali é muito pior. Ela ficou com a minha mãe, para eu poder vir.

— Me lembra de agradecer as duas depois. — Digo a abraçando.

— Por falar nisso, tenho que mandar uma mensagem para a Ju. Ela pediu para que eu

avisasse como ficamos.

Ela pega o celular, manda uma mensagem e coloca-o sobre a mesinha de cabeceira em seguida.

— Quer dizer que eu vou ter a minha namorada uma noite inteira só para mim? — Digo e a abraço apertado. — Que amanhã eu vou acordar com ela agarradinha a mim e vou poder passar mais um tempo com ela?

— Vai sim e é bom para você saber se vai me querer aqui mesmo.

— Eu não tenho dúvidas disto. Agora vem aqui. Vamos tomar um banho para dormir, porque eu quero você na minha cama logo. — Falo. Pego-a no colo e vamos para o banheiro.

Capítulo dezenove

Ana Luíza

Acordo no domingo com o Edu agarrado a mim, como se estivesse com medo de que eu fugisse. Tento sair da cama sem o acordar, mas, cada vez que me mexo, ele aperta mais os braços em minha volta.

— Onde você pensa que vai? — Pergunta sem abrir os olhos.

— Eu preciso ir ao banheiro e queria fazer nosso café também.

— Está cedo e a vó já deve ter feito. Fica aqui agarradinha comigo mais um pouco.

— Você tem que me mostrar a fazenda, Edu. Eu tenho que ir cedo para casa ou você vai pegar a estrada à noite para voltar. A menos que você me deixe ir sozinha.

Levanta-se na mesma hora, levando-me junto.

— Nem pensar! Está fora de cogitação. Vamos tomar café e aproveitar nossa manhã.

Tomamos banho juntos, o que nos fez demorar mais do que o necessário, nos arrumamos e descemos para tomar café.

— Bom dia, vó! — Falamos juntos ao entrarmos na cozinha.

A vó Aurora está com nosso café pronto e nos serve. Gostei dela desde o primeiro momento que a vi e, como nunca tive contato com meus avós, acabo a colocando neste lugar.

Ela é uma senhorinha muito simpática, com jeito de avó mesmo. Daquelas que cuidam de tudo, estão sempre fazendo as vontades de todos.

O Edu ontem falou que ela sempre foi assim. Desde a época em que ele vinha para a fazenda com os pais, mas, que quando necessário, chama a atenção como ninguém. Sempre pronta para dar um puxão de orelha em quem ela achar que mereça.

Acabamos de comer e ele me leva para conhecer a fazenda e também para ver as obras do centro e do salão.

— Está ficando muito bom, Edu! Vai ter espaço para bastante gente. Você vai mesmo destinar uma parte do atendimento para quem não tem condições de pagar? — Pergunto enquanto ele me mostra o alojamento.

— Vou sim, Anjo! Essa é a minha ideia desde o começo. Sei que para essas pessoas é mais difícil ainda conseguir fazer o tratamento adequado. Se eu tenho condições de ajudar, por que não fazer?

— Este seu pensamento é lindo, meu amor! — Digo. Passo os braços em seu pescoço.

— Meus pais sempre me ensinaram a ajudar quem mais precisa, Anjo. — Diz e abraça-me pela cintura. — Antes de a minha mãe falecer, ela me pediu que não esquecesse isto nunca. É uma maneira de manter viva a memória dos dois comigo.

Dou um beijo em seus lábios. Como posso ter comparado este homem com aquele traste do Guilherme?

Seguimos pela fazenda e ele me mostra o centro, que está quase pronto, e o salão para festas.

— Está tudo tão lindo, meu amor! O centro ficou tão aconchegante! Esta era a minha maior queixa nos lugares que eu levava minha mãe para fisioterapia. Eram sempre tão sérios, tão sem vida, que as pessoas não sentiam vontade de voltar, não se animavam com o tratamento.

— Eu pesquisei bastante sobre isto. Principalmente porque vamos ter crianças também, com autismo, síndrome de Down, entre outras. Elas precisam sentir-se bem aqui, acolhidas.

— Com certeza vai conseguir isso. Já estou vendo que vai ser um sucesso. O salão também está lindo. Com jeito de coisa do campo, mas sem deixar de ter certo requinte. Sobre a inauguração, você precisa de alguma ajuda?

— Eu contratei a firma que a minha mãe, sempre que tinha um evento maior, contratava. Mas ficaria grato se você desse uma olhada em tudo, para ver o que acha. Se está faltando alguma coisa ou se está exagerado. Quero uma coisa simples, nada chamativo. Pretendo chamar a atenção pelo trabalho e não por esbanjar na festa de inauguração.

— Claro! Depois me passa tudo e eu vejo para você.

— Vou fazer melhor. Vou entrar em contato com a firma e avisar que você é a responsável por tudo agora. Peço para que entrem em contato com você para te passar tudo direito.

— Não precisa, Edu! Só quero olhar mesmo para poder te ajudar.

— Eu estou correndo atrás dos últimos ajustes aqui, da papelada para poder começar a funcionar, se puder olhar isso para mim, vai ser mais fácil. Se não ficar ruim para você, é claro!

— Sem problemas! Pode passar meus contatos.

Voltamos para casa para almoçar e ele aproveita para me mostra o cômodo na parte de trás da casa que falou. Pego minhas coisas e vou me despedir da vó Aurora.

— Já estou indo, vó. — Falo quando volto para a cozinha e a encontro.

— Está cedo ainda, minha filha! — Diz.

— Eu vou levá-la e voltar ainda hoje, vó. Se não sairmos agora, vou pegar a estrada à noite.

— Então vão, meus filhos! Boa viagem e cuidado na estrada! Volte logo, menina! — Fala enquanto me abraça.

— Ela vem para a inauguração e a mãe dela também, vó. Se tudo correr bem, vão vir para ficar.

— Que ótima notícia! Esta casa está precisando de um pouco de alegria mesmo. Este menino só pensa em trabalho, vivia quieto pelos cantos. — Fala enquanto pega uma vasilha e coloca alguns pedaços de bolo e pãezinhos para levarmos. — Agora vão, ou vai ficar tarde. Se você perceber que vai pegar a estrada à noite, fique por lá e volte amanhã cedo, está me ouvindo? — Diz ao Edu. Ele acena concordando, nos despedimos e vamos para o carro.

Chego em casa e encontro a sala de casa cheia. Mamãe, tia Rosane, tia Dalva e a Ju estão sentadas assistindo televisão. Quando me veem com o Edu, abrem um sorriso.

Pelo jeito dona Juliana não guardou segredo, mas também elas perceberam que eu não estava bem esta semana e não teria como esconder o motivo da minha viagem repentina.

— Boa noite! — Edu as cumprimenta assim que entramos.

— Boa noite! Aconteceu alguma coisa? — Pergunto para provocar.

— Claro que não! Só estávamos esperando você chegar. — A Ju fala e levanta a sobrancelha diversas vezes.

— Você não tem jeito, Juliana! — Falo rindo. — Amor, você quer entrar para beber ou comer alguma coisa antes de voltar? — Viro-me para o Edu.

Vejo que todas arregalam os olhos para mim e não entendo o motivo. Ele aproxima-se de mim e deixa um beijo suave em meus lábios.

— Você me chamou de amor na frente delas. — Diz baixinho, colado em meus lábios, explicando-me o motivo do espanto delas.

— Nem percebi. — Digo e dou um sorriso.

— Não quero nada, Anjo! Vou ao banheiro apenas e pego a estrada. Quando eu chegar em casa como alguma coisa.

— Vai então para você não pegar a estrada à noite ou a vó te pega.

Ele segue para o banheiro e o quarteto não se controla mais começando a rir. A Ju é a primeira a falar.

— Amor é? Que coisa mais fofa.

— Deixa ela, Juliana! — Tia Dalva fala e também está com um sorriso no rosto.

— Não fiz nada demais, mãe! — Diz com ar de inocente.

— Claro que não! Nós conhecemos você, Ju. Sabemos que nunca encarnaria em ninguém, muito menos na sua amiga.

Tia Rosane termina de falar e todas nós caímos na risada. É assim que o Edu nos encontra quando retorna.

— Melhor eu ir, Anjo. Aviso quando chegar. — Ele diz e eu aceno concordando.

— Já vai, Cadu? Está cedo ainda. Por que não fica mais um pouco? — Tia Rosane pergunta.

— Tenho que pegar logo a estrada ou a vó Aurora arranca minhas orelhas. A senhora sabe como ela é.

— Você pode dormir aqui e sair amanhã cedo. Vai ser menos cansativo. — Minha mãe fala para ele.

— Agradeço, mas deixa para uma próxima. Amanhã o dia começa muito cedo na fazenda. Boa noite!

Todas se despedem dele e eu o acompanho até o carro para nos despedirmos.

— Tem certeza que não quer ficar? — Pergunto.

— Tenho sim, Anjo. Sei que a Juliana deve estar querendo conversar e você também tem muito que contar para ela. Ela precisa saber sobre a sua ida para a fazenda de uma vez ou pode ficar chateada.

— Você está certo. Não esquece de me avisar quando chegar. Vamos nos falando.

Aproxima-se mais e beija meus lábios. Começa devagar e vai aprofundando. Quando o beijo acaba, encosta sua testa na minha e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Eu te amo, Anjo. Não vejo a hora de ter você na fazenda.

— Também te amo, Edu. Mas preciso conversar com a minha mãe ainda. — Solto um suspiro.

— Eu sei, meu amor. Mas ela vai gostar, tenho certeza. — Deixa mais um beijo delicado em meus lábios e entra no carro.

Vejo-o se afastar e entro em casa. Preciso falar com a minha mãe e a Ju. Depois falo com as outras também.

Sento-me no sofá próxima à minha mãe e digo que precisamos conversar. As outras percebem e logo se levantam para sair. Despeço-me de todas e sento-me de frente para ela.

— Mãe, o Edu me fez uma proposta e eu gostaria de saber o que a senhora pensa a respeito.

— Claro, minha filha! Sobre o que é esta proposta?

— Ele me chamou para administrar a fazenda com ele. Enquanto era somente o haras, ele administrava sozinho, mas agora com o centro e o salão vai precisar de ajuda.

—Será ótimo para vocês, filha! Ficarão mais perto um do outro. Eu já te falei que este menino lembra-me alguém, só não sei quem. Ele me passa uma sensação boa.

Não é a primeira vez que ela fala isto. Que parece que conhece o Edu de algum lugar, mas que não lembra de onde.

— Você iria junto, mãe! Eu nunca a deixaria aqui! A senhora poderia fazer o seu tratamento no centro mesmo. Dizem que a equoterapia é excelente na reabilitação. Além disto, ele ofereceu uma parte da casa com entrada independente, tem um quarto, sala e banheiro. Seria somente para nós duas.

— Eu não vou, filha! Você tem que começar a viver sua vida. Deixa que eu mesma cuido de mim. Suas tias estão aqui comigo direto. Eu não vou ficar no meio de vocês. Não faz sentido.

— Foi o Edu que falou da senhora ir junto, mãe! Foi dele a ideia deste espaço ser nosso. Não é só a mim que ele quer, quer a senhora também.

Olha-me emocionada, com os olhos cheios de lágrimas.

— Você conseguiu um bom rapaz! Mas vocês não precisam se preocupar comigo. Eu me viro aqui!

— Então eu não vou também! — Digo séria.

— Não faz isso, filha!

— Faço, sim! Está em suas mãos a decisão. — Falo. Espero estar certa e que isto faça com que ela concorde.

Não tenho intenção de ficar, mas não posso deixá-la aqui. Ela pensa que vai nos atrapalhar, mas no fundo, se não a tiver por perto, não vou ficar em paz. Ela suspira e fala:

— Não se faz chantagem com a própria mãe, mocinha! — Diz séria. — Mas sei que você é capaz de cumprir o que falou e eu nunca iria me perdoar se você perdesse o Carlos por minha culpa.

— Eu te amo, mãe! Muito, muito, muito! — Digo. Abraço-a e dou diversos beijos em seu rosto.

— Me deixe terminar de falar. — Afasto-me e fico quieta esperando. — Tem uma condição. Você vai viver a sua vida! Eu estou bem, vou fazer o tratamento, mas não preciso de babá. Não quero saber de você atrás de mim o tempo todo, ou eu volto para casa e te proíbo de vir junto, está me ouvindo?

Aceno concordando. Eu concordo com o que ela quiser, se isso fizer com que ela vá comigo.

— Agora vem a outra parte. — Digo e ela olha-me sem entender. — Contar para a Ju.

— Faça isto de uma vez, filha! Ligue para ela e a chame para vir aqui. Vou me deitar. — Dá um beijo em minha bochecha.

Ajudo-a para se levantar e ela segue para o quarto caminhando com um pouco de dificuldade. Depois do AVC, ela ficou com algumas sequelas e o caminhar arrastado foi uma delas. A fala já está quase normal. Quando fala com calma, conseguimos entender sem problemas.

Ligo para a Ju.

— Amiga, você pode vir aqui em casa agora? Eu quero conversar com você. — Falo assim que atende a ligação.

— Estou chegando já. — Diz e desliga.

Faço um resumo de tudo o que aconteceu esta semana, inclusive sobre o Guilherme, já que ainda não tinha contado, e encerro falando sobre a minha mudança. Ela escuta sem me interromper.

— Quando eu penso que não é possível sentir mais raiva de uma pessoa vem este filho da mãe do Guilherme e mostra que estou errada. Estou com vontade de matá-lo, amiga!

— Não vale sujar suas mãos.

— Quanto a esta mudança, não posso fingir que eu amei. Você me conhece e saberia que estou mentindo. Não queria perder minha amiga. Nós crescemos juntas, Lu, e eu vou sentir muito a sua falta.

— Nós vamos continuar nos falando, amiga. Eu vou vir sempre na cidade, não vou sumir. Também vou sentir muito a sua falta, mas eu quero tentar, eu preciso tentar. Ele me faz bem demais, Ju! — Abraço-a.

Estamos as duas chorando agora. Se tem uma coisa que eu tenho certeza, é da falta que vou sentir desta doida que eu tanto amo.

— Torço muito por você, amiga! Muito mesmo! Quero que você seja muito feliz. Você merece.

— Seu apoio é muito importante para mim, Ju! Você vai me visitar na fazenda também. Lá é lindo, amiga!

— Claro que vou! Você acha que vai se livrar de mim assim tão fácil?

Fico conversando com ela mais um tempo. Quando nos despedimos, estou mais leve, mais animada ainda com esta mudança.

Capítulo vinte

Carlos Eduardo

— Assim que terminarem de limpar e guardar tudo, vocês podem ir. — Aviso ao encarregado.

Nem acredito que já está tudo pronto. Agora só falta terminar a organização da festa e a Luíza está chegando amanhã para acompanhar tudo. Ela ficou como responsável sobre estes detalhes para eu poder me concentrar na obra e contratação do pessoal.

Amanhã chega a equipe de médicos, pedagogos, professores, pessoal da limpeza, recepcionista e os outros funcionários que vão trabalhar no centro e na sexta chegam os do salão.

Vou para casa, pois preciso ver com a vó se tudo está pronto para quando a Luíza chegar amanhã. Ela vai trazer as coisas dela e da mãe para arrumar, e, no sábado, a dona Elizângela vem com a Juliana, Rosane e dona Dalva para a inauguração.

— Vó, onde a senhora está? — Chamo assim que entro em casa.

— Estou aqui nos fundos, Cadu.

Sigo para os fundos da casa para encontrá-la.

— Precisa de mais alguma coisa, vó?

— Não, meu filho. Já está tudo pronto. A jarra que você pediu está aqui. — Diz me mostrando onde está. — Só falta colocar as flores.

— Amanhã cedo eu colho e coloco antes dela chegar. Vamos descansar que esse fim de semana vai ser cansativo.

****

— Bom dia, Anjo. Como foi a viagem? — Beijo seus lábios.

— Bom dia, meu amor. Foi tudo bem. Agora vem a parte chata. Descarregar tudo.

— Deixa que eu resolvo isto. Vou pedir aos caras para levarem tudo para a sala. Depois você só organiza.

— Tudo bem. Deixe-me ver como estão as coisas então.

— Antes eu quero um beijo de verdade. — Beijo-a com vontade.

— Isto sim é recepção. — Dá-me um sorriso.

Mostro as obras do centro e do salão para ela e seguimos para o escritório. Ainda temos que resolver alguns detalhes da inauguração.

Assim que entramos, ela para e vira-se para mim.

— Esta mesa não estava aqui. — Para e olha em volta. — Você mudou o escritório todo também?

— Nós vamos trabalhar juntos aqui, Anjo. Aquela mesa era pequena e eu não queria colocar outra para você usar. Quero que fique pertinho de mim. — Puxo-a para um abraço e a beijo.

— Vamos começar a trabalhar, então. O que falta conferir?

— A obra acabou. Está tudo limpo e instalado. Os funcionários do centro chegam hoje à tarde e amanhã chegam os do salão para começar a arrumar. Quero tudo pronto. As luminárias que você pediu para colocar no caminho já estão no lugar. Agora só falta a parte da organização da festa. — Respondo.

— Liguei para a empresa responsável pelas bebidas e comidas ontem e está tudo certo. Agora é só fazer a ornamentação que ficou com o pessoal do salão mesmo. Eles chegam amanhã cedo?

— Combinaram de chegar às oito horas. Sua mãe vem cedo?

— Sim. Devem sair de casa às cinco horas. Não querem pegar trânsito e nem calor.

— Certo. O que você quer fazer agora? Colocar suas coisas aqui no escritório ou desfazer as malas?

— Desfazer as malas primeiro. Assim fica mais fácil para achar a bolsa que eu trouxe com as coisas daqui.

Passamos o dia terminando de organizar as coisas que faltam e recebendo o pessoal. No final do dia mostro como ficou o quarto e a sala que preparamos para ela e a dona Elizângela ficar.

— Está lindo, Edu! Não precisava mudar tudo, meu amor.

— Claro que precisava! Vocês duas merecem o melhor. Tenho que conquistar minha sogra. — Pisco para ela.

— Você já conquistou, seu bobo. Ela é apaixonada por você. Sempre diz que te conhece de algum lugar, mas não lembra de onde. Que você passa uma coisa boa para ela.

— E a filha dela, eu já conquistei?

— Deixe-me pensar. — Olha para o alto. — Preciso cheirar aquele arranjo lindo antes para ter certeza. — Diz enquanto pega o arranjo de flores do campo que colhi de manhã para ela.

— Sua danadinha. — Faço cócegas em sua cintura. — Gostou das flores? — Acena em acordo. — Elas me lembram você, Anjo. A felicidade que você trouxe de volta para a minha vida.

Puxo-a para os meus braços e nos perdemos um no outro. Escutamos uma batida na porta e nos separamos. Olho e vejo a vó Aurora parada com um sorriso enorme no rosto.

—Venham jantar os dois. Vocês ainda não pararam. Depois eu ajudo a arrumar as coisas.

****

— Bom dia, patrãozinho. Vejo que a Lu estava certa. A fazenda é linda. — A Juliana fala assim que desce do carro.

— Bom dia. Obrigado. Fizeram uma boa viagem?

— Tudo ótimo, Cadu. A fazenda mudou muito desde a última vez que eu estive aqui. — A Rosane fala enquanto olha ao redor.

— Você ainda não viu nada. Vamos entrar para vocês tomarem café que a vó Aurora está esperando. Depois eu mostro tudo a vocês.

Seguimos todos para a sala. Assim que entramos, vejo minha sogra parada em frente a um porta-retrato grande com uma foto minha com meus pais. Ela coloca as mãos na boca e se vira para mim.

— Eles são seus pais? — Ela questiona e eu aceno que sim com a cabeça. — Não acredito! Por isto que sempre achei que te conhecia de algum lugar e sentia esta coisa boa vindo de você. — Olha-me com um sorriso no rosto.

— Do quê a senhora está falando, mãe? A senhora conhecia os pais do Edu?

— Você não vai se lembrar, mas teve uma vez que seu pai e eu fomos almoçar naquele restaurante de sempre e, acabamos sentando juntos com outro casal. Um funcionário tinha cometido um erro e reservou a mesma mesa para duas pessoas.

— Tia, vem sentar. Já vi que esta história vai render.

A Juliana a leva para o sofá e todos nós sentamos para escutá-la.

— Eram seus pais, Carlos. — Fico parado olhando-a sem acreditar. — Nós conversamos durante o almoço. Eles falaram sobre você e nos mostraram uma foto sua. Era antiga e já faz uns oito anos, por isso não te reconheci logo. Nós combinamos de manter contato, mas depois de um tempo, quando eu liguei para o número que sua mãe me deu, a empregada que atendeu disse que eles haviam falecido. Na época eu ainda pensei em te procurar, ver se precisava de alguma coisa, mas ela disse que você tinha se mudado e, como você não nos conhecia, achei que não iria querer se aproximar de nós.

— Você não comentou nada comigo, Eliz. Talvez eu tivesse ligado os fatos. — Rosane diz.

— Nunca pensei que fossem seus patrões, Rosane. — Dona Elizângela olha-me outra vez, com um sorriso enorme no rosto. — Ainda não acredito. Nós queríamos apresentá-los. Seu pai e o Júlio ficaram rindo de nós duas. Olha agora onde nós estamos.

— Tia, a senhora bem que podia achar um boy para me apresentar também né?! Se a Lu deu sorte, eu posso dar também. — Juliana argumenta e caímos na risada.

— Juliana, quando você vai tomar jeito? Meu Deus do céu! O que eu fiz para merecer uma filha assim? — Dona Dalva fala e todos damos risada mais uma vez.

— O que foi que eu fiz? Só estou falando, ué. A tia quis apresentar o patrãozinho para a Lu e olha no que deu. Ele é um gato, tem dinheiro e está de quatro por ela. Eu quero isto tudo para mim também. Não estou pedindo nada de mais. É algum pecado?

Dona Dalva vai falar outra vez, mas a Luíza a corta.

— Deixa, tia. O Edu já sabe como esta doidinha é.

— Só quero ver se além de intuição de mãe, ela tem de tia também. Mas tem que caprichar, tia. Porque eu só estou achando coisa que não presta. De repente com a sua ajuda vem coisa melhor.

— O seu está a caminho, minha filha. É só você ter um pouco de paciência. — Dona Elizângela responde.

— Ui. Cheguei a me arrepiar toda. Se a tia falou, está falado.

— Esta garota não tem mais jeito, Dalvinha. Não adianta. — A Rosane fala e todos voltam a rir.

Tomamos café e o dia segue corrido com a arrumação da inauguração.

Agora estou parado na entrada do salão com a Luíza esperando os convidados. Os tios, a Aliane e o Marcelo chegaram antes do almoço.

— Ainda não acredito em como este mundo é pequeno. Quem diria que nossos pais se conheceram?

— Isto serviu para uma coisa. Agora eu tenho certeza que minha mãe te aprovaria. Ela estava até armando para nos apresentar.

— Já pensou? Fico imaginando a cena das duas combinando de nos apresentar.

Somos interrompidos pela recepcionista. Ela nos avisa que os convidados começaram a chegar.

— Pronto, meu amor? — Ela me pergunta enquanto endireita a minha gravata mais uma vez.

— Pronto. — Beijo seus lábios de leve e seguimos para a entrada.

Que comece esta nova etapa na nossa vida.

Capítulo vinte e um

Ana Luíza

— Está tudo lindo, Lu! Vocês arrasaram na organização, amiga.

— Eu estava tão nervosa, Ju! Com medo de não dar conta de tudo.

Sinto quando o Edu se aproxima, envolve minha cintura com seus braços e puxa-me para ele.

— Está tudo ótimo, Anjo! Relaxa. — Beija meu pescoço.

— Ei, vocês dois! Procurem um quarto.

— Agora não dá, Marcelo, mas pode ter certeza que eles vão fazer isso assim que terminar a festa. — A Ju pisca para mim.

— Lu, você está ferrada com estes dois.

— Já percebi isto, Ali.

— A cerimonialista que vocês contrataram é muito boa. Foi a equipe do salão que fez tudo aqui?

— Não, Ali. A parte de comida e bebida, pedi com uma firma que a minha mãe costumava contratar. Por enquanto ainda não coloquei este serviço aqui. Só o espaço com tudo o que precisa, como: garçons, seguranças, faxineiros, ornamentação e cerimonial. Tenho a intenção de completar a equipe ainda.

— Está muito bom, cara! De verdade! — O Marcelo fala.

— Senhor Carlos Eduardo, a cerimonialista pediu para avisar que já vai começar a exibição do vídeo de apresentação. — Uma funcionária do salão diz.

— Obrigado. — O Edu se vira para mim, segura a minha mão e continua: — Vamos, Anjo?

Seguimos todos juntos para as mesas onde minha mãe e as tias estão sentadas com os pais do Marcelo e a vó Aurora.

— Boa tarde a todos. Gostaria de chamar ao palco o senhor Carlos Eduardo para dar início à cerimônia de inauguração. — A cerimonialista diz. Todos aplaudem e o Edu se dirige

ao palco que foi montado no salão.

— Boa tarde. — O Edu diz assim que pega o microfone nas mãos. — Quero agradecer a presença de todos aqui. Há mais ou menos um ano, quando eu resolvi me mudar para esta fazenda, eu assisti um documentário sobre equoterapia. Aquilo prendeu minha atenção e eu não conseguia esquecer. Comecei a pesquisar mais sobre o assunto e fiquei bastante empolgado com o que descobri. Durante uma noite de insônia, resolvi cavalgar um pouco para me distrair e, passeando pela fazenda, percebi que, o que não me faltava, era espaço para colocar em prática tudo o que eu tinha visto na internet. Começou assim a minha busca por mais informações e por pessoas que estivessem a fim de entrar neste projeto comigo. Hoje, eu apresento a vocês, a equipe e as instalações do Centro de Reabilitação Recomeço.

Todos aplaudem e começa a exibição do vídeo. Vejo passar no telão as imagens de todas as instalações, incluindo os alojamentos e, no final, uma foto da equipe. Quando acaba, ele volta a falar.

— Quero chamar ao palco agora, a mais nova integrante desta equipe. Nossa administradora, Ana Luíza.

Olho para ele sem acreditar. Não esperava que ele fosse me chamar. Estou parada sem reação quando a Ju me empurra para o palco.

Subo e, quando paro ao lado dele, recebo um beijo casto nos lábios.

— Eu te amo, Anjo. — Sussurra colado aos meus lábios para que só eu o escute.

— Eu também, meu amor. — Respondo e nos viramos para frente.

Paramos próximos a faixa, ele coloca a tesoura na minha mão e, juntos, cortamos.

Descemos do palco e somos cercados. Todos querem parabenizar o Edu.

Ficamos uns trinta minutos falando com vários convidados quando escuto a voz de uma mulher chamar o Edu. Não reconheço, porém alguma coisa me diz que não vou gostar do que está por vir.

Sinto o Edu tenso ao meu lado. Ele aperta minha mão e quando nos viramos, a surpresa é dupla.

— Cadu, meu querido, quanto tempo? Saudades da sua priminha? — Uma mulher, com mais ou menos a nossa idade, loira, olhos claros e um ar de superioridade, está parada ao lado do Guilherme.

Não acredito nisto.

— Veja só como este mundo é pequeno. Eu conheci a Patrícia em Roma há alguns anos e nos reencontramos semana passada. Qual não foi a minha surpresa quando descobri que ela é sua prima, Carlos Eduardo. — O Guilherme fala com deboche.

— Eu vou falar bem devagar para vocês dois entenderem. Quero os dois fora daqui agora. A menos que queiram sair escoltados por seguranças. — O Edu tenta, sem muito sucesso, controlar a raiva em sua voz.

— Vai querer fazer uma cena na inauguração do seu centro, priminho? Os tios te ensinaram melhor do que isso.

Vejo a Ju, a Ali e o Marcelo parados ao nosso lado.

— Pelo que eu vejo, vão querer do jeito difícil. — Digo e pego o comunicador para chamar os seguranças.

— Deixa, Anjo, eles não vão demorar. Fala logo, o que vocês dois querem aqui?

— Por que a pressa? Não vai nem me apresentar a sua namoradinha?

— Lu, se você quiser eu tiro esta biscate daqui pelos cabelos. — A Ju fala e vai em direção a ela.

— Não precisa, Juliana. Vocês três podem nos deixar a sós.

— Tem certeza, Cadu? — O Marcelo fala e dá um passo a frente.

— Tenho sim, Marcelo. — Fala sem desviar o olhar deles dois e entramos no escritório do salão com o Guilherme e a Patrícia. — Abre logo o jogo os dois. O que vocês querem aqui?

— Viemos conferir a inauguração. Centro de reabilitação, priminho? Você é patético. Tanta coisa para você gastar dinheiro, vai querer ajudar um monte de aleijados e retardados?

Não sei se vou conseguir me segurar durante muito tempo. Esta vagabunda está me tirando do sério.

— O dinheiro é meu, Patrícia! Eu gasto como bem entender. Posso te garantir que você não vai ver um centavo dele. Agora você, seu merda, está fazendo o quê aqui?

— Vim para acompanhar a minha namorada. Ao contrário de você, caipira, eu evoluí.

O Cadu avança no pescoço dele e o levanta, imprensando-o na parede próxima.

— Escuta aqui, seu filho da puta, você pode falar o que quiser de mim, mas se abrir esta boca mais uma vez para falar o que seja da minha mulher, eu acabo com a sua raça.

— Sua mulher? Ela ainda é tão ruim de cama como era? Eu tinha que me forçar a transar com ela.

Não tenho nem tempo de responder e o Edu já está dando socos em seu rosto e estômago. O Guilherme não consegue revidar e acaba caído no chão.

Vejo a Patrícia tentar sair do escritório e seguro seu braço.

— Onde você pensa que vai, sua piranha? Agora é a minha vez. — Digo e dou um tapa em seu rosto. — Este é por você ter tentado drogar o Edu. — Mais um. — Este por você tratar o Marcelo como fazia. — Outro. — Por ter a cara de pau de aparecer aqui hoje.

A porta abre e o Marcelo entra acompanhado da Ali e da Ju.

— Deixa comigo agora, Cadu. — O Marcelo fala enquanto afasta o Edu do Guilherme. Levanta-o do chão e vira seu braço para trás para segurá-lo.

— Será que a sua namorada te contou que tentou me dopar para dar o golpe da barriga em mim, seu verme? — O Edu fala e sua voz transborda de raiva. — Acho que ela se esqueceu do aviso que dei. Vai ser ótimo para os dois se eu for à imprensa e contar o porquê de o nosso namoro ter acabado anos atrás, Patrícia.

Ela fica pálida ao meu lado.

— Vocês dois se merecem. — Digo.

— O pai dele está aqui, Cadu. A Juliana mostrou-me. Ele era conhecido do seu pai. — O Marcelo fala e agora é o Guilherme quem empalidece.

— Ótimo! Talvez eu tenha uma conversa com ele. — O Edu fala. — Eu te avisei, seu merda, para não se aproximar da Luíza outra vez, ou eu acabava com você.

— Onde está a sua pose agora, Guilherme? Seu ar de superior? Está com o rabinho entre as pernas, babaca. — A Ju fala e começa a rir.

— Marcelo, chama os seguranças, por favor. Manda tirar esses dois daqui, porque eu não quero mais olhar para a cara deles.

O Marcelo vai fazer o que o Edu pediu e volta logo depois, acompanhado de dois seguranças.

— São estes dois aqui. Acompanhem a dupla até a saída da fazenda.

— Espero não ver mais nenhum dos dois, ou vou fazer questão de acabar com vocês.

O Guilherme e a Patrícia saem da sala, com os seguranças escoltando-os e, eu corro para perto do Edu.

Jogo meus braços em seu pescoço e o abraço apertado. O nervoso dos últimos minutos bate e começo a chorar.

— Shiiii. Calma, Anjo! Acabou! — Aperta-me em seus braços. — Desculpa por perder a cabeça, mas, quando ele começou a falar de você, não me segurei.

— O patrãozinho acabou com o Guilherme. Parecia luta de MMA. — A Ju fala e finge dar socos no ar. — Você também, Lu. Quem te viu e quem te vê. Nunca pensei que fosse assistir uma cena dessa.

— Ela conseguiu me tirar do sério. — Respondo.

— Bom, já acabou. Vamos voltar para a festa agora ou podem estranhar a sua ausência, Cadu. — O Marcelo fala e todos concordam.

A Ju, a Ali e o Marcelo saem e eu me viro para o Cadu.

— Não acredito que esses dois estão juntos.

— Esquece eles, Anjo. Acabou. — Abraça-me apertado e ficamos assim até que escuto a voz da Ju.

— Meu Deus do céu! Vocês dois tinham o dedo podre! Difícil saber qual ex é pior. — A Ju fala. Ela está parada na porta e nos espera para sairmos juntos.

A festa segue sem mais nenhum problema e é um sucesso. Todos elogiam muito a infraestrutura do centro e do salão também.

Os últimos convidados se despedem. Agora só restaram nossos amigos e familiares.

— Estava tudo muito bonito, Cadu. Já estou vendo o sucesso que vai ser. — A tia Nilza fala com orgulho.

— Obrigado, tia. Por que vocês não vão descansar? Já está tarde e vocês estão desde cedo ajudando.

— Também já vamos. Lu, hoje eu durmo com a sua mãe. — Tia Rosane impõe.

— Não precisa, tia.

— Eu quero, minha filha. Já que vocês dois roubaram minha amiga, é o mínimo que podem fazer. Boa noite.

— Boa noite. — Respondemos.

Ela se afasta com minha mãe, tia Dalva, os tios e a vó Aurora.

— Bom, eu vou dormir com a minha mãe. Acho que o Marcelo e o Carlos vão precisar ficar no mesmo quarto, assim como a Ali e a Lu. Que pena! — A Ju fala enquanto sacode as sobrancelhas com deboche.

— Dormir na mesma cama que ele? Você está maluca. Vou dormir com a minha namorada. Vem Ali, antes que a gente fique sem quarto. — O Marcelo fala já puxando a Ali para a casa.

Começamos a rir e vamos todos dormir. Hoje o dia foi longo.

Capítulo vinte e dois

Carlos Eduardo

— Bom dia. — Digo assim que entro na sala de casa, junto com a Luíza, e encontro com todos sentados para tomar café da manhã.

— Bom dia, casal vinte. Dormiram bem? — A Juliana pergunta com um sorriso de canto.

— Pronto! Ela hoje começou cedo. — Dona Dalva fala e olha séria para a filha.

— O que eu fiz agora? Não posso mais ser educada? — Faz cara de ofendida.

— Deixa, tia. É mais forte que ela. — A Luíza fala ao meu lado.

A Juliana faz careta para ela e começamos a tomar nosso café.

Resolvemos fazer um churrasco para o almoço, já que todos vão passar o domingo aqui na fazenda. As mulheres vão para a cozinha preparar os acompanhamentos, enquanto o tio Edmundo, o Marcelo e eu, ficamos encarregados de preparar as carnes e coloca-las na churrasqueira.

— Está feliz, meu filho? — O tio Edmundo pergunta-me enquanto estamos cortando os bifes.

— Estou sim. Como há muito tempo não ficava, tio. Abri o centro que eu queria, convenci a mulher que eu amo de trabalhar nele e, de quebra, ainda a trouxe para morar comigo.

— Morar com você não, Cadu. Ela não vai ficar naquela parte lá de trás? — O Marcelo pergunta.

— Vai sim, mas não deixa de ser na minha casa, cara. Isso é uma questão de tempo, também. Eu vou convencê-la a subir para o meu quarto. Quero casar com ela e, só não peço hoje mesmo, porque tenho medo de assusta-la. Prefiro ir com calma.

— Você está certo, filho. Vocês são novos, ainda têm muito tempo pela frente. Podem fazer as coisas com calma.

— Porra! Então eu vou demorar a ter meus sobrinhos? Ah não, cara. Você era minha esperança para a minha mãe parar de me pedir netos. — O Marcelo fala e leva um tapa na nuca do tio Edmundo. — Droga, pai!

— Não tente passar as suas responsabilidades para o Cadu, rapaz. Você também está namorando. Há mais tempo que ele, por sinal.

— Bem feito, idiota. — Digo e caio na gargalhada.

— O que elas vão fazer com a casa? Vão vender ou alugar? — O tio pergunta.

— Elas vão deixar fechada, por enquanto. A Luíza prefere esperar um pouco, para ver se a mãe vai se acostumar aqui, antes de tomar alguma decisão definitiva. Qualquer coisa elas alugam depois.

Cerca de dez minutos mais tarde, elas vêm da cozinha com as comidas e colocam na mesa que arrumamos próxima a churrasqueira.

Aproximo-me da Luíza e beijo seus lábios. Não consigo ficar muito tempo sem tocá-la.

Vejo o Marcelo e a Juliana conversando e rindo, olhando para nós dois. Tenho certeza que eles vão aprontar alguma. Ele sozinho já adora me zoar, quando se junta com a Juliana, então, fica pior ainda.

— Mãe, a senhora ainda tem aqueles babadores que o Cadu e eu usávamos quando éramos bebês? — O Marcelo pergunta sério.

— Para quê, meu filho? — A tia Nilza pergunta sem entender.

— Para o Cadu usar, mãe.

— Babador não, Marcelo. Vai ser muito pequeno. Tem que ser um lençol mesmo, porque do jeito que ele baba em cima da Lu, babador não vai dar nem para o começo. — A Juliana fala e os dois começam a rir.

— Vou arrumar um para você também. Ou você acha que fica muito diferente olhando para a Aliane? — A tia Nilza fala.

— É melhor você parar de tentar me zoar por hoje, Marcelo. A coisa não está boa para o seu lado. — Digo e todos caem na risada.

Almoçamos em meio a brincadeiras e, no final da tarde, chega um funcionário da fazenda me chamando.

— Aconteceu alguma coisa, Luiz? — Pergunto assim que me aproximo dele.

— Tem uma garota querendo falar com você.

— Garota? Ela disse o nome?

— Não. Ela chegou procurando o dono da fazenda. É nova, parece estar assustada e está muito suja também.

— Onde ela está?

— Aqui. — Escuto uma voz falar atrás de mim.

Viro-me e encontro uma garota, por volta de dezoito anos, com a roupa toda suja, olhando para todos os lados e, com as mãos entrelaçadas na frente do corpo, tremendo muito.

Todos estão olhando para ela sem entender o que está acontecendo. O Luiz se afasta, a Luíza vem para o meu lado e pergunta: — O que aconteceu, meu amor?

— Vamos descobrir agora. — Respondo a Luíza e me viro para a garota. — Desculpa, eu te conheço? — Ela acena com a cabeça negando. — Vamos nos sentar para conversar. — Aponto para as cadeiras atrás de nós e seguimos para lá.

— Fique calma, ok? — A Luíza tenta a acalmar. — Agora nos conte, o que aconteceu? Qual o seu nome?

— Meu nome é Joana, eu vim de outra cidade. Quero saber se vocês têm um emprego para mim. Eu faço qualquer tipo de serviço que vocês quiserem. Faxina, tratar dos bichos, o que for. Só preciso trabalhar.

— Cadê a sua família? Você veio sozinha? — Assim que pergunto, percebo que ela fica mais tensa ainda e não fala mais nada. Levanta-se do nada e fala:

— Tenho que ir embora. — Vira-se para sair.

— Calma. — A Juliana fala e a segura pelo braço. Ela se encolhe e tenta se afastar. — Eu não vou te machucar, ok? — Diz e a solta. — Pessoal, que tal se vocês forem lá para dentro um pouco?

Eles vão para a casa e ficamos a Juliana, a Luíza e eu com ela do lado de fora e voltamos a nos sentar.

— Agora você pode falar com calma, tudo bem? Só queremos entender o que está acontecendo para te ajudar. — A Luíza fala sentada ao meu lado. — Você pode confiar em nós.

Percebo que ela me olha com certo receio.

— Você prefere que eu saia para poder falar? — Pergunto.

A Luíza aperta minha mão, demonstrando concordar com a minha ideia. Ela olha para as

nossas mãos juntas.

— Não precisa. — Diz e começa a contar. — Eu saí de casa. Agora eu preciso de um lugar para ficar e de um trabalho. Escutei falarem, em uma mercearia aqui da cidade, que inaugurou alguma coisa aqui na fazenda ontem, e resolvi tentar.

— Por que você saiu de casa? — Ela acena novamente que não com a cabeça. — Eu preciso que você seja sincera comigo se quer que eu te ajude.

— Você pode confiar nele. Se tiver alguém que pode te ajudar, este alguém é o patrãozinho aqui. — A Juliana fala brincando, na intenção de amenizar o clima.

— Tudo bem. Eu saí de casa para fugir do meu padrasto. Minha mãe casou com ele quando eu tinha dez anos e, desde então, a minha vida virou um inferno. Ele só sabe beber e toda vez que chega em casa acaba me batendo.

— Você contou para a sua mãe? — A Luíza pergunta.

A garota ri sem humor e responde: — Várias vezes. Isso quando ela mesma não via quando acontecia.

— Ela não fez nada? Não o mandou embora? — É a vez da Juliana indagar.

— Não. Ainda dizia que eu era a culpada por não tentar agradá-lo. Agradá-lo seria aceitar que ele me violentasse. Como eu nunca permiti que ele me tocasse, ele fazia queixa para ela. Dizia que eu não o respeitava. Começou a inventar que eu estava me envolvendo com os meninos da nossa rua.

— Chega. Você não precisa dizer mais nada. Se o patrãozinho aqui não tiver nenhum serviço para você, eu te levo comigo para a cidade hoje mesmo. Você fica lá em casa conosco e depois nós arranjamos um serviço para você. Lá vai ser mais fácil.

— Não vai ser preciso, Juliana. Eu já sei o que ela pode fazer. — Digo. — Ela pode ficar aqui em casa ajudando a vó Aurora. Estou há muito tempo falando que ela precisa de alguém para ajudar no serviço e ela nunca aceita. Assim não vai ter como dizer não. Eu só tenho uma preocupação. Eles vão te procurar? Corremos o risco de eles aparecerem aqui?

— Eles não têm a mínima noção para onde eu fui. O senhor não precisa se preocupar que eu não vou lhe trazer problemas.

— Minha preocupação não é essa e sim com a sua segurança.

— Vem. Nós vamos arrumar algumas roupas para você tomar um banho. Acho que nós três vestimos o mesmo número. Depois vamos ver alguma coisa para você comer também. — A Juliana fala e levanta puxando-a pela mão para a casa.

Ela para, vira-se para mim e para a Luíza que estamos logo atrás e diz:

— Muito obrigada. Vocês não vão se arrepender.

Como eu esperava, assim que eu contei para a vó Aurora a história dela, ela aceitou que eu a contratasse. Não sem antes reclamar um pouco.

— Você está querendo me deixar de lado, menino?

— Não, vó, a senhora precisa diminuir o ritmo. Eu venho falando isso há muito tempo já. Eu sei que não vai querer parar, mas ela vai fazer o serviço mais pesado. A senhora pode cuidar da cozinha. Sempre foi a sua parte favorita mesmo.

— Tudo bem. Eu sei que esta menina precisa de um trabalho, mas só aceito se eu cuidar da comida de todos, até dos funcionários do Centro também.

— A senhora vai acostumar aquele povo mal, vó. Eles não vão querer mais a comida de ninguém.

As mulheres estão todas juntas no quarto em que a Juliana estava para arranjar algumas roupas para a Joana. A Luíza separou algumas peças e a Juliana resolveu deixar quase todas as suas para ela também. Ela é meio doidinha, mas é uma pessoa excelente.

****

Depois da agitação da tarde, todos voltam para a cidade com a exceção da Luíza e da dona Elizângela que agora moram aqui. Ainda não acredito que vou ter a Luíza comigo todos os dias.

A Joana ficou no alojamento junto com os outros funcionários da fazenda e do centro. A vó Aurora deu algumas roupas de cama, produtos de higiene, entre outras coisas que ela iria precisar e as esposas de alguns funcionários a ajudaram também. Fizeram com que ela se sentisse em casa.

Estamos a Luíza e eu na sala deitados no sofá um pouco, depois que todos foram deitar.

— Ainda bem que este dia está acabando. — Ela fala deitada no meu peito.

— O dia hoje foi agitado mesmo. Vamos focar nas coisas boas que é o melhor que fazemos, Anjo.

— Você está certo, meu amor. A inauguração foi um sucesso, estava tudo perfeito. Confesso que eu estava com medo de dar alguma coisa errada.

— Eu tinha certeza que você iria conseguir. Agora vem aqui, vamos namorar um pouco

para tirar esta tensão do dia.

Puxo-a mais para mim e a beijo. Começo de forma calma e vou aprofundando o beijo aos poucos, quando dou por mim, estou deitado sobre ela que tenta tirar a minha camisa.

Afasto nossos lábios o suficiente para falar.

— Vem comigo para o meu quarto, Anjo? — Vejo que está pensando e sei que é por causa da sua mãe. — Só um pouco, eu preciso de você.

Ela concorda e subimos para o meu quarto. Preciso da minha dose diária dela ou não vou conseguir dormir.

Capítulo vinte e três

Ana Luíza

Estou no escritório com o Edu quando a minha mãe e a vó Aurora entram.

— Aconteceu alguma coisa? — Pergunto preocupada. — Sempre chamo as duas para virem aqui, mas vocês nunca aparecem.

— Só viemos falar com vocês, minha filha. — Minha mãe fala e senta-se ao lado da vó, nas cadeiras, de frente para a minha mesa.

— Falar o quê? — O Edu pergunta.

— Que nós fizemos algumas mudanças na casa. Quem vai dormir comigo agora é a Aurora.

— Como assim, mãe? Eu não entendi.

— Vocês não estão querendo que eu pare de trabalhar? — Vó Aurora fala. — Pois bem. Resolvi que, se eu não posso mais trabalhar, também não posso mais ficar subindo escadas. Mudei minhas coisas para o quarto onde a Elizângela está e coloquei as coisas da Luíza no quarto do Cadu. Assim, fica mais fácil para todo mundo. Eu não subo mais escadas e você não precisa mais ficar se esgueirando pelo corredor durante a noite.

Olho para o Edu para pedir ajuda, mas ele está tão surpreso quanto eu. Só nós mesmos para acharmos que iríamos conseguir esconder alguma coisa dessas duas.

— Vó, mas eu não posso dormir no quarto do Edu. Eu vou ficar com a minha mãe. E se ela precisar de ajuda durante a noite?

— Eu não sou nenhuma inválida, menina. Posso muito bem me virar sozinha. Além disso, se eu precisar de alguma coisa, a Aurora vai estar lá comigo.

— Mas ... — Tento falar, mas elas não deixam.

— Mas, nada. Já arrumamos as suas coisas no quarto dele e as minhas no quarto de baixo. Os rapazes trocaram as camas, agora temos duas de solteiro. Está tudo certo. — Vó Aurora fala.

— Eu acho melhor você lembrar o que nós combinamos antes de vir para cá, Ana Luíza. Eu te avisei que não queria você atrás de mim o tempo todo, que era para você viver a sua vida ou eu voltaria para a cidade. — Minha mãe diz séria. — A Aurora e eu vamos ficar naquele

quarto, vai ser mais fácil para nós duas, e não se fala mais nisso, está me ouvindo?

— Vocês podiam ter falado antes, pelo menos. — O Edu fala e completa. — Eu teria ajudado. Aposto que vocês fizeram as mudanças praticamente sozinhas. Só devem ter pedido ajuda para trocar as camas.

— Edu! Ao invés de me ajudar, você se junta a elas?

— Você sabe que quando a vó coloca alguma coisa na cabeça não tem jeito e, pelo que vejo, minha sogra é igual. Confesso que eu gostei da ideia também, Anjo.

— Eu estou bem, filha! O tratamento ajuda-me bastante. Você tem que parar de se preocupar tanto comigo, meu amor.

— Eu tenho outra escolha? — Minha mãe e a vó Aurora acenam a cabeça negando. — Ok. — Mesmo contrariada eu concordo.

Escuto uma batida na porta. Minha mãe e a Vó Aurora levantam-se para sair e o Edu pede, para quem bateu, que entre.

— Boa tarde. Tem uma senhora aguardando para falar com os senhores. — O Luiz fala.

— Pede para que entre, Luiz. — Ele acena em acordo e vira-se para chamar a pessoa.

Já passou um mês da inauguração e cada dia chegam mais pessoas procurando os serviços do Centro. Com a divulgação do Centro e do salão de festas, aumentou a procura para o Haras também.

Acabamos contratando a mãe de um paciente como cozinheira. Ela chegou aqui sozinha com o filho que tem síndrome de Down. Contou-nos que foi abandonada pelo pai do menino logo no começo da gravidez e estava desempregada. Assim que ela preparou uma refeição, nós a contratamos.

Durante a semana ela fica responsável pela comida dos funcionários do Centro e do Haras e nos finais de semana ela cuida do cardápio do salão. A vó Aurora continua responsável pela cozinha da casa, já que não aceita ficar parada.

— Boa tarde. — Uma mulher que aparenta ter mais ou menos cinquenta anos, bem vestida, nos cumprimenta assim que entra na sala. Respondemos o cumprimento e eu aceno para que sente. Ela continua: — Meu nome é Carolina, sou diretora do orfanato aqui da cidade. Eu assisti a reportagem sobre o Centro de Reabilitação na televisão e vim me informar como funciona, pois estou com uma criança com TEA, o Transtorno do Espectro Autista, no orfanato.

— Ele tem quantos anos? — Pergunto.

— O Alexandre está com quatro anos agora.

— Alexandre? — O Edu pergunta ao meu lado e aperta minha mão. A mulher acena com a cabeça que sim e ele diz: — Conte-nos mais sobre este menino.

— Certo. O Alexandre chegou para nós com um ano e meio. Seus pais tinham falecido vitimas de um assalto e ninguém sabe o que aconteceu direito. — O Edu levanta da cadeira e acaba a derrubando.

Levanto-me e seguro sua mão na minha. Ele olha-me, respira fundo e fala:

— Desculpe-me. Eu também perdi meus pais por causa de um assalto. — Suspira e completa: — Pode continuar.

— Sinto muito. — Ela fala e recomeça a nos contar. — Ele foi encontrado por uma senhora, que era vizinha de seus pais, chorando no berço. Eles sempre o deixavam com ela para poder ir trabalhar, já que ele ainda não estava em uma creche. Ela estranhou que estavam atrasados e foi verificar. Como não tinha parentes vivos, ele foi levado para nós. Essa senhora disse que eles já tinham notado alguns sintomas nele, mas não tiveram tempo de confirmar. Ele foi diagnosticado com TEA, a cerca de um ano. Ele tem o que chamam de Autismo de alto desempenho, que era chamada de síndrome de Asperger.

— Nós vamos fazer o tratamento dele. Nem que eu mesmo precise ir buscá-lo todos os dias no orfanato. Se ficar melhor para vocês, também temos os alojamentos, ele pode ficar aqui mesmo. — o Edu afirma.

— A senhora gostaria de conhecer as instalações do Centro? — Pergunto e ela concorda.

Seguimos nós três para o Centro.

— Esses são o Rafael e o Gabriel. Os dois foram nossos primeiros pacientes com TEA do Centro. Eles têm o mesmo tipo que o Alexandre. — Digo quando nos aproximamos da área de atividades.

— Além deles, temos pacientes com síndrome de Down, paralisia cerebral, deficiência visual, estresse, TDAH que é o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade, pessoas que sofreram derrames, idosos, entre outros. — O Edu explica para ela.

— Temos uma equipe multifuncional, com atuação interdisciplinar. Ela é composta de fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, psicólogo, fonoaudiólogo, médicos orientadores, professor de educação física, pedagogo, equitador, entre outros profissionais. — Completo.

— Eu não tinha noção que a equoterapia era indicada para tanta coisa. Se eu não tivesse assistido a reportagem, nunca teria procurado vocês. — A Carolina fala enquanto olha em volta. — Ele não vai poder ficar direto aqui no alojamento, eu não tenho certeza se consigo a

autorização do governo. Mas posso pedir a um funcionário do orfanato que o acompanhe.

— Eu mantenho a minha oferta de buscá-lo no orfanato. A senhora não precisa se preocupar com nada disso. — O Edu diz e seguimos de volta para o escritório.

O restante do dia passa corrido, com várias ligações e visitas para saber do funcionamento do Centro. Acredito que não irá demorar muito para que forme uma fila de espera de pessoas que querem e precisam ser atendidas no centro.

Acabamos de jantar e seguimos para o nosso quarto. Ainda não acredito no que aquelas duas fizeram.

— Eu preciso comprar um presente para a vó e para a minha sogra. — O Edu diz assim que entramos no nosso quarto. O questiono com o olhar. — Para agradecer por você está aqui comigo. Por ter você todas as noites nos meus braços.

— Eu vinha aqui todas as noites, Edu.

— Sim, mas nunca ficava, Anjo. Agora eu vou poder dormir e acordar agarradinho com você todos os dias.

Puxa-me para mais perto e me beija. Encerra o contato com beijinhos suaves em meus lábios e encosta sua testa na minha.

— Você está com aquele menino na cabeça, não é? — Pergunto.

— Não adianta eu negar, pois você já me conhece. É muita coincidência, Anjo. Ele tem o nome do meu pai e perdeu os dele em um assalto igual a mim. Por mais que tente parar de pensar sobre isso, eu não consigo.

— Eu também não consigo, meu amor, mas agora você tem que esperar. Ela ficou de avisar assim que estiver com tudo certo. Vamos torcer para que não demore muito.

— Tomara. Eu não vejo a hora de conhecê-lo.

— Eu também. Agora, vem aqui que eu vou te fazer relaxar.

****

Acordo no dia seguinte sozinha no quarto. Levanto e vou ao banheiro, mas não encontro o Edu. Faço minha higiene e desço para procurá-lo. Ele está na cozinha, encostado no balcão da pia, com uma caneca de café na mão.

— Bom dia, meu amor. Caiu da cama? — Pergunto enquanto o abraço.

— Não consegui dormir mais e resolvi levantar para não te acordar.

— Você não pode ficar assim, meu amor.

— Eu sei, Anjo, mas por mais que eu tente, não consigo tira-lo da cabeça. Parece loucura, até ontem eu nem sabia da existência dele, ainda nem o conheço e agora não penso em outra coisa. Estou pensando em ir ao orfanato para conhecê-lo.

— Meu amor, olha para mim. — Digo e seguro seu rosto. — Vai com calma, ok? Nós ainda não sabemos se ela vai conseguir que ele venha fazer o tratamento. Eu te conheço, se você for ao orfanato, vai querer conversar com ele. Vamos esperar estar tudo certo, vai ser melhor.

— Você tem razão, Anjo. Eu vou trabalhar para me distrair. A menos que você tenha uma ideia melhor. — Diz e dá um sorriso de canto.

— Eu até tinha, mas fui abandonada sozinha na cama. — Falo só para fazer um charme.

— Não seja por isso. — Carrega-me pela escada, me levando para o nosso quarto.

****

Já tem uma semana que o Edu está essa pilha de nervos esperando que a Carolina nos ligue. Estamos no escritório e percebo que ele não está prestando atenção em nada do que está fazendo.

Paro a sua frente, tiro o jornal de sua mão e me sento na mesa.

— O que foi, Anjo? — Pergunta-me.

Não respondo. Beijo seus lábios e puxo seu corpo para mais perto do meu. Não demora e ele assume o controle, colocando-me em seu colo. Passa as mãos em minhas pernas por baixo do vestido enquanto eu coloco as minhas por dentro de sua blusa. Arranho suas costas e ele geme em minha boca.

Sei que precisamos parar, pois pode entrar alguém, mas não faço nada para que isso aconteça. Eu quero que ele relaxe um pouco.

O telefone toca e eu paro o nosso beijo para atender. Ele tenta me puxar de volta, mas eu me afasto.

— Tenho que atender, Edu. Pode ser importante.

— Nada é mais importante do que ficar com você, Anjo.

Dou mais um beijo nos seus lábios, levanto-me do seu colo e pego o telefone para atender.

— Bom dia. Aqui quem fala é a Carolina, diretora do orfanato. Não sei se você se lembra de mim. — Diz assim que atendo.

— Bom dia. Claro, lembro, sim. Em que posso ajudá-la? — Tento fazer com que o Edu não perceba quem é.

— Eu estou ligando para saber se ainda está valendo a proposta sobre o tratamento para o Alexandre, pois eu já consegui a autorização para a ida dele.

— Com certeza, está sim! A senhora precisa que envie alguém para buscá-lo? — O Edu logo percebe com quem eu estou falando.

— Diga a ela que eu vou buscá-lo agora mesmo. — Faço sinal para que espere. Coloco o telefone no viva-voz para que ele escute também.

— Não precisa. Eu vou levá-lo junto com o funcionário que irá sempre com ele. Só quero saber o dia e a hora que podemos começar.

— Assim que a senhora chegar aqui com ele. — O Cadu responde sem nem me dar tempo de falar.

Conversamos mais um pouco para combinarmos tudo e desligamos a ligação.

Ele me levanta do chão e roda comigo, com um sorriso enorme no rosto.

— Seu doido, o que você está fazendo? Nós vamos cair!

— Eu nunca deixaria você cair, Anjo. Só estou feliz.

— Vamos com calma, lembra? — Tenho medo de que alguma coisa saia errada e ele se magoe.

— Pode deixar. Eu não sei explicar, Anjo, mas eu acho que esse menino vai mudar a nossa vida de alguma forma. Vamos! Nós temos que organizar tudo para quando ele chegar.

Capítulo vinte e quatro

Carlos Eduardo

— Muito bem, rapazinho! O seu desenho está ótimo. — Digo ao Alexandre.

Hoje faz dois meses que ele está fazendo o tratamento aqui no Centro. Nesse tempo, eu acabei me aproximando mais dele e estou cada dia mais apegado a esse menino.

— Edu, está na hora de levá-lo para o orfanato. — A Luíza fala assim que entra na sala em que estamos.

— Já vamos, Anjo. — Viro-me para o Marcelo — Vai comigo, cara?

Ele veio passar o fim de semana aqui na fazenda com a Ali e os tios. A Ali está lá em casa com a vó Aurora aprendendo um prato que o Marcelo sempre adorou e o expulsou de lá.

— Claro! Isso se este rapazinho aqui deixar. — O Marcelo diz apontando para o Alexandre.

— Você deixa este tio aqui ir levar você comigo? — Pergunto a ele que acena com a cabeça em acordo sem deixar de desenhar em momento algum.

Saímos os quatro da sala e seguimos para o orfanato.

— O tio já vai, tudo bem? Promete que vai se comportar? — Falo despedindo-me.

Ele acena mais uma vez em acordo. Apesar de saber falar, ele não o faz com frequência.

O Alexandre é um garoto bem esperto. Monta quebra-cabeças com rapidez para a idade dele e adora brincar com peças de encaixe, sempre deixando as cores e quantidades iguais. Mas, algumas vezes, ele fica mais agitado, um pouco agressivo até, principalmente quando é contrariado.

Ele também tem dificuldade de compreender os sentimentos de outras pessoas, não consegue entender um olhar, por exemplo. Além disso, não tem o costume de demonstrar o que está sentindo também.

— A tia aqui não merece um beijo? — A Luíza pergunta para o Alexandre.

Ele aproxima-se dela, dá um beijo em seu rosto e se afasta outra vez.

— Se precisar de alguma coisa me liga, ok?

Digo para a Carolina, nos despedimos deles dois e seguimos para o meu carro.

— Ele parece gostar bastante de você, Cadu. — O Marcelo fala enquanto estamos no carro a caminho da fazenda.

— A recíproca é verdadeira, Marcelo. Esses dois não se desgrudam mais. — A Luíza fala ao meu lado. — Desde que o Alexandre começou a fazer o tratamento no Centro, o Edu não sai de lá.

— Ela fala de mim, mas também não desgruda dele, cara. Quem foi que ganhou beijo na hora de vir embora? A Carolina já disse que ele quase não faz isso. Ela é uma das únicas pessoas que ele beija.

— Dá gosto de ver vocês dois com ele. Está na cara que são loucos por aquele rapazinho.

— Ele me conquistou, Marcelo, desde o primeiro dia. Na verdade, antes mesmo de conhecê-lo pessoalmente. — Digo. — Não sei se por causa da história dele, do nome, não sei dizer, cara. A única coisa que eu posso te garantir, é que eu já amo aquele moleque.

Chegamos em casa e encontramos todos na cozinha preparando a mesa para o jantar.

— Chegaram na hora. A Ali acabou agora de fazer a galinhada. — A vó Aurora diz assim que entramos.

— Está com uma cara deliciosa, Linda! — O Marcelo fala para a Ali que sorri toda boba.

Estamos todos sentados na sala conversando depois do jantar quando o meu celular toca. Pego para atender e, quando olho para ver quem é, vejo o número do orfanato.

— É do orfanato. — Falo com a Luíza.

— Será que aconteceu alguma coisa? Elas nunca ligam! Muito menos tarde deste jeito. — A Luíza me diz. Atendo a ligação preocupado.

— Boa noite. Aconteceu alguma coisa, Carolina?

— É o Alexandre, Carlos. Ele está com uma febre alta. Estou levando-o para o hospital próximo daqui.

— Como ele está? — A Luíza se levanta e vem para o meu lado enquanto escuto a Carolina me responder que o ele está bem debilitado. — Vou sair de casa e te encontro lá daqui a pouco. — Desligo. — Era a Carolina mesmo. O Alexandre está com febre alta. Ela vai levá-lo para o hospital próximo ao orfanato. Vou encontrar com eles lá.

— Mas ele estava bem até ainda agora. Eu vou com você, amor. — A Luíza fala e pega a

bolsa que deixou no aparador quando chegou.

Escuto os outros falando comigo, mas não entendo nada. Minha cabeça está naquele menino.

— Não pode acontecer nada com ele, Anjo. Esse menino já passou por coisas demais. — Acelero mais o carro. Não quero demorar a chegar.

— Amor, vai com calma. Desse jeito você vai precisar de atendimento também e isso não vai ajudá-lo em nada.

— Eu sei, Anjo, mas estou muito preocupado com ele.

— Eu também, mas quero chegar ao hospital inteira para poder vê-lo.

— Desculpa. — Digo e diminuo a velocidade. Pego sua mão e beijo seus dedos. Estou tão nervoso que acabei esquecendo que ela não gosta de andar em velocidade alta.

Chegamos ao hospital e logo avisto a Carolina. Corro para perto dela e pergunto:

— Onde ele está? Já foi atendido?

— Eles o levaram para uma sala lá dentro. A Roberta está lá com ele. — A Carolina diz.

— Eu vou tentar descobrir alguma coisa. — Vou em direção ao corredor em que ficam os consultórios. — Boa noite. Você sabe me informar onde está um menino que entrou a pouco com febre alta? O nome dele é Alexandre. — Pergunto a uma enfermeira que passa por mim e pela Luíza que veio junto comigo para procurá-lo.

— Ele está neste consultório. — Aponta para a porta atrás dela.

Quando vou bater na porta, escuto o choro dele e entro sem esperar que me autorizem.

Assim que me vê, ele para de chorar e vem para perto de mim.

— Ei, meu pequeno. O que aconteceu? — Abaixo-me para perguntar.

— Não quero! — Responde.

— Ele não quer deixar o médico examina-lo, Carlos. Já tentei de tudo. — A Roberta explica.

— Olha para a tia, príncipe. — A Luíza se abaixa perto de nós para falar com ele também. — Você tem que deixar o médico te examinar, meu amorzinho. Se não, você não vai melhorar. Não vai mais poder ir ao Centro brincar com os cavalos e ficar com o tio Edu e

comigo.

— Eu vou ficar o tempo todo do seu lado, tudo bem? — Falo para ele. — Agora vamos deixar o médico te examinar para saber logo o que você tem.

O pego no colo e o coloco na cama para ser examinado.

O médico o examina todo e fala: — Aparentemente é uma gripe. Ele está com o nariz entupido e com um pouco de tosse também. É só dar o antitérmico para a febre e um xarope por causa da tosse. Qualquer piora no quadro ou novo sintoma, tragam-no de volta.

Ele nos entrega a receita e sai da sala.

Caminhamos para fora da sala e vamos até onde a Carolina nos espera.

— Eu vou à farmácia que tem aqui do lado comprar os remédios e já volto. Esperem aqui dentro com o Alexandre por causa do sereno. — Digo a elas.

— Não precisa, Carlos. Você já faz muito mais do que deveria por nós. Pode deixar que eu compro. — A Carolina responde.

— Faço questão. Só um minuto que eu já volto. — Viro-me para sair sem dar tempo dela dizer mais alguma coisa.

Compro os remédios e volto para encontrá-las no hospital.

— Vocês vieram de carro? — A Luíza pergunta a elas assim que me aproximo.

— Não. Um funcionário do orfanato nos deixou aqui antes de ir para casa. Vou chamar um táxi para voltarmos. — A Roberta responde.

— De jeito nenhum! Eu levo vocês. Assim, eu aproveito para ficar mais um pouco com este menino aqui. — Seguro na mão dele para irmos para o carro.

Chegamos ao orfanato e a Luíza e eu entramos juntos com eles.

— Muito obrigada, Carlos. Agora eu vou dar um banho nele para colocá-lo para dormir. — A Roberta diz.

— Será que eu posso fazer isso? Ele já está acostumado comigo. — Torço para que elas permitam.

A Roberta olha para a Carolina que responde: — Pode sim. Ele gosta muito de você.

Vou com ele para o quarto separar suas coisas para tomar banho. Dou um banho nele

com a supervisão da Luíza e da Roberta e depois o coloco na cama.

— Dorme com Deus, meu pequeno. Amanhã o tio vem aqui para ver como você está, ok?

— A tia também, meu amorzinho. Dorme direitinho para você poder melhorar logo. — A Luíza fala e dá um beijo na testa dele.

Saímos do quarto e encontramos com a Carolina no corredor.

— Qualquer coisa que ele precisar a senhora me avisa, Carolina. A qualquer hora, tudo bem? Meu celular vai ficar ligado direto.

— Pode deixar, Carlos. Mais uma vez, muito obrigada.

— Não precisa agradecer. O Alexandre já é muito importante para mim.

Saímos do orfanato nos despedindo dela e voltamos para a fazenda. Quando chegamos, encontramos o Marcelo a nossa espera.

— Como ele está? O que aconteceu?

— O médico disse que parece ser uma gripe. Para observar e qualquer coisa retornar com ele para o hospital. — Respondo.

— Amor, eu vou subir para tomar banho. Boa noite, Marcelo. — A Luíza fala. Deixa um beijo em meus lábios e sobe para o nosso quarto.

Caminho para a sala e sento no sofá próximo ao Marcelo. Ele olha-me e diz:

— Cadu, você está mais apegado a esse garoto do que eu pensei.

— Eu sei, cara, mas não consigo controlar.

— Você já parou para pensar que isso pode não ser bom para nenhum dos dois? Se ele for adotado por alguém e parar de fazer o tratamento aqui no Centro, vai ser ruim para ele também, cara. O garoto também está apegado a você. Está na cara isso.

— Parar de vir aqui? — Acena com a cabeça que sim. — Eu nunca pensei nisso.

— Pois deveria. Vai descansar Cadu. Amanhã nós conversamos melhor. — Diz.

Ele bate em meu ombro e vai para o quarto dele dormir.

Fico pensando no que ele disse por um tempo e subo para tomar meu banho.

A Luíza já está deitada quando eu chego ao nosso quarto. Tomo meu banho, deito na nossa cama e a puxo para mim. Coloco o nariz no seu pescoço, inalo seu cheiro e dou um beijo próximo a sua orelha.

— Boa noite, meu amor. — Ela diz.

— Boa noite, Anjo.

****

Acordo na manhã seguinte com uma decisão tomada. Já estava pensando nisso antes e, depois da conversa com o Marcelo, tomei minha decisão.

— Anjo, eu preciso falar uma coisa com você. — Ainda estamos deitados na cama quando eu toco no assunto. — Eu tomei uma decisão e preciso do seu apoio.

— Claro, meu amor, sempre vou te apoiar em tudo. O que você decidiu?

— Eu quero adotar o Alexandre. Vou ligar para o meu advogado hoje mesmo para começar a ver a documentação e tudo mais que precisar. Eu o quero aqui, conosco o mais rápido possível.

— Você tem certeza? — Pergunta-me. Aceno com a cabeça que sim. — Por que agora?

— Sei que nós já tínhamos falado sobre isto e que decidimos esperar mais um pouco, mas, ontem, o Marcelo falou uma coisa que me fez decidir agir de uma vez, antes que seja tarde.

— O que o Marcelo falou?

— Que ele pode ser adotado por alguém e parar de fazer o tratamento aqui e eu não vou mais vê-lo. Não quero isso, Anjo. Eu o quero aqui na fazenda junto conosco para sempre, e não só durante o atendimento. Eu o amo e o quero como nosso filho. Eu já me apeguei a esse menino de um jeito que não tenho como explicar, e só a ideia de nunca mais vê-lo já me deixa angustiado.

Ela dá um sorriso lindo para mim e diz: — Eu também, Edu. Ele é muito especial e eu já o amo muito. Pode contar comigo para o que você precisar, meu amor.

— Eu te amo, Anjo!

— Eu também te amo!

Puxo-a para mim e a beijo. Vou começar o dia da melhor maneira que existe.

Capítulo vinte e cinco

Ana Luíza

— Como está a sua mãe, Lu? — A Ali me pergunta.

O Edu e eu viemos para a cidade encontrar com o inquilino da minha casa. Já estamos na fazenda há cinco meses e, como não temos intenção de voltar para a cidade, minha mãe e eu resolvemos alugar a casa.

Viemos na casa da Ali, já que o Edu queria falar com o Marcelo e ele agora não sai daqui. Estamos na cozinha preparando alguns petiscos enquanto os dois estão na sala conversando.

— Ela está bem melhor, Ali. A fala está normal e já consegue caminhar praticamente sem dificuldade nenhuma. Os médicos dizem que ela deve ficar com uma pequena sequela, mas, pelo que percebemos, não vai ficar com quase nenhuma.

— Que ótima notícia, amiga! — Faz uma pausa. — Se a sua mãe está bem, por que você está assim? Estou sentindo você um pouco triste.

— O Edu, amiga. — Solto um suspiro. — Ele está um pouco distante de um tempo para cá.

— Deve ser coisa da sua cabeça, Lu. Esse homem é louco por você.

— Deus te ouça, Ali! Hoje nós fazemos seis meses de namoro. Todo mês ele lembra e faz alguma coisa, nem que seja um jantar lá na fazenda mesmo, mas hoje ele nem lembrou.

— Ele deve estar preocupado com a adoção também, amiga. O Marcelo falou alguma coisa a respeito.

Ela acaba de preparar os petiscos e vamos para a sala encontrar com o Edu e o Marcelo.

— Ela não desconfia de nada, cara? — Escuto o Marcelo perguntar antes de entrarmos na sala.

Paro com a Ali em um lugar que eles não conseguem nos ver e espero que ele responda.

— Não, cara. Eu estou fazendo de tudo para que ela não perceba. — O Edu responde.

A Ali me olha e sussurra para mim: — Lu, olha para mim. Não tire conclusões precipitadas, amiga. Conversa com ele hoje à noite quando vocês chegarem à fazenda. —

Aceno a cabeça em acordo e entramos na sala.

Eles param de conversar quando nos veem e tentam disfarçar. Ficamos mais um pouco e nos despedimos para ir à minha casa encontrar com o inquilino.

****

Encontramos com o senhor José na casa da tia Rosane. A Ju diz que os dois estão namorando e que ele não sai daqui.

Ele é o pai do Igor, que é o meu inquilino. Eles se mudaram para cá porque o Igor foi transferido de cargo na empresa em que ele trabalha.

Quando chegamos, o Edu fica na sala conversando com eles e a Ju me puxa para um dos quartos para que possamos conversar. Ela e a tia Dalva também estão aqui na casa da tia Rosane.

— Eu não gosto de ver você com essa carinha triste, amiga! — Ela fala assim que entramos no quarto. — O que está acontecendo? — Repito o que eu disse para a Ali e ela concorda. — Ela está certa, Lu! Não deve ser nada demais ou ele teria te falado.

— Será, Ju? Porque ele e o Marcelo pararam de falar quando eu entrei na sala então? Do quê eu não estou desconfiando? Não sei, amiga. Tem mais alguma coisa. Será que ele tem outra?

— Você está maluca? O patrãozinho é louco por você, Lu. Ele beija o chão que você pisa, amiga. Você vai fazer o que a Ali falou. Assim que chegarem à fazenda, você vai chama-lo para conversar. Qualquer coisa me liga que eu pego a estrada na hora para dar uma surra nele.

— Tomara que vocês duas estejam certas. — Limpo as lágrimas que descem pelo meu rosto.

— Não chora, Lu! Tudo vai se resolver, você vai ver. — Ela me abraça.

— Tudo bem. — Digo e dou um suspiro. — Agora me fala de você e do Igor. Vocês voltaram a ficar?

— Não e nem vamos. Eu não quero nada com ele, Lu. Estou cansada de homem galinha.

— Como você pode ter certeza que ele é assim, Ju? Se ele for a sua cara metade? — Digo. Ela sempre me zoou, agora é a minha vez.

— Cara metade que nada! Ele é um imbecil, isso sim!

— O que ele fez?

— Ele veio aqui na casa da tia outro dia com o pai e veio tentar falar comigo. Como eu não demonstrei interesse e fingi que nada tinha acontecido, saiu daqui batendo a porta. Ele acha que, só porque ficamos um dia, pode chegar aqui e me beijar na frente da minha família.

— Também não precisava fingir que nada aconteceu, Juliana. Você não facilita. Era só falar com ele que não queria trocar beijos na frente das tias. Vocês se viram depois disso?

— Ele está sempre aqui, mas, quando eu chego, ele disfarça e sai. Quando fica, me ignora.

— Está na hora de você deixar de ser cabeça dura e dar o braço a torcer, Juliana. Vai chamá-lo para conversar da próxima vez ou então vai lá na casa dele, um dia que o seu José esteja aqui com a tia, e explicar a ele o motivo de ter feito o que fez. Está na cara que você está interessada nele e ele em você. Para de ser tão teimosa.

— Você pode fazer o favor de parar de me chamar de Juliana? — Diz séria.

— Quer que eu te chame de quê se este é o seu nome? — Seguro o sorriso.

— Besta! Até parece que não sabe o que eu estou falando. Você não me chama pelo nome. Só de amiga ou Ju.

Ficamos conversando mais um pouco e, quando chegamos à sala, o Igor está sentado com o Edu. Cutuco sua cintura e ela faz que não com a cabeça. Ela não tem jeito.

Vejo que ele olha para ela sempre que acha que ninguém está prestando atenção. Já vi isso antes com a Ali e o Marcelo. Espero que esses dois se entendam também.

Depois de mais uns trinta minutos, nos despedimos para voltarmos para a fazenda.

Estamos na estrada e o silêncio dentro do carro é angustiante. Nunca ficamos assim nesses seis meses juntos.

Acabo não conseguindo segurar e uma lágrima desce pelo meu rosto. Tento limpar para que ele não perceba, mas acredito que não tive muito sucesso já que logo depois ele pega minha mão e aperta. Olho para ele que diz: — Eu te amo, Anjo.

— Eu também te amo. — Tenho que me controlar para não falar nada. Não acho uma boa ideia começar esta conversa agora.

— Por que você não descansa um pouco? Eu te aviso quando chegarmos à fazenda.

Aceito, já que na noite passada eu não dormi muito bem pensando em como ele anda

distante.

Quando acordo, estamos parados em frente à casa da fazenda. Ele beija meus lábios e diz:

— Eu tenho que ir ao salão resolver uma coisa e já volto.

— Você vai demorar? Porque eu quero conversar sobre um assunto com você. — Questiono.

— Não. Eu já volto. — Vira-se e sai do carro.

Fico parada vendo ele se afastar e não seguro mais. Começo a chorar. Tenho medo de descobrir o que ele foi fazer no salão há essa hora.

Pego meu celular e ligo para a Ju. Preciso desabafar com alguém ou vou enlouquecer. Ela atende no segundo toque.

— Já conversaram? Está mais calma?

— Ele foi para o salão, Ju. Não deu tempo de falar nada. Eu disse que queria conversar e ele nem ligou. O que eu faço, amiga? O que ele foi fazer no salão a essa hora? Eu sei que não tem nada lá hoje.

— Onde você está?

— Estou dentro do carro ainda. Não tive coragem nem de entrar em casa. — Respondo.

— Você vai levantar essa sua bunda desse carro agora e vai atrás dele, está me ouvindo? Vai descobrir o que ele está fazendo. Depois nos falamos.

— Mas se ele estiver lá com alguém, Ju? Eu não sei de mais nada.

— Você só vai descobrir se for lá, Lu. Vai deixar o seu homem fugir por entre seus dedos? Corre atrás do que é seu, amiga. Não dá mole. — Faz uma pausa. — Ainda não escutei a porta bater, Ana Luíza.

— Já vou. Você vai me esperar ligar?

— Claro que vou. Se você precisar eu pego a estrada na hora e vou para a fazenda capar o patrãozinho.

— Obrigada, Ju. Eu te amo, amiga.

— Eu também te amo, Lu. Agora vai logo.

Desço do carro e caminho em direção ao salão. Está escuro lá dentro, só com uma luz ambiente e uma música tocando baixinho. Quando chego à porta de entrada, escuto a voz do Edu.

— Ela não veio. Eu falei para você que não viria. — Com quem será que ele está falando?

Capítulo vinte e seis

Carlos Eduardo

Essa semana foi bastante corrida para mim. Entre a administração do Centro, do haras e do salão e o tempo que fico com o Alexandre, ainda tive que organizar a surpresa que irei fazer para a Luíza mais tarde.

Hoje nós completamos seis meses de namoro e ela acha que eu esqueci. Sei que ela está preocupada e desconfiada. Eu escutei quando ela falou para a Juliana que eu estou distante e tive que me controlar para não contar logo tudo.

Encontrei-a cabisbaixa, pela casa e escritório, várias vezes essa semana. Agora ela está aqui do meu lado no carro e vejo uma lágrima descer pelo seu rosto.

Minha vontade é de parar o carro e abraça-la, deixar tudo que programei a semana toda de lado e falar aqui, no meio da estrada mesmo, tudo o que ensaiei. Controlo-me por saber que ela merece muito mais do que isso. Ela merece que esse momento seja perfeito e inesquecível. Espero que me perdoe depois.

Pego sua mão e aperto seus dedos. Quando me olha, digo que a amo e falo para ela descansar que a chamo quando chegarmos em casa.

Chegamos à fazenda e aviso que tenho que ir ao salão resolver algumas coisas. Ela desconfia e pergunta se vou demorar porque quer conversar comigo. Sei o que ela quer falar, mas espero que o plano da Juliana funcione e ela realmente vá atrás de mim.

Espero um tempo e nada dela chegar. Ligo para a Juliana e ela me atende no primeiro toque. Falo sem nem a cumprimentar: — Ela não veio. Eu falei para você que não viria.

Escuto um barulho e, quando me viro, encontro a Luíza parada na porta me olhando. Ela olha em volta e vê toda a decoração que prepararam para mim. No rádio toca a música “Por você (O melhor pedaço)” do grupo Sorriso Maroto.

O salão está com fotos nossas em cima de mesas com arranjos de flores. Cada mesa representa um mês que passamos juntos e em cada arranjo tem um bilhete com trechos de músicas.

Ela passa por cada um e lê os bilhetes em voz alta.

— Primeiro mês: *“Você com esse cabelo preto, sorriso sem jeito. Foi chegando perto, chegou perto de mais. Três ou quatro dias estava tudo tão perfeito. E os meus problemas eu já não me lembrava mais.*” (Pergunta boba − Jorge e Mateus)

Olha-me com um sorriso no rosto e caminha para a próxima mesa.

— Segundo mês: *"Tantos sorrisos por aí, você querendo o meu. Tantos olhares me olhando e eu querendo o seu. Eu não duvido não, que não foi por acaso. Se o amor bateu em nossa porta, que sorte a nossa."* (Que sorte a nossa − Matheus e Kauan)

Limpa as lágrimas que escorrem por seu rosto e eu me controlo para não agarra-la agora mesmo.

— Terceiro mês: *"O coração dispara. Tropeça, quase para. Me encaixo no teu cheiro. E ali me deixo inteiro."* (Amei te ver − Tiago Iorc)

Aproxima-se da quarta mesa.

— Quarto mês: *"Eu acho que a gente se apaixonou. E o beijo da gente me viciou. Parece que a gente já tá dependente um do outro. Isso é amor."* (Dependente −Sorriso Maroto)

— Você está querendo testar meu coração? — Pergunta-me enquanto caminha para a quinta mesa.

— Nunca, Anjo. — Digo com um sorriso no rosto. — Continua. — Peço. — Só falta uma.

O último mês não tem bilhete. Eu vou falar o que programei a semana toda.

— Quinto mês: *"Estranho seria se eu não me apaixonasse por você. O sal viria doce para os novos lábios."* (All Star − Nando Reis).

Ela coloca o bilhete na mesa e vem para perto de mim. Quando ela para na minha frente eu pego suas mãos nas minhas e digo: — Anjo, você já parou para pensar o porquê de eu te chamar assim? — Ela nega com a cabeça. — Porque é isso que você é para mim, o meu anjo. Quando nos conhecemos naquele bar, você me trouxe de volta para a vida. Eu já tinha desistido de ser feliz. Na minha cabeça, parecia injusto que eu o fosse depois do que aconteceu com os meus pais. Para piorar, eu só encontrei pessoas que não valiam o esforço. Depois daquele dia, mesmo achando que eu nunca mais iria te ver, eu voltei a sorrir, a ter esperança.

— Eu também, meu amor. — Ela diz e beija meus lábios.

— Depois nós começamos a conversar sem saber que já nos conhecíamos. Você me confundiu, me enlouqueceu. Eu tentava entender como duas mulheres podiam ter mexido comigo em tão pouco tempo, mesmo eu não querendo um relacionamento. Como eu podia me apaixonar por uma pessoa sem a ver pessoalmente, sem ter a mínima ideia de como ela era fisicamente. Até que te conheci e foi aí que a ficha caiu. Não eram duas mulheres, era você, tinha que ser você, Anjo. Ninguém mais me enlouquece, me tira o ar como você. Ninguém

mais me faz fazer planos para o futuro, querer formar uma família, e agora isso parece tão próximo com a adoção do Alexandre encaminhada. Você se transformou no meu mundo. Eu não consigo mais me imaginar sem você do meu lado. — Ajoelho-me. — Por isso tudo, eu te pergunto, você aceita se casar comigo, Anjo? Aceita me tornar o homem mais feliz desse mundo?

Ela ajoelha-se na minha frente e me beija.

— Claro que eu aceito! Eu te amo, Edu. Muito mais do que você pode imaginar.

Beijo suas lágrimas e a puxo para mim. Beijo seus lábios com fome. Minha vontade era tomá-la aqui mesmo.

Separo nossos lábios e pego a caixinha no meu bolso. Abro e mostro o anel de noivado para ela.

— É lindo, meu amor! — Ela exclama.

Seguro sua mão direita e coloco em seu dedo. Beijo sua mão e nos levantamos.

— Dança comigo? — Peço.

Pego o controle que deixei em cima da mesa ao meu lado e coloco a música que já tinha deixado preparada. Começa a tocar "Dependente" do Sorriso Maroto, eu pego sua mão e a guio para o centro do salão.

Colo nossos corpos e nos movemos pelo meio do salão. Começo a cantar em seu ouvido.

— *"E se eu gostar, e aí? Você me aceita, para a vida inteira? Já imaginei aqui ; Nosso apartamento, os filhos crescendo."*

Ela se afasta um pouco de mim e diz: — Eu te amo, tanto que não tenho como explicar, Edu.

— Eu também, Anjo. Vem. Vamos sair daqui.

Sigo com os meus planos e a levo para o cavalo que já está parado próximo à entrada do salão. Tive ajuda de vários funcionários essa noite. Ela me olha sem entender.

— Onde você vai me levar?

— Surpresa. — Beijo seus lábios mais uma vez e a ajudo a subir no cavalo. Sento-me atrás dela e abraço seu corpo.

Levo-a para perto do lago em uma cabana que já está preparada para a nossa noite.

Assim que entramos, ela diz: — Como você preparou isso tudo, meu amor? — Olha em volta da cabana.

— Tive bastante ajuda durante essa semana, Anjo. Você merece o melhor sempre.

— Eu pensei que você não me queria mais, que estava se interessando em outra pessoa. — Fala cabisbaixa.

— Nunca. — Levanto seu rosto para mim. — Desculpa por ter feito com que pensasse isso, mas eu não queria que você desconfiasse de nada. Eu nunca vou te trair, nunca vou querer outra pessoa. Eu só quero você e mais ninguém.

— Então me beija. — Pede-me.

— Com todo prazer.

Puxo-a para mais perto e a pego no colo enquanto a beijo. Caminho para a cama que está no meio da cabana e a deito. Fico em pé ao lado da cama olhando-a.

— Vem deitar comigo. Eu preciso do meu noivo. — Diz com um sorriso no rosto.

— Como você quiser, minha noiva.

Deito-me com meu corpo colado ao dela e começo a beijar seus lábios. O beijo começa lento e aos poucos aprofundo. Com uma mão apoio-me na cama enquanto com a outra acaricio seu corpo.

Levanto-me o suficiente para tirar minha blusa, a jogo ao chão do lado da cama e volto a beijá-la. Ela passa as mãos pelas minhas costas, me arranha e deixa-me louco de prazer.

Afasto meu corpo do seu mais uma vez e tiro o seu vestido, deixando-o de lado junto com a minha blusa. Beijo seu pescoço e desço em direção aos seus seios. Beijo-os por cima do sutiã e depois o desabotoo e jogo para chão.

Desço mais um pouco e beijo seu abdômen me aproximando do cós de sua calcinha.

— Linda! Hoje vou beijar o seu corpo inteiro. Quero te amar sem pressa nenhuma. — Digo. Dou um beijo por cima da sua calcinha, prendo-a com os dentes e a desço por suas pernas.

Ela solta um suspiro e agarra em meus ombros enquanto eu beijo seu centro. Passo a língua por sua extensão e percebo seus pelos se arrepiarem. Beijo com vontade e coloco um dedo junto e ela treme em minha boca. Tomo isso como um incentivo e aprofundo mais o beijo.

Sinto quando ela atinge o orgasmo e continuo esperando que seu corpo pare de tremer. Subo beijando seu corpo e, quando chego aos seus lábios, os devoro.

Diminuo o ritmo do beijo e deixo beijinhos suaves por todo o seu rosto.

— Eu quero você, Edu! Por favor. — Ela fala ainda ofegante.

— Calma, Anjo. Temos a noite toda.

Ela desce as mãos por meu corpo, para no cós da minha cueca e tenta tira-la. Ajudo-a e, quando termino de tirar, deixo-a junto com as outras roupas no chão.

Posiciono-me por cima do seu corpo outra vez e, com uma mão, coloco a cabeça do meu membro em sua entrada. Ela coloca suas pernas em volta da minha cintura e puxa-me para ela fazendo com que eu a invada.

— Eu te amo, Anjo. Não canso de dizer isso. — Encosto minha testa na dela.

— Eu também te amo, Edu. Muito mais do que achei ser possível.

Começo a me movimentar devagar, pois não quero ter pressa. Beijo-a e acaricio seu corpo, o tempo todo olhando em seus olhos. Perdemos a noção do tempo e nos curtimos até não aguentarmos mais segurar. Ela chega ao orgasmo mais uma vez, levando-me junto com ela.

Deito ao seu lado e a puxo para mim. Beijo sua testa e ela deita em meu peito, abraçando-me de volta.

— Quanto tempo você acha que precisa para organizar o casamento, Anjo? Não quero esperar muito para poder te chamar de minha esposa.

— Nós já moramos juntos há quatro meses, Edu.

— Quero você usando meu sobrenome. Senhora Fernandes.

— Tudo bem, seu bobo. Eu tenho uma equipe excelente para me ajudar e um lugar lindo para fazer a cerimônia. Devo conseguir em menos tempo do que o normal. Talvez um ano ou um pouco mais. — Vejo-a prender o sorriso.

— Sua danadinha! — Faço cócegas em sua cintura e ela se contorce. — Eu te levo para Las Vegas hoje mesmo.

— A Ju vai atrás de nós e te mata. — Fala com um sorriso no rosto. — Vou fazer o mais rápido possível, tudo bem?

— Um mês é o suficiente? — Pergunto para mexer com ela. — Estou brincando Anjo. Faça no seu tempo e, se precisar de ajuda, não hesite em me pedir. Agora chega de falar. Quero você outra vez.

Capítulo vinte e sete

Ana Luíza

Hoje é meu aniversário e eu faço vinte e três anos. O Edu resolveu fazer um churrasco para comemorar e chamou todos os nossos amigos, incluindo o senhor José, que realmente está namorando a tia Rosane, e o seu filho Igor.

O Igor e a Ju ainda não se entenderam, já que ela é mais teimosa do que mula empacada e não dá o braço a torcer. Está esperando que ele a procure.

Estamos todos reunidos na área da churrasqueira quando o Marcelo pergunta:

— Por que você não fez festa na semana retrasada também, Edu, para comemorar o seu aniversário?

— Estávamos na correria com o curso de preparação para a adoção. Agora que aliviou um pouco e, mesmo assim, na segunda começam as visitas.

Nós entramos em contato com o advogado no dia seguinte em que o Edu tomou a decisão de adotar o Alexandre. Conversamos para saber quais documentos iríamos precisar e pedimos assessoria para o andamento do pedido.

Já entregamos todos os documentos necessários, demos entrada ao processo e passamos pelo curso de preparação. Agora começarão as visitas com a assistente social para, aí sim, podermos entrar no CNA, que é o Cadastro Nacional de Adoção.

— Entendi, cara. — O Marcelo diz. — Demora muito essas visitas?

— Por volta de três meses se formos aprovados de primeira ou pode se arrastar por um ano ou mais. Tudo depende do que a assistente social vai achar. — Respondo.

— Vai dar tudo certo, amiga. Vocês vão ver. — A Ju fala ao meu lado.

— Deus te ouça. Não vejo a hora de poder ficar com ele aqui direto. Sem horário, sem ter que levá-lo de volta para o orfanato. — Faço uma pausa. — Vamos comigo lá dentro pegar a sobremesa, Ju?

Dou esta desculpa para poder conversar um pouco sozinha com ela. Quero saber como estão as coisas com ela e o Igor. Se já teve alguma mudança desde o último dia que nos falamos.

Entramos na cozinha e ela logo fala: — Fala logo, Lu. O que você quer falar comigo? Eu

te conheço.

— Fala você, Juliana. Como andam as coisas com o Igor?

— Não andam e nem vão andar. Eu fiz o que você falou, o procurei e ele não quis falar comigo. Agora quem não quer mais sou eu. Está se achando muito esse idiota.

— Não dou muito tempo e vocês dois estarão se pegando outra vez. — Digo.

Ela nem me responde. Vira-se, pega os pratos com pudim que estavam separados em cima da mesa da cozinha e volta para perto do pessoal. Pego o restante das coisas e a sigo. Pelo jeito o Igor mexeu mais com ela do que eu pensei.

— Como andam os preparativos para o casamento, Lu? — A Nanda me pergunta. Ela veio com o marido. Eles se casaram há dois meses.

— Está tudo bem, Nanda. Temos quase tudo organizado. Faltam alguns detalhes aqui e ali, fora o que não tem como fazer antes, só na véspera mesmo.

— Falta pouco, Lu. Daqui a três meses vocês estarão casados. — A Ali diz sentada ao lado do Marcelo.

— Vocês dois, quando irão se casar? — A vó Aurora pergunta enquanto aponta para o Marcelo e a Ali.

— Eles já estão casados, Aurora. Só falta oficializar. Este menino não fica mais em casa. Só fica na casa dela. — Tia Nilza fala e, pela sua voz, sinto que está com ciúmes.

— Não exagera, mãe. Eu sempre vou em casa. — O Marcelo fala na defensiva.

— É mesmo, menino? E por acaso você apareceu lá esta semana? E na semana passada? Você agora só liga para avisar que não vai dormir em casa ou passa para pegar algumas roupas, garoto. — Tia Nilza recrimina-o.

Percebo que a Ali fica toda sem graça e resolvo mudar de assunto.

— Vocês já escolheram as cores dos vestidos? — Pergunto.

— Eu vou de vermelho. — A Ju diz para me zoar.

— Eu de preto. — A Ali entra na brincadeira.

— Eu vou de branco. — Tinha que ser a Nanda.

— Pegou pesado, Nanda. — A Ju diz e caímos na risada.

****

Carlos Eduardo

— Luíza? — Grito assim que entro em casa. — Luíza, onde você está, Anjo?

— Estou aqui no quarto, Edu.

Corro pelo corredor e entro em nosso quarto. Ela está enrolada em uma toalha e parece que acabou de sair do banho. Respiro fundo para me controlar e não agarra-la. Basta olha-la, sentir o cheiro dela ou ouvir a sua voz para eu deseja-la.

— Nós conseguimos, Anjo! Conseguimos! Ele é nosso! — Pego-a no colo, rodo pelo quarto e ela começa a sorrir.

— O que nós conseguimos, amor? — Pergunta.

— O Alexandre, Anjo. Ele agora é nosso filho legítimo. A adoção saiu. Nós já podemos ir pegá-lo no orfanato.

Beijo-a cheio de amor. Depois de meses de espera finalmente nós vamos ter nosso filho conosco.

— Jura? — Ela questiona e eu aceno com a cabeça em acordo. — Vamos agora?

— Desculpa, Anjo. Estou tão eufórico que acabei esquecendo do nosso almoço.

— Não repita isso, Edu. Esse foi o melhor presente que você poderia me dar. Podemos levá-lo conosco para almoçar. Vou me vestir e nós vamos buscar nosso filho.

Vira-se para pegar uma roupa e eu saio do quarto. Se eu ficar mais um minuto olhando para ela sem roupa, nós vamos nos atrasar.

— Vou esperar você lá na sala, Anjo. Não demora.

****

— Eu tenho uma novidade para você, Alex. — Falo assim que nos sentamos no restaurante.

Ele olha em volta um pouco incomodado com o barulho. A Luíza percebe e tenta chamar a sua atenção.

— Meu amor, olha para mim. — Ele olha para ela, mas logo abaixa a cabeça. — O tio Edu e a tia Lu têm uma coisa muito legal para te contar. Você quer saber?

— Sim. — Ele responde e começa a brincar com o jogo que eu acabei de entregar a ele.

— Você gosta do quarto onde você fica quando vai para a nossa casa? — Eu pergunto a ele.

— Gosto. — Ele levanta a cabeça, olha-me para responder e volta a jogar em seguida.

— Quer ele para você? — Indago.

— Posso? — Pergunta. Aceno com a cabeça que sim e ele sorri. — Então eu quero.

— Você gosta de nós, meu amor? — Ele faz que sim com a cabeça outra vez e eu continuo. — quer morar com os tios lá, então?

— Não posso. Eu pedi, mas a tia Carolina não deixou.

— Agora você pode, meu anjinho. — A Luíza responde. Vejo que ela tenta se controlar, mas não consegue e acaba deixando algumas lágrimas escaparem.

— Agora olha para o tio, Alex. Depois você pode voltar a jogar. O tio e a tia pediram ao juiz para você ir morar na fazenda e ele deixou. Agora você é nosso filho. — Ele fica parado para tentar entender o que eu disse. — A tia Lu agora vai ser sua mãe e eu vou ser seu pai. Você aceita?

— Posso mesmo? — Levanta-se e dá um beijo no rosto da Luíza e vem me dar um também.

Depois desta demonstração tão rara, eu acabo acompanhando a Luíza sem me importar onde estamos. Limpo as lágrimas que descem pelo rosto dela e ela faz o mesmo comigo.

— Conseguimos. — Digo baixinho só para ela escutar.

Capítulo vinte e oito

Ana Luíza

— Chegou o grande dia, amiga. — A Ju fala atrás de mim.

Estou parada na frente do espelho com a minha mãe e a Ju enquanto espero o tio Edmundo vir me buscar. Ele fez questão de entrar comigo para me levar até o altar.

— Você está linda, filha! — Minha mãe diz emocionada.

Meu vestido é com corte sereia, decote coração com alças e costas em tule transparente, bordado na parte de cima e fila central de botões que percorrem as costas toda. Sua saia é justa até o final do quadril em tule bordado.

Tenho uma tiara de flores do campo na cabeça e o meu cabelo está solto, com ondas. O buquê também é com flores do campo, que viraram as minhas preferidas.

— Vamos parar que não podemos chorar agora. Imagina a mãe da noiva, a madrinha e a noiva entrarem com a maquiagem toda borrada. — A Ju diz enquanto abana o rosto e se controla para não chorar.

— Nem pensar, amiga. — Falo enquanto abano o meu rosto também.

Ela vai ser minha madrinha com o Igor. Eu não tinha muitas opções, mas, como acabamos nos aproximando, e eu tinha certeza de que ele e a Ju iriam se acertar, fiz o convite e ele aceitou imediatamente.

No começo a Ju reclamou um pouco, mas, depois que eles se acertaram, ela gostou da ideia.

Viro para frente para que eu possa vê-las. A Ju pega em minhas mãos e diz:

— Dizer que eu desejo que você seja muito feliz não chega nem perto do que eu realmente quero para você, amiga. Desejo toda a felicidade do mundo para vocês. Que o patrãozinho continue caidinho por você a vida toda e, que quando estiverem bem velhinhos, sentem na varanda aqui da casa, naquele balanço, e contem os bons momentos que viveram juntos para os netos de vocês.

— Eu preciso agradecer a você, a Ali e o Marcelo, Ju. Se não fosse por vocês insistirem, eu não teria vindo conversar com ele e não estaria aqui pronta para casar com o homem da minha vida.

— Ainda bem que você sabe. — Diz com um sorriso no rosto.

Agora é minha mãe que segura minhas mãos.

— Estou muito feliz por você, filha. O seu pai, de onde estiver, deve estar muito orgulhoso da mulher que você é e do homem que escolheu para ser seu marido. — Abraço-a apertado — Para, tia, ou ela não vai mais se controlar. — A Ju diz e eu escuto uma batida na porta.

A Ju vai ver quem é e abre para que o tio Edmundo possa entrar.

— Você está linda, minha filha! — Ele diz enquanto segura minhas mãos. — Meu sobrinho vai ter um treco quando te ver.

— Está na hora. Vamos? — A cerimonialista pergunta da porta.

Acenamos em acordo e seguimos para o salão onde foi montado um altar para realizar a cerimônia.

Chegamos à entrada e a música que o Edu escolheu para tocar durante a sua entrada ainda está tocando, “A mulher que eu amo” do Roberto Carlos. Eu espero os padrinhos e minha mãe entrarem. A Ali entra com o Marcelo, como padrinhos do Edu e a Ju entra com o Igor, como meus padrinhos. A tia Nilza entrou com o Edu e minha mãe com o senhor José para não entrar sozinha.

Paro na porta e observo a decoração antes de entrar. Como a cerimônia vai ser no mesmo local, optamos por não colocar cadeiras para que os convidados pudessem assistir o casamento. Todos já estão em seus lugares nas mesas.

A decoração é em branco, as cores ficam por conta das flores do campo espalhadas por todo o lugar. As mesas estão decoradas com toalhas brancas e garrafas com arranjos. Ao lado há castiçais com velas acesas já que não demorará a escurecer.

O salão é cercado por grandes janelas as quais estão com cortinas em *voil* branco acompanhadas por grandes arranjos próximos a cada uma.

O caminho que leva ao altar está coberto por pétalas de flores coloridas e delimitado por lamparinas.

Meus olhos seguem o caminho e, quando olho para o altar, esqueço de tudo ao meu redor. O Edu está parado com um sorriso no rosto a minha espera. Ele está mais lindo do que nunca, se é que isto é possível.

Ele veste um terno cinza escuro, com uma gravata cinza claro e uma flor do campo na lapela. Ele abre mais ainda o sorriso quando me pega olhando para ele.

Quando começa a tocar “Ainda bem” da Marisa Monte eu faço o meu caminho sem que nossos olhos se desviem.

Ele parece não aguentar esperar e sai do seu lugar para encontrar comigo no caminho. Os convidados todos sorriem da sua atitude e ele parece não enxergar mais ninguém.

— Faça esta moça feliz, meu filho. Vocês dois merecem. — Tio Edmundo fala enquanto me entrega a ele.

— Minha felicidade depende disso, tio. — Responde. Dá um beijo em minha testa e seguimos para o altar.

O padre nos aguarda e, assim que nos aproximamos, ele dá início a cerimônia. Não consigo parar de sorrir e de olhar para o Edu ao meu lado. Quando percebo, está na hora dos nossos votos.

Viro-me de frente para o Edu, ele pega um papel no bolso e começa a ler.

— Anjo, eu cresci cercado de amor, vendo meus pais como dois adolescentes pela casa, sempre roubando um beijo aqui, um toque ali, um carinho, uma palavra de amor. Cresci acreditando que era esse tipo de amor que eu queria para mim. Um amor que coloca a felicidade do outro em primeiro lugar, porque se o outro não estiver feliz, você também não vai estar. Quando eu os perdi, desisti, não acreditava que isso seria possível. Achei que não merecia ter esse tipo de amor se eles não estavam mais aqui para viver o deles. Até que eu conheci uma mulher em um bar. Uma mulher que virou minha cabeça, invadiu meus pensamentos e me devolveu o sorriso, a vontade de viver. Qual não foi a minha surpresa quando, meses depois, eu descobri que estava conversando com essa mesma mulher e que tinha me apaixonado por ela. Como o Marcelo disse naquele dia, tinha que ser você, Luíza. Nenhuma outra mulher conseguiria me encantar, fazer com que eu despertasse para a vida outra vez, se não fosse você.

— Eu sou o cara. — O Marcelo grita e todos sorriem.

— Como diria Carlos Drummond de Andrade: “Quando encontrar alguém e esse alguém fizer seu coração parar de funcionar por alguns segundos, preste atenção: pode ser a pessoa mais importante da sua vida. Se os olhares se cruzarem e, neste momento, houver o mesmo brilho intenso entre eles, fique alerta: pode ser a pessoa que você está esperando desde o dia que nasceu. Se o toque dos lábios for intenso, se o beijo for apaixonante, e os olhos se encherem d’água neste momento, perceba: existe algo mágico entre vocês. Se o primeiro e o último pensamento do seu dia for essa pessoa, se a vontade de ficar junto chegar a apertar o coração, agradeça: Deus te mandou um presente: o amor.”

— Quem diria? Patrãozinho arrasando na escolha das palavras. — Agora é a vez da Ju fazer graça.

Ele sorri e continua:

— Eu agradeço todos os dias o presente que Deus me deu, Anjo. Espero ser digno deste presente e te prometo que serei fiel, te respeitarei e, principalmente, te amarei cada vez mais, cada dia de um modo diferente e mais intenso. Eu te amo. — Deixa um beijo casto em meus lábios.

Todos aplaudem e eu tento me recompor para dizer os meus votos. A Ju me entrega o papel que deixei com ela e eu começo a ler.

— Edu, assim como você, eu também fui criada cercada por muito amor. Eu cresci querendo casar, ter filhos, ter um relacionamento lindo como o dos meus pais. Um amor que supera as barreiras, que respeita, que cuida. Mas alguns acontecimentos me fizeram desistir, desacreditar que fosse achar alguém que me amasse como eles se amavam. Achei que isso não era para mim, que Deus não me daria essa bênção. Aí você apareceu e me conquistou. Primeiro naquele bar. Eu não conseguia te tirar da cabeça. Dormia e acordava pensando em você, pensando se eu teria a sorte de te reencontrar. Já tinha desistido quando começamos a conversar por mensagens e ligações. — Dou um sorriso. — Como eu iria imaginar que o homem por quem eu estava me apaixonando era o mesmo que eu tinha conhecido meses antes?

— Lembra de não colocarem nomes compostos nos filhos de vocês. Vai que essa sorte é genética?! — Essa Ju não tem jeito. Olho para ela e dou um sorriso

— Segundo Clarice Lispector: “O verdadeiro homem não é aquele que conquista várias mulheres, mas sim aquele que conquista a mesma várias vezes.” Você me conquistou naquele bar, nas nossas conversas, quando você pegou a estrada só para me ver no hospital quando minha mãe passou mal. Você me conquista todos os dias com o seu jeito de ser, o seu jeito de me tratar, com o seu cuidado e preocupação com a minha mãe e com o nosso filho, com o seu jeito de tratar os outros sem se importar com a conta bancária ou a cor da pele. Você me conquista quando me olha, quando me toca, quando me beija, quando me ama. Na verdade, você me conquista só por respirar.

— Respira, cara, ou ela vai te esquecer. — O Marcelo fala e nos faz rir mais uma vez.

— Eu te amo, hoje, amanhã e sempre, meu amor. Prometo te amar, ser fiel e te respeitar todos os dias das nossas vidas.

Beijo os seus lábios e ele me puxa para mais perto.

Afasto-me e vejo o Alexandre entrar com as alianças. Ele está lindo, em um terno igual ao do Edu. Meu menino está parecendo um rapaz. Ele se aproxima de nós e o Edu pega as alianças e beija sua testa, eu também o faço em seguida.

O padre abençoa as alianças, o Edu pega minha mão esquerda, coloca a aliança em meu

dedo e beija minha mão em seguida. Pego a dele, seguro a sua mão, coloco a aliança em seu dedo e dou um beijo em sua mão também.

Distraio-me e, quando dou por mim, o padre fala para o Edu que já pode me beijar. Ele me beija com vontade. Escuto assovios e gritos de procurem um quarto, mas não ligo.

Ele diminui o ritmo do beijo e nos afasta aos poucos. Beija minha testa e nos viramos para sair do altar. Passamos pelo corredor, entre nossos amigos e família, com "Pra você guardei o amor" do Nando Reis tocando e eles jogam pétalas de flores em nós.

Depois de sermos cumprimentados por todos, a Ali e o Marcelo se aproximam de nós.

— Parabéns, amiga. Desejo muitas felicidades, pois vocês dois merecem. — A Ali fala enquanto me abraça.

— Conseguiu, cara. Segurou a garota. — O Marcelo brinca com o Edu enquanto dá um daqueles abraços típicos de homem. — Felicidades, irmão. Vocês dois merecem.

Tiramos diversas fotos, sozinhos e com os convidados. Depois de uns vinte minutos sentados a cerimonialista nos avisa que está na hora da nossa dança. Seguimos para a pista de dança e nos posicionamos.

Começa a tocar "Para tu amor" de Juanes. O Edu me guia pela pista e começa a traduzir a música em meu ouvido.

— *"Para o teu amor, eu tenho tudo. Desde meu sangue até a essência do meu ser. E para o teu amor, que é meu tesouro. Tenho minha vida toda inteira a teus pés."*

Olho em seus olhos e digo: — Eu te amo, meu esposo.

— Gostei disso, Anjo, repete para mim, por favor. — Ele me pede.

— Meu esposo. — Beijo seus lábios. — Eu te amo, meu amor, e não canso de falar.

— Que bom minha esposa, porque eu não vou cansar de escutar. Por mim você pode repetir a todo o momento. Eu te amo, Anjo.

Quando a música acaba, a pista é aberta aos convidados e dançamos cercados por nossos amigos. Vejo a Ali e o Marcelo, a Ju e o Igor, a Nanda e seu marido.

Vejo que o Alexandre está em um canto afastado. Ele olha para a pista de dança e nos vê. Faço sinal para que venha para perto de nós.

Ele aproxima-se desconfiado e o Edu o pega no colo para dançar conosco.

— Está gostando da festa, meu amorzinho? — Pergunto a ele.

Ele balança a cabeça em acordo e pergunta: — Posso pegar mais doce?

— Claro que pode, meu anjinho, mas não vai comer muitos. Você pode passar mal depois.

O Edu responde, ele desce do colo e corre em direção a mesa dos doces. Vejo minha mãe se aproximar para olhá-lo.

Depois de mais duas horas de festa, começamos a nos despedir de todos. Nossos amigos fazem um corredor e, conforme passamos, eles nos desejam felicidades.

Saímos e encontramos um cavalo próximo ao salão assim como no dia em que o Edu me pediu em casamento.

— Já que nós não vamos sair em lua de mel, Anjo, preparei a nossa cabana para passarmos a noite.

O Edu fala e me puxa para um abraço. Passo meus braços no seu pescoço e digo para ele:

— Você está sempre me surpreendendo, meu amor. Vou ficar mal acostumada assim.

— Estou aqui para te agradar, Anjo. Nossa primeira noite como casados não pode ser como outra qualquer. Tem que ser especial.

Beija-me e, quando nos afastamos, ele me ajuda a montar no cavalo.

Quando entramos na cabana olho em volta e vejo tudo que o Edu preparou. Tem um balde de gelo com uma garrafa de vinho de um lado da cama que está coberta por pétalas de rosas vermelhas. Do outro lado da cama tem uma bandeja com morangos e chantillly.

Começa a tocar uma música instrumental baixinho. Viro-me e o encontro com um controle na mão.

— Está tudo tão lindo, meu amor. Obrigada.

— Você merece isso e muito mais, Anjo. Eu te amo.

— Eu também te amo.

Ele me beija e nos perdemos um no outro.

Epílogo

Carlos Eduardo

Dois anos depois.

Hoje é o aniversário do Alex de sete anos. Convidamos as crianças do orfanato e algumas que fazem tratamento no Centro também. Já faz dois anos que ele está em definitivo conosco aqui na fazenda e seus amigos estão sentindo sua falta.

O tema da festa é rodeio. Ele adora cavalos e posso afirmar que vai gostar do presente que eu comprei para ele. O pônei chegou ontem à tarde e eu tive que esconder.

Olho para a varanda e vejo os últimos convidados que se despedem dele e da Luíza. Agora só restam nossos amigos. Eles olham para mim e eu caminho para perto da minha família.

Se alguém me falasse há três anos, que hoje eu estaria casado e com um filho, eu chamaria essa pessoa de maluca. Agora eu digo que foi a melhor coisa que já me aconteceu.

— Gostou da festa, meu filho? — Indago assim que chego ao lado dos dois.

— Sim, papai. — Responde-me.

— Filho, por que você não pega aquele embrulho que a mamãe falou?

Ele acena com a cabeça e sai correndo para a sala para pegar. Quando volta me entrega. Fico olhando sem entender.

— Para mim? — Questiono. — Mas o aniversariante é você, meu anjinho.

— Foi a mamãe quem deu. — Ele diz.

Pego a caixa e balanço com a intenção de descobrir o que é e a Luíza fala com um sorriso no rosto:

— Abre logo, seu bobo!

Sento-me no balanço que tem na varanda e os dois ficam em pé na minha frente esperando que eu abra. Levanto a tampa da caixa e vejo roupinhas de bebê e um teste de gravidez.

Pego para olhar e encontro duas linhas azuis. Levanto a cabeça e encontro o olhar da

Luiza. Ela me olha com lágrimas nos olhos.

— Isso quer dizer o que eu estou pensando? — Pergunto.

Ela acena com a cabeça em acordo e pega uma das roupinhas para me mostrar. Vejo uma blusa com a frase sou do papai e outra com a frase sou do irmão.

Coloco tudo ao meu lado e levanto. Beijo sua barriga diversas vezes e, mais uma vez, eu estou com lágrimas descendo pelo meu rosto.

Vejo os nossos amigos se aproximarem.

— Está chorando outra vez, Cadu? Já está virando rotina, cara. — O Marcelo fala me zoando.

— Vou te falar o motivo e vamos ver o que você vai fazer, idiota. — Digo com um sorriso enorme no rosto. Faço uma pausa. — Meu filho acabou de me dar um presente. — Pego a blusinha e mostro para ele. — Eu vou ser pai!

Assim que acabo de falar vejo todos eles, sem exceções, com lágrimas nos olhos. O Marcelo me puxa para um abraço e diz: — Parabéns, papai. Não conheço ninguém que mereça mais esta felicidade do que vocês.

****

Minha sogra está sentada em um sofá, do lado da vó Aurora, na sala da nossa casa, quando meu filho chega e senta-se entre as duas. A senhora. Elizângela está praticamente sem sequelas e, apesar do Alex ainda preferir ficar sozinho, ela vive grudada com ele.

A Luíza está sentada ao meu lado no outro sofá com uma barriga enorme. Ela está grávida de gêmeos e podem nascer a qualquer momento.

Eu a convenci para que diminuísse o ritmo do trabalho para tentar estender mais a gravidez, já que a de gêmeos costuma ser mais curta.

Estamos esperando para assistir uma reportagem sobre o Centro que irá passar na televisão.

— Já vai começar! — A minha sogra diz empolgada.

Escuto quando a apresentadora começa a falar: — Hoje nós iremos falar sobre o Centro de Reabilitação Recomeço. Depois de quatro anos de funcionamento ele é tido como referência no tratamento de síndrome de Down, autismo, paralisia cerebral, entre outros, usando a equoterapia.

— Edu? — A Luíza me chama.

Viro-me para ela e vejo que está com os olhos fechados.

— O que aconteceu, Anjo?

— Acho que está na hora. — Diz baixinho para que só eu a escute e força um sorriso.

— Hora de quê, Anjo? — Digo sem entender. Ela olha-me e entendo o que quis dizer. — Nossos filhos vão nascer? — Pergunto alto e todos olham em nossa direção.

— O que você está sentindo, minha filha? — Minha sogra pergunta a Luíza e se levanta para vir para o nosso lado.

— Estou desde manhã sentindo dor nas costas e a barriga ficando dura as vezes. Agora está diminuindo os intervalos e a dor está mais forte.

— Por que você não me falou nada, Anjo?

— Porque eu não queria passar o dia deitada e, sei que se eu te falasse, você não me deixaria fazer nada hoje.

— Agora não adianta discutir. Liga para a médica dela, Carlos. Avisa que ela entrou em trabalho de parto e, que provavelmente, não vai demorar muito pelo tempo que começaram as contrações.

Não digo mais nada. Pego o telefone e ligo para a médica. Ela é a esposa de um dos médicos aqui do Centro e foi muito bem recomendada. Ela atende no segundo toque.

— Boa noite. Aqui quem fala é o Carlos Eduardo, doutora. A Luíza entrou em trabalho de parto.

— O que ela está sentindo exatamente? — Pergunta-me.

Repito o que a Luíza falou e incluo as palavras de minha sogra também.

— A senhora está no hospital hoje? — Indago.

— Vocês deram sorte. Estou aqui no Centro. Traga a Luíza para cá que eu vou examiná-la.

— Ok. Chegaremos aí em dois minutos. — Desligo a ligação. — Vamos, Anjo! A doutora está aqui no Centro mesmo.

— Pega as bolsas lá no quarto, Edu. — A Luíza me pede.

Quando me viro para subir, vejo o Alex parado em um canto assustado. Paro na sua frente e me abaixo para falar com ele.

— O que foi, meu anjinho?

— A mamãe está dodói?

— Não, meu filho. Está na hora dos seus irmãozinhos nascerem. Lembra o quê nós conversamos? — Balança a cabeça em acordo. — O papai vai levar a mamãe para o hospital e, quando voltarmos, vamos estar com os seus irmãozinhos. Você vai ajudar a cuidar deles?

— Sim. — Diz e dá um sorriso.

Estou preocupado com a Luíza, mas nunca passaria pelo Alex assim e não daria atenção. Não quero que ele pense que porque os irmãos vão chegar, mudará alguma coisa do que sentimos por ele.

— Muito bem! Agora o papai vai pegar as bolsas para levar a mamãe. Você se comporte com a bisa e a vovó, ok?

Ele diz que sim e eu corro para pegar as bolsas. Não vejo a hora de conhecer os meus filhos.

Quando volto, encontro a Luíza com o Alex sentado ao seu lado.

— O papai vai levar a mamãe e você vai ficar aqui com a vovó e com a bisa, ok? — Escuto quando a Luíza fala para o Alex. — Promete que vai se comportar?

Ele acena que sim com a cabeça e vai para o canto da sala pegar o seu jogo. Minha sogra se aproxima da Luíza para falar com ela.

— Eu vou com vocês, minha filha.

— Não, mãe! Eu prefiro que a senhora fique aqui com o Alex. Ele já está agitado por causa dessa confusão toda. Não quero que ele fique mais ainda.

— Tudo bem, mas, assim que meus netos nascerem, eu quero notícias.

— O senhor quer que eu vá, senhor Carlos? — A Joana pergunta.

— Não precisa, Joana. Prefiro que você fique aqui com elas e, se precisar de alguma coisa, qualquer coisa, você me liga ou corre lá no Centro. Ok?

Ela acena com a cabeça em acordo e eu saio de casa com a Luíza.

Chegamos ao Centro e encontramos a doutora na porta.

— Vamos para a enfermaria com ela, Carlos.

Entramos e eu ajudo a Luíza a subir na maca. A doutora começa a examiná-la.

— Está na hora mesmo doutora? — Indago.

— Está e realmente não deve demorar muito. Você está com dez de dilatação. Acho melhor ficarmos por aqui mesmo. — A doutora fala e se vira para o marido. — Prepara um lugar melhor para mim, meu bem? Vamos fazer este parto juntos como antigamente. Chama as enfermeiras e pega a minha maleta no carro, por favor.

Ele acena com a cabeça em acordo e sai para fazer o que ela pediu. Ainda bem que eu equipei o consultório com tudo que há de melhor.

— Precisa que faça alguma coisa, doutora? — Pergunto a ela.

— Você pode ligar e pedir para que mandem uma ambulância. Explica para eles o que está acontecendo e avisa que não dará tempo de chegar ao hospital. Que eu irei começar a fazer o parto, mas preciso da ambulância para levá-los depois.

Faço o que a doutora pediu e volto para o lado da Luíza.

— Como você está Anjo?

— Estou bem, meu amor. Só estou com as dores das contrações.

— Queria poder sentir essa dor por você, Anjo. — Encosto minha testa na dela. — Eu te amo. Obrigada por nossa família.

— Eu também te amo. Obrigada você, meu amor. Por tudo.

Dou um beijo casto em seus lábios e escuto a médica falar perto de nós.

— Vocês podem ficar tranquilos. Os bebês estavam em uma boa posição na ultrassonografia de ontem e, além da equipe médica daqui ser excelente, a ambulância vai chegar daqui a pouco. Eu já fiz diversos partos de gêmeos e, em uma boa parte desses, o Alberto estava comigo.

Assim que ela acaba de falar o Dr. Alberto entra na enfermaria.

— Está tudo pronto, meu bem. Vamos levá-la.

Ele trouxe uma cadeira de rodas. Eu pego a Luíza no colo e a coloco na cadeira para

podermos ir.

Estamos no consultório com a Luíza deitada na maca. Estão os dois médicos e mais as duas enfermeiras que estavam no Centro hoje. A ambulância deve chegar a qualquer momento.

— Vamos começar, Luíza. — A médica fala. — Quando vier a contração, eu quero que você faça força. Ok? A Luíza acena a cabeça em acordo. — Eu quero que fique ao lado dela e ajude a segurar a perna dela, Carlos. Uma enfermeira fica do outro lado. Vamos lá.

— Vamos, Anjo, eu estou aqui com você. — Digo enquanto seguro a sua mão e beijo sua testa.

— Vamos, Luíza! Um, dois, três. Força! — A médica incentiva.

— Vai, Anjo. Isso mesmo. Mais um pouco. — Falo e seguro sua perna.

— Outra vez, Luíza. Um, dois, três. Força!

— Vai, amor. Eu estou aqui. Aperta minha mão.

— Mais uma! Um, dois, três. Força. Falta pouco, Luíza.

— Falta pouco, Anjo. Daqui a pouco nossos filhos estarão aqui nos seus braços.

— A cabeça já está saindo, Luíza. Só mais uma vez. Um, dois, três. Força! A médica fala mais uma vez.

Escuto um choro forte. O choro do meu filho. Viro-me para a Luíza e ela está chorando. Junto-me a ela e choro como criança.

— Nasceu, Anjo. Nasceu! — Digo e as lágrimas descem pelo meu rosto.

A enfermeira aproxima-se e coloca o meu filho no peito da Luíza.

— Este é o menino, mamãe. — A enfermeira fala.

— Vamos ver se as contrações voltam, Luíza. Assim que retornarem, vamos fazer a mesma coisa, ok? Quando eu falar você faz força. — A médica orienta novamente.

Não consigo desviar o olhar do meu filho. A Luíza olha para mim e fala:

— Ele é lindo, Edu! Obrigada!

— Ele é perfeito, Anjo! Obrigado, amor, muito obrigado. — Beijo seus lábios mais uma vez.

Depois de mais uns cinco minutos a Luíza volta a sentir as contrações. Não demora muito e a nossa princesinha está nascendo.

— Mais uma vez, Luíza! Já está saindo. — Desta vez é o Alberto quem incentiva.

Logo depois eu escuto um choro, desta vez mais fraco, e vejo a médica com a minha filha nos braços. Ela passa para a enfermeira que a coloca no peito da Luíza também.

O meu príncipe está com o pediatra que veio na ambulância, que chegou assim que recomeçaram as contrações. Ele está bem. Só estão com ele para fazer os procedimentos necessários.

Beijo minha esposa e minha filha. Meu mundo acaba de ficar mais colorido, mais bonito. Não consigo explicar a sensação que estou sentindo nesse momento. Não tenho palavras para expressar o sentimento que tenho por esses dois.

— Vocês já decidiram os nomes? — O Alberto pergunta.

— Ainda não. Nós combinamos de escolher quando eles nascessem. A única coisa que decidimos foi que o Edu escolheria o nome da nossa filha e eu do nosso filho.

— Agora que eles nasceram, vocês já sabem qual nome irão dar? — Uma enfermeira, que não lembro o nome agora, pergunta.

Olho para a Luíza e ela acena com a cabeça que sim junto comigo.

— E quais nomes vão ser? O Alberto questiona.

— Cristiane.

— Júlio.

A Luíza e eu dizemos juntos. Olhamos um para o outro e, como já virou rotina, começam a descer lágrimas pelos nossos rostos. Estou virando uma manteiga derretida, mas não ligo. A única coisa com que eu me importo, neste momento, é com a saúde e felicidade da minha família.

Somos levados ao hospital. Ligo para avisar a minha sogra que estão todos bem e que pedi para o Luiz pega-los. Elas irão levar o Alex para conhecer os irmãozinhos.

Estamos no quarto do hospital. Os meus filhos e a Luíza passaram por todos os exames necessários e estão bem.

Minha sogra chega com a vó Aurora e o Alex para conhecê-los e eu ligo para o Marcelo e a Juliana para avisar que meus filhos nasceram. Sei que eles irão avisar as outras pessoas. A

Juliana diz que vai sair de casa agora mesmo e o Marcelo avisa que só irá pegar os tios para vir também.

Pego o Alex e mostro para ele os seus irmãos.

— São meus irmãozinhos? — Pergunta enquanto olha curioso para os berços.

— São sim, meu amorzinho. — A Luíza diz a ele. — Você agora é o garotão da mamãe. Vai me ajudar a tomar conta deles?

Nós combinamos de fazer com que o Alex participe de tudo, no que diz respeito aos bebês, para que ele não ache que vamos deixá-lo de lado.

— Vou sim, mamãe. Eles são meus amiguinhos. Eu tenho que proteger.

Olho para a minha família junta e tenho certeza de que fiz a escolha certa. Antes de conhecer a Luíza, éramos duas metades, agora, estamos completos.

— Eu te amo. — Sussurro para ela.

— Eu também te amo. — Ela sussurra de volta para mim.

FIM

Bônus um

Juliana

Estou conversando com meus amigos na área da churrasqueira na fazenda do Carlos. Hoje é aniversário da Luíza e viemos todos para cá.

Minha mãe, as tias, o senhor José e a vó Aurora já foram deitar e só sobraram a Ali com o grude dela, a Nanda com seu marido, a Lu com o patrãozinho, o Igor e eu.

A Nanda se despede e diz que precisa pegar a estrada, pois, amanhã cedo ela tem um compromisso e não pode ficar.

— Meninas, vocês me ajudam a organizar a cozinha? — A Lu pergunta assim que eles saem.

— Claro. — A Ali e eu respondemos.

— Vocês vão ajudar também. — Falo para os rapazes. — Ajudem a levar as coisas para a cozinha e, enquanto arrumamos lá dentro, vocês arrumam aqui fora.

Eles concordam e começamos a carregar as coisas.

A Ali lava a louça, eu seco e a Luíza guarda tudo, já que ela sabe melhor onde ficam as coisas.

— O que está acontecendo entre você e o Igor, Ju? — A Ali me pergunta.

— Isso, Ju. Porque nem eu entendo direito vocês dois. — Fuzilo a Luíza com os olhos.

— Está na cara que vocês estão caidinhos um pelo outro. — Olho para a Ali e ergo a sobrancelha para ela.

— Mesmo? E você se identificou com isso? — Pergunto com deboche.

— Juliana, não muda de assunto nem inverta as coisas. Pode começar a falar. — A Ali diz com um sorriso no rosto. Pelo jeito minha tentativa foi em vão.

— Tudo bem. — Jogo o pano de prato na mesa e encosto-me na pia. — Não tem nada acontecendo entre o Igor e eu. Bem que eu queria, mas, pelo jeito, ele não quer mais. — Solto um suspiro.

— Como assim, Ju? — A Ali questiona. — Conta do início para eu entender direito essa

história.

— No dia que o Igor foi conhecer a casa eu fui com ele, já que a chave estava comigo. Claro que eu me ofereci para apresentar a cidade para ele, não podia deixar passar um exemplar daqueles. Quando ele se mudou, nós fomos naquele bar que você conheceu o patrãozinho, Lu. Terminei a noite nos braços dele e o cara tem uma pegada que puta que pariu!

— Se eu já não estivesse com o Marcelo, eu ia nesse bar procurar um para mim também. Lugarzinho para dar sorte. Continua, Ju.

— Dois dias depois, ele chegou lá em casa com o seu José e veio para me beijar. Eu não deixei, agi como se nada tivesse acontecido entre nós dois. Eu não queria que a tia Rosane, minha mãe e o pai dele nos vissem. Ele saiu de lá batendo a porta e começou a me evitar. Se eu estivesse em um lugar, ele saía ou então me ignorava.

— Eu falei para ela procurar por ele e se explicar. Falar o porquê de ter feito isso. — A Lu diz.

— Eu fui e ele não deu a mínima para o que eu falei. Agora vive saindo. Chega tarde todos os dias e, nas poucas vezes em que vai à casa da tia Rosane, ainda me ignora. Eu já pedi desculpas, me expliquei. Ele quer o quê? Que eu me arraste aos pés dele? De jeito nenhum.

— Ele estava chateado, amiga. — A Lu fala parada na minha frente. — Se coloca no lugar dele. Se você fosse falar com ele depois de terem ficado e ele fingisse que não te conhecia, você também não iria gostar. Era capaz de arrumar uma confusão na mesma hora.

— O que você quer que eu faça? Sei que eu errei, mas não posso voltar atrás e desfazer.

— Tenta conversar outra vez. Já passou um tempo, ele não deve estar tão chateado. — A Ali opina.

— Isso mesmo, Ju. Nós vamos voltar lá para fora e daqui a pouco eu digo que vou entrar. Ali, você faz o mesmo logo depois. Vamos deixar esses dois sozinhos para ver se eles se entendem.

— Você já fez isso uma vez e deu certo, Lu. — A Ali diz sorrindo outra vez.

Terminamos de arrumar as coisas e voltamos para perto dos rapazes. Quando nos aproximamos deles, vejo que o Igor está tocando violão. Eu nem sabia que ele tocava.

Sento-me próxima a ele e vejo a Ali e a Lu com um sorriso de canto no rosto enquanto olham para mim.

Depois de uns vinte minutos, vejo a Lu se levantar.

— Acho que vou entrar. Estou cansada. Vem comigo, amor? — A Lu pergunta ao Carlos.

Ele levanta-se e os dois se despedem de nós.

A Ali espera mais cinco minutos e faz o mesmo.

— Eu também vou entrar. Você vem agora, lindo? — Ela chama o Marcelo.

Depois que eles se despedem de nós e entram, o Igor para de tocar e começa a se levantar. Seguro em seu braço e peço para ele: — Fica mais um pouco. Toca mais uma música para mim?

Ele concorda, volta a sentar, pega o violão e começa a tocar "Mesmo sem estar" do Luan Santana.

— *"Que tal apostar. A gente não se fala mais por um mês. Você vai ver que o tempo não muda nada. Nada. Nada, nada. Eu to aí. Mesmo sem estar."* — Canta enquanto olha em meus olhos.

Termina a música, larga o violão e se levanta mais uma vez.

— Igor, dá uma volta comigo? Não quero entrar agora. Estou sem sono.

Ele acena com a cabeça em acordo e começa a andar sem falar nada. Não sei quanto tempo andamos, mas, quando vejo, estamos próximo à cabana que tem em uma parte mais isolada da fazenda.

— Acho melhor voltarmos. — Ele diz e se vira para voltar por onde viemos.

— Espera! — Seguro o braço dele mais uma vez.

Ele vira-se para mim e eu não perco tempo. O beijo sem dar tempo para que ele me impeça. Ele toma as rédeas do beijo e aprofunda enquanto me imprensa na parede.

— O que tem aqui? — Pergunta ofegante.

— Uma cabana.

Mal termino de falar e ele já me puxa para a porta. Abre, entra comigo e fecha em seguida com o pé, voltando a me beijar.

Perco-me em seu beijo e, quando dou por mim, estamos deitados na cama. Ele para o beijo e descansa a testa na minha.

— O que você faz comigo? — Pergunta-me de olhos fechados e solta um suspiro.

— Deve ser o mesmo que você faz comigo. — Respondo com um sorriso.

— Que se foda. — Ele diz e ataca minha boca.

Puxo a blusa dele, nos afastando somente para passá-la por sua cabeça e a jogo para o lado. Ele faz o mesmo com a minha e voltamos a nos beijar.

— Tira essa roupa, Igor. Eu quero você.

Levanta-se, começa a se despir e eu tiro a minha roupa sem nem me levantar. Pega uma camisinha na carteira, que está no bolso da calça, e joga ao meu lado. Volta para a cama, me levanta e coloca-me no colo.

Passa os braços por minhas costas me puxando para mais perto e voltamos a nos beijar. Ele começa a passar a mão pelo meu corpo deixando os pelos do meu corpo arrepiados.

Mordo seu lábio inferior e o chupo, o que faz com que ele solte um gemido em minha boca.

Vira-se sem me soltar, coloca um dedo em meu centro e diz: — Está prontinha já, não é, sua safada? Fala o que você quer. Pede ou eu não te dou.

— Eu quero você dentro de mim, Igor. Para de me torturar. — Peço com um gemido.

— É isso que você quer? — Pergunta e me invade.

Aceno com a cabeça em acordo sem condições nenhuma de responder com palavras. Ele começa a se mover, aumentando o ritmo a cada estocada.

Aperta meu seio direito e leva o bico a sua boca, suga e leva-me a loucura.

Com a outra mão ele puxa a minha perna direita, colocando-a em sua cintura, o que faz com que cada estocada atinja um ponto específico dentro de mim. Em pouco tempo eu chego ao orgasmo. Ele não para. Continua a estocar sem parar, solta meu seio e a minha perna, mas não me deixar abaixá-la. Desce a mão pelo meu corpo e chega ao meu centro. Passa o dedo em meu centro, sem parar nenhum momento de se mover.

— Igor. — Sussurro seu nome.

— Vem comigo, gostosa. — Fala em meu ouvido.

Chegamos juntos ao orgasmo e ele deita-se ao meu lado.

— Uau. Isso foi bom. — Digo com um sorriso no rosto.

— Sim, mas é melhor nos vestirmos. Temos que voltar. — Levanta-se e se afasta para se vestir.

Voltamos em silêncio. Toda vez que tento falar, ele se afasta. Desisto e sigo na frente, chegando à casa primeiro que ele. Vou direto para o quarto. Ele já provou seu ponto.

****

Igor

— Quando você vai consertar a burrada que fez? — Meu pai me pergunta. — Já tem mais de duas semanas que vocês estão nesse clima.

Estou na casa da Rosane, encarando a Juliana e sei que daqui a pouco todas vão perceber. Não me importo.

Eu não consigo tirar essa mulher da cabeça desde o primeiro dia que a vi. Quando nós saímos e, depois de dois dias, ela me ignorou, eu fiquei puto da vida.

Não queria conversar e, mesmo depois dela insistir muito, a única vez que cheguei a escutar o que queria me falar, não dei muita atenção. O meu orgulho falou mais alto.

Mas, o que ferrou com tudo mesmo, foi o que eu fiz na fazenda. Ter saído logo depois de transarmos e deixa-la falando sozinha uma boa parte do caminho. Foi o meu maior erro.

Quando eu parei para pensar e vi a merda que tinha feito já era tarde. Ela estava caminhando na frente e sei que se eu tentasse falar não aceitaria me ouvir.

Tentei conversar com ela várias vezes depois disso, mas ela nunca me deixava falar.

Acabei me abrindo com o meu pai. Nós sempre fomos amigos e ele estava percebendo como eu andava estressado.

— Agora mesmo, pai. — Respondo e me levanto.

— Toma cuidado com o que você vai dizer, meu filho. Essa menina pode querer passar essa impressão que está sempre bem, para que todos pensem que ela não liga para nada, mas, no fundo, ela é justamente o contrário. O que você fez a magoou muito.

Não respondo. Sei que ele está certo. Concordo e sigo para perto dela.

— Juliana, você pode vir comigo no portão um minuto que eu quero falar com você? — Peço.

— Não tenho nada para falar com você. — Responde.

— Tudo bem! Já que você não vai, vou falar aqui mesmo. — Sento-me no outro sofá de frente para ela.

Levanta-se em um pulo e segue para o portão comigo logo atrás.

— O que você quer? — Diz e sua voz deixa claro a sua raiva.

— Isso. — Digo e a beijo. Afasta-me e, quando tenta falar, eu a calo com outro beijo. — Enquanto você não se acalmar e deixar eu me explicar, cada vez que você tentar falar, eu vou te calar desse jeito. Podemos ficar aqui a noite toda se você quiser. Não tenho pressa e vou adorar te beijar durante esse tempo.

— Idiota. Eu não tenho nada para falar com você.

— Mas eu tenho para falar com você. Quer ficar aqui com essas fofoqueiras todas olhando para nós dois ou prefere ir lá para casa? — Questiono e aponto com a cabeça para o grupo de senhoras que estão paradas na casa de frente para onde estamos.

— Espero que seja rápido, pois eu vou sair com meus amigos.

— Veremos. — Olho sério para ela e digo.

Puxo-a para minha casa e, assim que entramos, eu a pego no colo levando-a para o meu quarto.

— O que você está fazendo, seu idiota? — Pergunta assim que eu a coloco no chão e me afasto.

— Já é a segunda vez que você me chama assim. Da próxima eu vou dar umas palmadas nessa sua bunda gostosa para você aprender e aposto que você vai adorar.

— Idiota. — Diz para me provocar.

Caminho para perto dela que anda para trás. Estou com um sorriso de canto no rosto quando digo:

— Você quer isso, não é, sua safada? Já está toda arrepiada só de pensar. — Passo os dedos pelos seus braços. — Eu vou te dar o que você quer, mas antes vamos conversar. Chega de desentendimentos.

— Eu não tenho nada para falar com você. — Responde e ergue o queixo.

— Mas eu tenho e não vou deixá-la sair daqui enquanto não falar tudo o que eu tenho

para falar para você. Podemos fazer do jeito fácil ou do difícil. A escolha é sua.

— Qual será o jeito difícil? — Pergunta com deboche.

— Se eu precisar te prender na minha cama, vou fazer com o maior prazer. — Ela arregala os olhos para mim e eu sorrio ainda mais.

— Você não é maluco de fazer isso. — Diz, mas vejo um brilho de excitação em seus olhos.

Afasta-se de mim e pega o celular. Fico sem entender o que ela está fazendo até que fala:

— Você tem cinco minutos para falar ou eu vou embora. Já disse que vou sair com os meus amigos. Não vou perder o encontro que eu tenho com um boy maravilhoso por sua causa.

— Nem fodendo você vai sair daqui para encontrar com outro cara, está me ouvindo? — Falo e me aproximo dela em tempo recorde a imprensando na porta do meu quarto.

Seguro o rosto dela com minhas mãos e beijo seus lábios com fome. Essa mulher tem o dom de me tirar do sério. Ela retribui o beijo durante um tempo, mas depois tenta me empurrar para longe.

— Sai, Igor. Eu preciso ir embora.

— Fica? — Peço e encosto minha testa na dela. — Se o que você queria era me atingir falando que vai sair com outro cara já conseguiu. Só de imaginar outra pessoa te tocando eu já tenho vontade de matar o filho da mãe.

— Você não é nada meu para agir assim. Até parece que você é algum santo. Depois da primeira vez em que ficamos e eu te ignorei, você saía e chegava tarde todo dia. Aposto que era uma mulher diferente para cada noite.

— Era o que eu queria que você pensasse. — Dou um sorriso. — Queria que sentisse ciúmes e, pelo visto, consegui. Eu não fiquei com ninguém, Juliana. Não foi por falta de tentativa, mas, toda vez que eu chegava em uma mulher, eu não conseguia. Desde que ficamos a primeira vez que você não sai da minha cabeça. — Confesso.

— O que você está querendo dizer?

— Que eu estou maluco por você. Não sou de demonstrar sentimentos, mas eu quero e preciso que você saiba como me sinto a seu respeito. Eu sei que errei aquele dia na fazenda, mas eu ainda estava puto pelo que você tinha feito. Eu quis que você sentisse na pele o que eu senti. Peguei pesado, eu sei.

— Pegou mesmo. — Ela me interrompe cabisbaixa.

— Sim, mas eu me arrependi logo depois. Quando você começou a andar na minha frente e não olhou mais para mim, eu vi a burrada que tinha feito, mas sabia que se eu tentasse falar naquela hora você não aceitaria. Estou tentando conversar com você desde o dia seguinte, mas você não facilita também.

— O que você queria que eu fizesse, Igor? Você me tratou como uma qualquer. Eu sei que tinha errado, mas você me pegou de surpresa. Eu não esperava que tentasse me beijar na frente da minha mãe e da tia. Quando fui me explicar, você não me escutou. — Anda pelo quarto enquanto fala. — Quando você me beijou lá na cabana eu pensei que tinha deixado para lá o que tinha acontecido, mas era só uma vingança.

— Olha para mim. — Seguro seu braço e a viro para mim. — Não foi assim. Eu não pensei em vingança. Quando você me beijou, eu não consegui pensar em mais nada. Só pensava que eu queria te ter mais uma vez. Depois, eu não pensei direito e fiz o que não deveria ter feito. O que eu preciso fazer para você me desculpar? É só você falar que eu faço. Eu errei e você errou. Vamos esquecer isso tudo e começar do zero. Por favor.

— Depende. — Está com um sorriso no rosto que eu tenho até medo do que está por vir. — Eu não facilitei para você. Acho que vai precisar cumprir o que disse. — Dou um sorriso. Sabia que ela tinha se excitado quando eu falei que a prenderia na minha cama. — Preciso de um apelido para você também. Acho que idiota está bom. — Dá um sorriso sem vergonha para mim.

— É mesmo, minha safada? Então vem aqui que vamos resolver isso agora mesmo.

Pego-a no colo e a coloco na minha cama. Deito meu corpo por cima do seu e a beijo.

— Igor? — Não respondo. Continuo beijando seu pescoço. — Igor, para. Seu pai pode chegar e nos escutar.

— Ele não vai voltar hoje. Vai dormir na casa da Rosane. Pode ficar tranquila que a casa é toda nossa.

Volto a beijá-la. Hoje eu recupero o tempo que perdi longe dela.

Bônus dois

Elizângela

— Tem certeza, mãe? Eu posso esperar o Edu voltar. — A Luíza diz.

Sei que na verdade, apesar do cansaço, ela não quer sair de perto dos filhos.

— Claro que eu tenho certeza, Ana Luíza! Você acha que não posso cuidar dos meus netos? — Ela tenta falar, mas não deixo. — Eu estou bem, filha, e eles também. Eu sei cuidar de bebês, meu amor. Eu te criei, lembra?

— Eu sei disso, mãe, é que... — Solta um suspiro. — É estranho. Estou cansada, mas não quero deixá-los. Sei que a senhora vai cuidar deles direito, não é isso, eu não sei explicar.

— Eu entendo, filha, já passei por isso. Seu pai tinha que brigar comigo para eu tomar banho porque eu não desgrudava de você. Mas você precisa descansar um pouco ou não vai dar conta. São dois bebês e você ainda tem o Alex. Tem que aceitar que, às vezes, vai precisar de ajuda ou vai acabar doente. — Digo enquanto seguro suas mãos.

— Tudo bem! — Rende-se. — Mas se a senhora precisar de alguma coisa, qualquer coisa, me chama, ok? Vou colocar o despertador para daqui a meia hora. Obrigada, mãe.

Deixa um beijo na cabecinha da Cristiane e do Júlio e sai.

O Carlos levou o Alex com ele e me pediu para tentar convencer a Luíza a descansar um pouco. O Júlio e a Cristiane completaram dois meses ontem e ela não tem dormido muito tempo, já que os dois acordam de duas em duas horas para mamar. Quando um acaba de mamar, está quase na hora de colocar o outro.

Sento-me na cadeira de amamentação que tem entre os dois berços e olho para os meus netos. Sei que sou suspeita, mas eles são lindos.

A Cristiane é a mais agitada, enquanto o Júlio é bem mais calmo. Ela parece com o Carlos e ele com a Luíza. São gêmeos, mas são bem diferentes.

Fecho os olhos...

— Estão vendo?! — A Cristiane fala. — Quando a Elizângela e eu dissemos que a Luíza e o Cadu dariam certo juntos, vocês ficaram rindo de nós. Agora olha que coisinhas mais lindas eles nos deram!

— Pois é! Lembro-me bem daquele dia! Nós duas falamos de apresentar os dois e eles

riram. Agora estamos aqui com a prova de que estávamos certas.

— Você tem razão, meu amor! Olha para a nossa neta. Ela se parece muito com o Cadu quando era mais novo. — O Alexandre diz para a Cristiane todo bobo.

— E o Júlio se parece demais com a mãe. Eles são lindos. — Digo.

— Não podemos nos esquecer do Alex. Aquele menino ainda vai dar muito orgulho para todos nós. — Meu Júlio fala e beija minha testa. Que saudade eu senti desse contato.

— Realmente. Ele vai ser um excelente engenheiro de computação. Vai ser disputado por várias empresas do ramo. — O Alexandre diz com orgulho. — O meu xará vai ser o melhor na sua área e os pais vão viver se gabando.

— Isso mesmo! Esse menino vale ouro! Já a nossa princesinha vai ser uma amazona conhecida mundialmente. Irá ganhar muitas medalhas para o nosso país e deixará os seus pais muito orgulhosos também. — É a vez de a Cristiane falar.

— O nosso meninão aqui, — O Júlio fala e aponta para o nosso neto no berço. — Vai ser um dos melhores neurocirurgiões do país. Irá salvar a vida de muitas pessoas. Seus pais também terão muito orgulho dele. — Gaba-se.

— Eu só quero que eles sejam felizes. Isso é o que me importa. — Digo.

— E serão, meu amor. Eles e os nossos filhos. O Centro, o salão e o haras serão um sucesso cada vez maior. A Luíza e o Cadu ficarão iguais eternos namorados por essa fazenda. As crianças se realizarão profissionalmente e formarão famílias lindas também. — O Júlio me conta com um sorriso no rosto.

— Isso mesmo! Nossos bisnetos irão correr muito por essa fazenda. Esse lugar será repleto de felicidade. Ainda tem os netos de nossos amigos que estarão sempre aqui também. O Marcelo e a Aliane irão ter um casal e a Juliana e o Igor terão duas meninas lindas. — A Cristiane conta enquanto ri para mim.

— Essa família vai crescer muito. Nossos filhos terão o que nós não tínhamos. Não vão sofrer de solidão de jeito nenhum. — O Alexandre sorri enquanto fala.

— Você vai assistir a isso tudo, meu amor. — O Júlio diz sem desviar os olhos dos meus. — E nós três vamos estar sempre com vocês. Nunca se esqueça disso. Eu te amo, minha Eliz. Diz a nossa filha que eu a amo muito e tenho muito orgulho da mulher que ela se tornou.

A Cristiane se aproxima de mim, segura minhas mãos e pede: — Fala para o meu Cadu que eu o amo muito. Que estou muito orgulhosa dele também. Que eu disse que ele não poderia ter escolhido uma mulher melhor para esposa. Diz que eu estou olhando por eles.

— Isso mesmo! Fala que eu tenho muito orgulho do homem que ele é, dele nunca deixar o dinheiro subir a cabeça. Para ele continuar a ser essa pessoa de bem. — É a vez de o Alexandre pedir.

— Mãe? — Escuto a voz da Luíza ao longe. — Mãe?

Abro os olhos e ela está parada em pé na minha frente.

Olho em volta e entendo o que aconteceu. Eu estava sonhando com eles. Parecia ser tão real que por um momento eu pensei que eles realmente estivessem aqui comigo.

— Oi, filha. Eu acabei cochilando também.

— Aconteceu alguma coisa? A senhora está estranha. — Ela questiona.

— Aconteceu, sim, minha filha, mas foi coisa boa. Pode ficar tranquila. — Respondo.

— E a senhora não vai me contar? — Abaixa-se a minha frente.

— Eu sonhei com seu pai, meu amor. Com ele e com os seus sogros.

Vejo que ela está com lágrimas nos olhos.

— E o que eles falaram para a senhora estar com este sorriso enorme no rosto?

— Que vocês e os meus netos serão felizes, que amam vocês e que têm muito orgulho também.

Guardo para mim o restante. Prefiro deixar que descubram conforme as coisas começarem a acontecer. O que me importa é que serão felizes e mais nada.

Playlist

Por você (O melhor pedaço) — Sorriso Maroto Dependente — Sorriso Maroto Que sorte a nossa — Mateus e Kauan Amei te ver — Tiago Iork

Pergunta boba — Jorge e Mateus All star — Nando Reis

A mulher que eu amo — Roberto Carlos Ainda bem — Marisa Monte

Pra você guardei o amor — Nando Reis Para tu amor — Juanes

Mesmo sem estar — Luan Santana

Siga Ale Silva nas redes sociais

Facebook: https://www.facebook.com/profile.php?id=100006744347669

Wattpad: @AleSilva985